



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, LETRAS E ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

ÁQUILAS TORRES DE OLIVEIRA

**A VIDA MUSICAL NO JORNAL *O ÁTOMO*:
OS ANOS DE 1950 EM BOA VISTA – RR**

Boa Vista – RR

2021

ÁQUILAS TORRES DE OLIVEIRA

**A VIDA MUSICAL NO JORNAL *O ÁTOMO*:
OS ANOS DE 1950 EM BOA VISTA – RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Comunicação, Memória e Identidades.

Orientador: Dr. Gustavo Frosi Benetti.

Boa Vista – RR

2021

ÁQUILAS TORRES DE OLIVEIRA

**A VIDA MUSICAL NO JORNAL *O ÁTOMO*: OS ANOS DE 1950 EM BOA VISTA –
RR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Comunicação, Memória e Identidades.

Aprovado em 30 de junho de 2021.

Gustavo Frosi Benetti – Orientador
Doutor em Música pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Maranhão

Vilso Junior Chierentin Santi
Doutor em Comunicação Social pela PUC/RS
Universidade Federal de Roraima

Leila Adriana Baptaglin
Doutora em Educação pela Universidade de Santa Maria
Universidade Federal de Roraima

AGRADECIMENTOS

A Deus, por Seu amor incondicional;

Ao meu pai, Antonio [*in memoriam*], e à minha mãe, Conceição, pelo ensino, pelo incentivo e pelo carinho nos estudos e na vida. Minha reverência, meus grandes mestres!;

Às minhas irmãs, Priscila e Patrícia, por quem tenho grande admiração e estima, as quais são também minhas amigas, sempre;

À Renata, o meu grande amor, à Laís e à Lia, meus presentes dados por Deus;

Às tias Nazaré e Raimunda, que exercem com afinco o ministério da oração, e também aos outros irmãos que intercedem por mim e minha família;

À dona Rosa, seu Gabriel, Rosineia, Maria de Jesus, Dalila, Mariana, Klícia e a todos os que ajudaram direta ou indiretamente na conclusão deste trabalho;

Aos demais irmãos em Cristo pelo companheirismo e pelo amor demonstrado;

Aos meus colegas do mestrado, especialmente Cyneida e Priscila, pela ajuda em meu desenvolvimento acadêmico;

Aos amigos surgidos na pesquisa, Dilmo Pina e Meire Saraiva;

Ao meu orientador, Gustavo, pela paciência e pelo auxílio durante a pesquisa, e aos professores do PPGCOM-UFRR, principalmente Lisiane, Leila e Vilson, pelo incentivo e pelas orientações;

Aos colegas do curso de Música da UFRR e a todos os que contribuíram para que eu concluísse essa jornada.

Amo vocês! Deus os abençoe!

RESUMO

Este trabalho trata sobre a vida musical em Boa Vista na década de 1950, motivado pelas notícias veiculadas no jornal O Átomo, que circulou no período em que a região era denominada Território Federal do Rio Branco. O trabalho buscou a sustentação científica nos conceitos de Comunicação, Memória e Música. Os principais autores acionados foram: Kuhn, (1970), Burke (2010), Le Goff (1996), Candau (2011). Como aporte documental foram utilizadas, mormente, duas fontes. A primeira e principal foi a mídia impressa, com as edições do jornal O Átomo de 1951 a 1956, e a segunda fonte foi a literatura autobiográfica de dois livros, que relatam vivências na década de 1950 em Boa Vista, cujos autores são Laucides Oliveira e Walmir Pimentel. Na pesquisa histórica foi feito um levantamento do contexto político e social e das características comunicacionais mais significativas. E, por fim, a citação e análise dos eventos musicais encontrados durante a pesquisa, dialogando com os autores escolhidos, procurando entender a vida musical nessa época. Foi possível constatar uma herança nacionalista na produção musical, mas com interações internacionais, em destaque para uma crescente influência norte-americana e a presença de heranças pós-coloniais internas.

Palavras-chave: Roraima. Culturologia. Memória. Mídia. Jornal O Átomo.

ABSTRACT

This work deals with the musical life in Boa Vista in the 1950s, motivated by the news published in the newspaper *O Átomo*, which circulated, a period in which the region was called the Território Federal do Rio Branco. The work sought scientific support in the concepts of Communication, Memory and Music. The main authors called were: Kuhn, (1970), Burke (2010), Le Goff (1996), Candau (2011). As documental input, two sources were used mainly, the first and main one was the printed media, with the editions of the newspaper *O Átomo* from 1951 to 1956 (not integral), and the second source was the autobiographical literature of two books that report experiences in the decade 1950 in Boa Vista, whose authors are Laucides Oliveira and Walmir Pimentel. In the historical research, a survey was made of the political and social context and the most significant communicational characteristics. And finally, citation and analysis of musical events found during the research, dialoguing with the chosen authors, seeking to understand musical life at that time. It was possible to see a nationalist heritage in the musical production, but with international interactions, highlighting a growing North American influence and the presence of internal post-colonial heritages.

Keywords: Roraima. Culturology. Memory. Media. Newspaper

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise de Discurso

AL – América Latina

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BN – Biblioteca Nacional

BND – Biblioteca Nacional Digital

CCCS – Centro de Estudos Culturais Contemporâneos

EC – Estudos culturais

EUA – Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas

PPGCOM – Programa de Pós-graduação em Comunicação – UFRR

PPGL – Programas de Pós-Graduação em Letras – UFRR

PPGSF – Programa de Pós-graduação Sociedade e Fronteira – UFRR

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

UDN – União Democrática Nacional

UFRR – Universidade Federal de Roraima

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1: Capa da segunda edição do jornal O Átomo, em 14 de abril de 1951. 53
- Figura 2: As grandes festividades religiosas no Surumu, O ÁTOMO, 7 de abril de 1953. 66
- Figura 3: Festa de São José em Surumu, O ÁTOMO, 17 de abril de 1954. 68
- Figura 4: Congregação Mariana, O ÁTOMO, 14 de agosto 1954. 69
- Figura 5: Missa em ação de graças pelo retorno do “Tamandaré”, O ÁTOMO, 29 de novembro de 1955. 71
- Figura 6: Nota de Falecimento D. Raimunda Sampaio Moura, O ÁTOMO, 17 de outubro de 1953. 72
- Figura 7: Nota de Casamento, O ÁTOMO, 13 de junho de 1953. 73
- Figura 8: Comemorações no dia do Trabalhador, O ÁTOMO, 1 de maio de 1954. 77
- Figura 9: Comemorado o Dia do Trabalho, O ÁTOMO, 6 de maio de 1955. 79
- Figura 10: Colação de Grau dos novos professores da CNR, O ÁTOMO, 13 de dezembro de 1952. 80
- Figura 11: O Roraima em festa, O ÁTOMO, 6 de dezembro de 1952. 82
- Figura 12: Rainha do Carnaval 1954, O ÁTOMO, 7 de março de 1954. 83
- Figura 13: Rainha do Carnaval 1955, O ÁTOMO, 1º de março de 1955. 84
- Figura 14: Arraial na Roça, O ÁTOMO, 12 de junho de 1954. 85
- Figura 15: Não soltem balões, O ÁTOMO, 6 de junho de 1954. 86
- Figura 16: Convite para Festa à Caipira, O ÁTOMO, 5 de junho de 1954. 89
- Figura 17: Convite para festa do Chitão, O ÁTOMO, 2 de janeiro de 1955. 90
- Figura 18: Convite para Inauguração do frigorífico, O ÁTOMO, 28 de novembro de 1953. 92
- Figura 19: Inauguração da fábrica Regional, O ÁTOMO, 13 de novembro de 1954. 92
- Figura 20: Coluna Udenista, O ÁTOMO, 3 de julho de 1954. 94
- Figura 21: Festa da Bandeira, O ÁTOMO, 10. 8 de novembro de 1952. 95
- Figura 22: Cine Boa Vista apresenta Cangaceiros, O ÁTOMO, 25 de dezembro de 1954. 100
- Figura 23: Uma autêntica obra de arte, O ÁTOMO, 27 de setembro de 1952. 102

Figura 24: O Cine Boa Vista apresenta Beau Geste, O ÁTOMO, 12 de setembro de 1953.	103
Figura 25: Boi caprichoso, O ÁTOMO, 12 de junho 1954.	104
Figura 26: Expedição para filmar e fotografar, O ÁTOMO, 10 janeiro de 1953.	107
Figura 27: 4 selvagens do Apiaú, em Boa Vista, O ÁTOMO, 9 de maio de 1953.	109
Figura 28: Carta Aberta ao Exmo. Governador, O ÁTOMO, 23 de maio de 1953.	112
Figura 29: Coluna Diga o que sente, O ÁTOMO, 26 de setembro de 1953.	114
Figura 30: Jornal O Caniço, 1907	125
Figura 31: Jornal Tacutú, 1907	126
Figura 32: Jornal A Escova, 1907	127
Figura 33: Jornal Rio Branco, 1914	128
Figura 34: Jornal do Rio Branco, 1916	129
Figura 35: Jornal O Debate, 1956	130
Figura 36: Fotografia da década de 1950, primeira da esquerda é filha do José Estevam Guimarães	131
Figura 37: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 1	132
Figura 38: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 2	133
Figura 39: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 3	134
Figura 40: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 4	135
Figura 41: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 5	136
Figura 42: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 6	137
Figura 43: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 7	138
Figura 44: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 8	139
Figura 45: Avenida Jaime Brasil. Município de Boa Vista – 1954	140
Figura 46: Prédio onde funcionou o jornal O Átomo	141
Figura 47: Jornal Átomo: Ciência e tecnologia para todos, 1949	142
Figura 48: Exemplo de tecido chita	143

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Datas das edições do jornal *O Átomo* usadas na pesquisa 34

Tabela 2: Jornais até a década de 1950 na região de Boa Vista – RR 48

SUMÁRIO

ABSTRACT	6
LISTA DE FIGURAS	8
INTRODUÇÃO.....	13
1 APROXIMAÇÕES CULTUROLÓGICAS: COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E MÚSICA.	16
1.1 Paradigma Culturológico	16
1.2 O fenômeno social da Memória.....	22
1.3 Visão comunicacional da/para a América Latina	26
1.4 Comunicação e o Jornalismo Impresso.....	29
1.5 A música e os estudos culturais	31
1.6 Delineamento Metodológico.....	32
1.6.1 Pesquisa teórica	33
1.6.2 Pesquisa documental	34
1.6.3 Pesquisa Histórica	35
1.6.4 Análise e Interpretação dos dados.....	35
2 O BRASIL DE 1950: A MÚSICA E A IMPRENSA ESCRITA.....	38
2.1 O Brasil de 1950: A memória nacionalista.....	38
2.2 Sociedade boa-vistense na década de 1950	43
2.3 Os primeiros jornais de Roraima	48
2.4 O jornal <i>O Átomo</i>	52
2.5 Trabalhos anteriores sobre jornais de Boa Vista.....	57
2.6 Relatos autobiográficos memorialistas: Laucides Oliveira e Walmir Pimentel	61
3 A VIDA MUSICAL NA DÉCADA DE 1950 EM BOA VISTA	64
3.1 Atividades musicais no jornal <i>O Átomo</i> (1951 – 1956).....	64
3.1.1 Eventos religiosos	64
3.1.2 Eventos Cívicos.....	74
3.1.3 Festejos.....	81
3.1.4 Ensino de música.....	97
3.1.5 Cinema	98
3.1.6 Serviços de alto-falantes	104

3.1.7 Ausência Indígena	105
3.1.8 Concepções da música e músicas mencionadas.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	120
ANEXO A	125
ANEXO B	126
ANEXO C	127
ANEXO D	128
ANEXO E.....	129
ANEXO F.....	130
ANEXO G	131
ANEXO H	132
ANEXO I.....	140
ANEXO J.....	141
ANEXO K	142
ANEXO L.....	143

INTRODUÇÃO

Como eram as atividades musicais em Boa Vista na década de 1950? Essa lacuna nas pesquisas acadêmicas impulsionou a produção desta dissertação, almejando, entre outras coisas, construir subsídios para aulas de História da Música de Roraima. O contato com o jornal *O Átomo*, que circulou na década em questão, constituiu-se o subsídio principal dessa aproximação histórica.

Na década anterior, em 1940, ocorreram modificações urbanísticas no então Território Federal do Rio Branco, com ênfase na criação e organização dos bairros da cidade e a construção de ruas largas, que nesse momento tem ares rurais. A mudança estrutural da cidade coincide com a mudança política, pois, anteriormente, Boa Vista era município do Amazonas. Contudo, nem todas as áreas tiveram mudanças tão repentinas, por exemplo, a vida cotidiana não tinha o acesso a muitas tecnologias da época, porque o transporte na cidade era mais comum ser movido à força animal.

A praça central, construída durante essa fase de transformações arquitetônicas, ainda não estava concluída e era descrita por Oliveira (2007) como um “grande areal branco”, lugar esse escolhido para as principais festas cívicas que mobilizavam vários setores da população. Essa atividade tinha, sobretudo, o objetivo de contribuir com a formação nacionalista elaborada pelo governo político. Esse mesmo lugar se tornou o ponto de encontro de atividades de músicos seresteiros, que só foi possível identificar em outra fonte documental, escritos autobiográficos de moradores desse período.

Nessa década circulavam alguns jornais impressos, dentre eles *O Átomo*, que circulou, exclusivamente, durante a década de 1950. Nele pudemos encontrar menções a algumas atividades musicais, dentre elas os eventos cívicos, as festas de carnaval, há menção da banda de música do Território e as atividades dos alto-falantes, usados no dia a dia ou em festas públicas, inclusive, veiculando música.

A utilização dos jornais é pouco usual como fonte de pesquisa no ambiente acadêmico em Boa Vista, e quando aplicada é geralmente voltada para temáticas indígenas e/ou políticas. Entretanto, sobre a vida musical em Boa Vista na década de 1950 não foi encontrada nenhuma pesquisa. Este trabalho se propõe a analisar as atividades musicais da cidade tendo como fonte as publicações produzidas nesse jornal.

A partir disso, motivado pelos registros do jornal impresso *O Átomo*, foi possível fazer o questionamento: Como era a vida musical em Boa Vista na década de 1950? A fonte jornalística, vista como levantamento de memórias, passou a ser o principal documento da

pesquisa que irá se desdobrar para outras fontes e então colaborar para a historiografia da música em Roraima.

A escolha do jornal se deu por conta da sua circulação exclusiva durante a década de 1950, e nas edições encontradas (ver **Erro! Fonte de referência não encontrada.**) há menções sobre atividades musicais muito frequentes, o que viabilizou a pesquisa nesse meio jornalístico. Os relatos autobiográficos de Laucides Oliveira e Walmir Pimentel se somam à pesquisa, visto que trazem diversas informações das atividades musicais em Boa Vista, com detalhes da vida nesse período, porque os dois eram moradores da cidade e deixaram memórias registradas.

A partir disso, o trabalho busca colaborar com a discussão da história da música e trazer também contribuições na área de Comunicação, pois em seu cerne está um veículo comunicativo da segunda metade do século XX. Traz à tona e discute a memória para auxiliar na reflexão dos processos históricos que formam a cidade.

Tendo como ponto de partida o jornal *O Átomo*, a pergunta norteadora foi pensar quais eram as características musicais em Boa Vista em 1950, baseadas nas menções no jornal *O Átomo*?

Para responder essa pergunta, formulou-se o seguinte objetivo geral: elaborar um panorama analítico da vida musical na década de 1950 em Boa Vista – RR, baseado no jornal *O Átomo*. E, como objetivos específicos, foram pensados em três etapas, que nortearam a estrutura da pesquisa:

- 1- Estabelecer uma relação entre a Comunicação, a Memória e a Música para um diálogo da vida musical em Boa Vista de 1950.
- 2- Fazer uma contextualização da década de 1950, no Brasil e em Roraima, levando em consideração, principalmente, o aspecto sociopolítico, a mídia impressa e a música.
- 3- Desenvolver um panorama analítico das atividades musicais em Boa Vista na década de 1950, usando como base as referências encontradas.

Segundo Silva (2016), os trabalhos de pesquisa envolvendo música em Roraima se intensificaram a partir de 2013, após a chegada do Curso de Música na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Não foi encontrado nenhum trabalho sobre a perspectiva musical no período estudado.

O caminho escolhido para o trabalho se deu pela visão do fenômeno em seu aspecto cultural e estabelecendo aproximações entre a Comunicação – com os Estudos Culturais e da História – com a Escola francesa dos Annales (Correntes que também influenciaram pesquisas

Musicológicas distintas). Na busca pela melhor compreensão, dividiu-se nos seguintes capítulos:

- No capítulo primeiro, com o título *Aproximações culturológicas: Comunicação, Memória e Música*, são abordadas as bases teóricas da pesquisa e, ao final, o caminho metodológico adotado na pesquisa.
- No segundo capítulo, foi pensada na construção sucinta da historiografia do Brasil, incluindo Boa Vista em suas principais características na cena social, política, musical e na imprensa; e a discussão de alguns trabalhos que tenham relação com a temática.
- No terceiro capítulo, é feita uma análise dos eventos musicais contidos no jornal *O Átomo* e nos relatos dos memorialistas, baseada no referencial teórico desenvolvido e na contextualização histórica construída na pesquisa.

A proposta é incluir essa pesquisa em meio a muitas que virão e trarão outras contribuições musicológicas e comunicacionais para a região. Esse trabalho também almeja ser um dos suportes nas minhas aulas de História da Música em Roraima. Em virtude da minha função como docente, ambiciono ver outros pesquisadores sendo formados, inclusive, pela UFRR, os quais se interessem em continuar o debate da nossa história. Desejo, com isso, contribuir para o desenvolvimento da historiografia local trazendo reflexões nas áreas de Música e Comunicação.

1 APROXIMAÇÕES CULTUROLÓGICAS: COMUNICAÇÃO, MEMÓRIA E MÚSICA

Para a compreensão da vida musical em Boa Vista, em 1950, foi feita uma aproximação teórica entre Comunicação, Memória e Música, e então adotado o seguinte procedimento: de conceituação de paradigma e de paradigma culturológico; a Memória como fenômeno social; as características dos Estudos Culturais (EC) na América Latina (AL); os estudos de Comunicação com jornais impressos; a música nos EC; e o caminho metodológico adotado na pesquisa.

A vida musical em Boa Vista não é muito explorada em estudos acadêmicos. Segundo Benetti (2020) são poucos os trabalhos encontrados com a temática musical, e constatamos que menos ainda são os que se relacionam com os processos comunicacionais dessa parte da Região Amazônica. Nessa pesquisa nos aproximaremos da vida em Boa Vista na década de 1950, motivados por sua representação no jornal impresso, especificamente, no jornal O Átomo. Esse tipo de recurso documental em pesquisa nas Ciências Humanas foi fruto de uma mudança paradigmática impulsionada, sobretudo, pelos estudos franceses de cultura e na visão culturológica desenvolvidos na Comunicação.

1.1 Paradigma Culturológico

A visão culturológica constituiu um novo paradigma no ambiente científico e o seu alcance pode ser visto em várias áreas do conhecimento. Para o conceito de paradigma, nos aproximamos da obra “A estrutura das revoluções científicas”, de Thomas Kuhn (1970), que considera o paradigma a base das ações científicas que são [...] “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1970, p. 13).

A ideia da existência de um paradigma é que ele funciona como uma unidade de ações macro, que padroniza a racionalidade a ser usada, sendo aceita pela comunidade acadêmica como válida, que em um segundo momento passa a ser a principal estrutura técnica das pesquisas. Até essa consolidação existem quatro etapas (KUHN, 1970) para o surgimento e mudança de paradigma. A primeira, chamada de Pré-Ciência; a segunda, de Ciência Normal; a terceira; de Ciência Extraordinária; e, por último, uma nova Ciência Normal.

A primeira etapa é caracterizada por ser um momento mítico ou irracional, denominada como Pré-Ciência, uma vez que não existem bases para uma estrutura científica, mas é motivadora para uma futura construção coerente.

O paradigma estabelecido é chamado de Ciência Normal, quando então passa a ser aceito pela classe acadêmica como um paradigma consolidado. O paradigma traz momentaneamente respostas satisfatórias para as questões suscitadas, contudo, ele tem sempre um limite na possibilidade de resolução de problemas, em situações distintas, não satisfatoriamente contempladas precisará ser modificado. É um fenômeno de readaptação para continuar produzindo respostas coerentes, entretanto, o seu esforço de mudança chega a um esgotamento estrutural, abrindo caminho para o surgimento de um novo paradigma, chamado nesse caso de Ciência Extraordinária.

A Ciência Extraordinária, ou Ciência Revolucionária, é quando ocorre uma ruptura com a estrutura da Ciência Normal, motivada pelo colapso nas proposições de perguntas e respostas. Nesse novo modelo é adotado outro paradigma e passa a ser uma nova ciência normal, até que haja um novo esgotamento.

Podemos ter a percepção de que os valores científicos, apesar de buscarem a coerência, serão sempre momentâneos, estarão à procura do próprio aprimoramento desse conhecimento de acordo com novas necessidades. O paradigma direciona os olhares e delimita tipos de explicação, baseados em modelos firmados em um conjunto de teorias, que orientam hipóteses e determinam juízos. “Todo o paradigma serve à introdução de um 'feixe de incertezas e convicções', [...] que autoriza a formulação de 'perguntas legítimas e oportunas', acompanhadas dos protocolos científicos que encaminham as suas respostas” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 57).

Conforme Polistchuk e Trinta (2003) os paradigmas são pensados como modelos gerais, sendo a estrutura em que serão construídas as teorias científicas, que serão protótipos, e conduzirão as práticas metodológicas científicas. Tem a ver com ruptura de entendimentos gerais que modificam e são modificados por elas, direcionando as ações no ambiente científico.

O paradigma culturoológico no ambiente de pesquisas históricas surge como ciência extraordinária a partir de meados do século XVIII e se estabelece como ciência normal a partir da década de 1929. No momento de sua consolidação, esse modelo estava em oposição às propostas positivistas e ao materialismo histórico, especificado por Burke (2010).

Por volta de meados do século XVIII, um certo número de escritores e intelectuais, na Escócia, França, Itália, Alemanha em outros países, começou a preocupar-se com que denominava a "história da sociedade". Uma história que não se limitava a guerra e a política, mas preocupava-se com as leis e o comércio, a moral e os “costumes”, temas que haviam sido Centro de Atenção do famoso livro de Voltaire *Essai sur les moeurs*. No decorrer dos anos 60 e 70, porém, uma importante mudança de interesse ocorreu. O itinerário intelectual de alguns historiadores dos *Annales* transferiu-se da base econômica para ‘superestrutura cultural’ [...]. (BURKE, 2010, p. 18 e 91).

Ou seja, a temática tradicional estava desgastada, o estudo por outras ações humanas era necessário para o fazer histórico, entendendo a cultura como parâmetro principal do entendimento histórico. E desde os seus primórdios trouxe sempre características multidisciplinares em sua abordagem.

Se observarmos os *Annales* de uma perspectiva global, contudo, é melhor avaliá-lo como um paradigma (ou, talvez, um grupo de paradigmas), mais do que o paradigma da ciência histórica. Talvez seja útil examinar os usos e as limitações desse paradigma em diversas áreas da história, geografia, cronologia e tematicamente definidas. (BURKE, 2010, p. 139).

Os modelos anteriores ao da visão cultural na história foram o positivismo, que fazia uma oposição mais direta; e o marxismo, entendido como influenciador ou até mesmo como uma continuidade da visão culturoológica.

Podemos perceber que o positivismo não reconhecia a legitimidade da História Cultural, pois a considerava como menos confiável, de valor secundário e amadora, por fazer uso de documentos não oficiais e por não ajudar na construção do estado, então idealizado (que era um dos seus principais objetivos desse paradigma). O positivismo, que tinha como um dos seus principais nomes Augusto Comte e chamava os estudos em cultura de ‘insignificantes detalhes estudados infantilmente pela curiosidade irracional de compiladores cegos de anedotas inúteis’, e defendia o que chamou, numa frase famosa, ‘uma história sem nomes’ (COMTE, 1864, p. 26 apud BURKE, 2005, p. 20).

O documento oficial¹ tinha para os positivistas uma melhor confiabilidade, aparentemente por sofrer menos com interferências particulares. Como se esses documentos atestassem com mais rigor a realidade. Uma das grandes contribuições desse modelo de pensamento foi o de poder, por meio da grande valorização dos documentos oficiais, preservar parte da memória documentando o passado.

Um dos principais meios de difusão dessa corrente foi a revista francesa *Annales d'histoire économique et sociale*, e os pioneiros foram Marc Bloch e Lucien Febvre, que pensaram sobre a história da cultura popular influenciados, especialmente, pela Sociologia. A partir de então, podia-se interpretar mais materiais além de textos específicos, usa-se como fonte de análise pinturas, poesias, jornais, dentre outros dados tomados como evidências culturais, e que até aquele momento não tinham finalidade interpretativa.

¹ É entendido como aqueles produzidos por instituições do Estado, da Igreja, ou qualquer que tenha autoridade social.

Essa corrente historiográfica, fundada por historiadores franceses contrários à restrição da pesquisa histórica aos eventos e aos documentos oficiais, propugna a história de longa duração e, nessa acepção, qualquer tema pode ser objeto do estudo histórico; sua compreensão da história social amplia sobremaneira a noção de documento. (FIGARO, 2015, p. 151).

Para Burke (2005) o princípio cronológico dos estudos culturais remonta ao início do século XIX, em que divide de maneira didática a história em 4 etapas temporais, iniciando com a História Clássica, no período de 1800 a 1950; a História Social da Arte, de 1930 e 1940; a História Cultural Popular, de 1950 e 1960 e a Nova História Cultural, a partir dos anos 1970.

Na primeira, denominada Clássica, tem como origem a Alemanha, sendo o termo “clássico” fazendo referência, tanto a uma base histórica da História Cultural, quanto pelos historiadores desse período que concentraram os seus estudos em obras de referências de várias áreas. Tendo como principais nomes o historiador suíço Jacob Burckhardt e historiador holandês Johan Huizinga.

A segunda etapa iniciada a partir de 1950 tem como a maior influenciadora a Sociologia, com Max Weber, que buscava uma explicação cultural para as mudanças econômicas. Um dos nomes mais marcantes foi Aby Warburg, que procurava em sua investigação respostas culturais produzidas pela tradição clássica e por suas transformações históricas a longo prazo. Os trabalhos de Warburg influenciaram outros pesquisadores, entre eles o historiador Ernst Gombrich; o filósofo Ernst Cassirer; e os historiadores da Arte Fritz Saxl, Edgar Wind e Erwin Panofsky.

Na década de 1930 houve uma migração dos integrantes do Instituto Warburg para a Inglaterra (com Saxl e Wind) e para os Estados Unidos (com Cassirer, Panofsky já estava lá). Essa diáspora ocasionou uma forte influência na produção da História Cultural, da História da Arte, da Sociologia e de certos estilos de Filosofia desses países que os acolheram (BURKE,2010).

Ainda na década de 1930 e 1940 essa corrente francesa da historiografia foi influenciada pela visão antropológica de Franz Boas², que ia contra a interpretação evolucionista, procedimento comum em sua área de trabalho, que usava o método de comparação entre cultura, para em seguida estabelecer um processo natural de desenvolvimento humano. Nesse

² Franz Uri Boas nasceu em 9 de julho de 1858, em Minden, Alemanha. Trouxe muitas inovações para a Antropologia americana, entre elas a não hierarquização cultural e contra a visão de evolução cultural. Foi também um dos pioneiros da pesquisa etnográfica. No dia 16 de outubro de 2019 foi realizado o Seminário ‘Ciência, Ética e Antropologia: 100 anos da Carta de Franz Boas ao Jornal The Nation’. Na Universidade Federal do Amazonas promovido pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social – PPGAS.

modo combatido ficava claro os povos mais ou menos evoluídos. Para Boas, o parâmetro de estudo é o próprio povo.

Franz Boas defende que o método histórico é o mais adequado para aprofundar e esgotar o estudo da cultura de um povo, buscando entendê-lo em suas particularidades para realizar uma reconstrução histórica da vida daquele povo. A grande contribuição de Boas é contestar teorias que querem traçar proximidades entre raça e personalidade, tão em voga no início do século XX. (FIGARO, 2015, p. 151).

Os trabalhos que deram novas características à pesquisa histórica no ambiente cultural foram de Arnold Hauser, com interações marxistas mais convencionais, particularmente, na História Social da Arte (1951); de Eric Hobsbawm em História Social do Jazz³ (1959), que estabeleceu a relação político social da música; com Edward Thompson em “A formação da classe operária inglesa” (1963), que influenciou outros trabalhos para o enfoque de grupos tidos até então como não “dignos” dos estudos históricos.

Os estudos culturais na América Central e do Sul foram bem recebidos, inclusive, no Brasil.

No Brasil as aulas de Braudel, na Universidade de São Paulo, nos anos 30, são ainda lembradas. A famosa trilogia sobre a história social do Brasil do historiador-sociólogo Gilberto Freyre (que conheceu Braudel nessa época), trabalha com tópicos como família, sensualidade, infância e cultura material, antecipando a nova história dos anos 70 e 80. A representação de Freyre de casa-grande como um microcosmos e como metáfora da sociedade híbrida, agrária e escravocrata impressionou Braudel, que o citou em sua obra. (BURKE, 2010, p. 132).

Na Comunicação, o Paradigma Culturológico iniciou no final da década de 1950, com Richard Hoggart, Raymond Williams e E. P. Thompson, que estavam interessados nos estudos culturais contemporâneos na transição do século XX para XXI. Na década de 1960, fazem parte das pesquisas com o sociólogo Edgar Morin, o semiólogo Roland Barthes e o estudioso de cultura Umberto Eco. Tal modelo se opõe à Teoria-crítica, buscando uma interpretação na antropologia cultural, dando menos importância aos meios de comunicação e mais a “produções significativas’ da indústria da cultura’ como filmes, seções de jornais, revistas especializadas, histórias em quadrinhos, ficção de TV e etc.” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 126).

Também em 1964 temos a criação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos (CCCS), na Universidade de Birmingham, que foi motivado pelas mudanças culturais ocorridas na classe operária da Inglaterra no pós-guerra, buscando, além disso, o aumento da produção

³ O autor, apesar de ter interações marxistas, não se apoia em uma visão rankeana clássica, mas, busca também os valores sociais.

da história da cultura popular. O seu fundador foi Richard Hoggart, que em sua pesquisa modifica a temática e o método.

Na pesquisa realizada por Hoggart, o foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos meios de comunicação de massa, através de metodologia qualitativa. Este trabalho inaugura o olhar de que no âmbito popular não existe apenas submissão, mas, também, resistência [...]. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 28).

Passou-se a identificar e a valorizar vários setores sociais percebendo os processos culturais, indo além de conceitos dicotômicos como “dominante e dominado”, excluiu-se também o conceito de “baixa e alta cultura”, que era segregador e não dava conta da complexidade agora percebida na sociedade. Denominou-se de cultura de massa, percebendo características e conflitos em diferentes setores da sociedade.

Uma diferente mudança dos EC foi em perceber a Cultura não associada a um tipo de civilização ou sua ligação com a produção artística específica, mas se estuda os modos particulares de vida e suas diferentes práticas sociais. Outro pensamento inovador foi de perceber que a comunicação não é apenas a transmissão de informação, mas existe também a variante da recepção da informação, entendendo que as respostas são plurais.

A tentativa de uma nova visão epistemológica surgiu das transformações ocorridas após a Segunda Guerra Mundial, período de mudanças rápidas no ambiente de políticas de resistência das classes e de influência ou a imposição americana nos meios de comunicação (ESCOSTEGUY, 2010).

Os EC na música se iniciam na década de 1970, levando em consideração o desejo de se aproximar da Antropologia norte-americana, indo além da etnografia⁴ e da Musicologia comparada⁵, já que se buscava compreender a música além do evento sonoro, a fim de ampliar a análise como fenômeno social, ou seja: “Não mais a análise da música como fenômeno sonoro em si, mas sim da música como elemento de processos culturais de relevância para o presente ...” (BISPO, 2004, p. 16).

A partir das reflexões, como de Kuhn (1970), podemos perceber a ciência dentro de uma historicidade, identificando seus sistemas de mudanças e entres elas a visão cultural, que passou a estar em uso frequente nas áreas de Comunicação, História e Música, e contribuir para uma

⁴ Segundo Mattos (2011), a “Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia, é a forma de descrição da cultura material de um determinado povo (MATTOS, 2011, p. 53).

⁵ De um modo geral, a musicologia comparada está preocupada com a produção tonal e em perceber relações nas músicas folclóricas com aquelas produzidas na Europa (DEMORE; MAGALHÃES-CASTRO, 2020, p. 43).

nova maneira de entender os processos históricos, na busca por respostas a questões atuais, em que os modelos anteriores não davam conta das inquietações que surgiam na sociedade.

Os jornais impressos, principal documento de pesquisa deste trabalho, puderam ser instrumentos de análise científica, a partir da mudança de paradigma dos estudos de cultura, considerados como recurso documental importante de memória.

1.2 O fenômeno social da Memória

O termo memória, como ação social, muitas vezes é associado à ação de simples armazenamento de informações, como algo estático, não dando conta dos interesses que formam a complexidade dessa ação.

A memória, para Le Goff (1996), é um fenômeno de conservação de informações que possui dois momentos: o primeiro, quando a forma de registro é uma atribuição psíquica, estando ligada à personalidade de quem é aceito para tal finalidade; e em um segundo momento, ganha outros meios de armazenamento, quando pode ser facilmente visitada por diversas pessoas. Esse aprimoramento de guarda tem o intuito de facilitar o acesso às informações sobre os acontecimentos passados, o que gera a agilidade em mudanças nas considerações sobre o passado ou até mesmo das informações armazenadas.

Nas sociedades sem escrita era necessária uma pessoa responsável pela guarda da memória e o acesso estava ligado aos seus relatos orais. Com o armazenamento escrito foi “de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória” (LE GOFF, 1996, p. 425). Os atos a serem lembrados podiam ser analisados por um número maior de pessoas, transformando a estrutura da memória coletiva, que sempre foi um ambiente de lutas sociais na busca pelo poder e assim continua, mas com outra possibilidade de acesso facilitado a registros desse passado.

Segundo Goody (1977), as duas funções principais da memória escrita são a do “armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro” e permite “assegurar a passagem da esfera auditiva à visual” (GOODY, 1977, p. 78 apud LE GOFF, 1996, p. 425). O que permite revisitar com facilidade, de maneira minuciosa.

A Nova História Cultural contribui com mudanças sobre a memória, dado que, “se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, pode ser interpretada como ‘uma revolução da memória’ [...]” (LE GOFF, 1996, p. 474). A mudança nessa visão foi, além

de considerar fontes diversas de memória, mas também outros temas pesquisados para o entendimento social.

Outro ponto importante da memória é o esquecimento, sendo intrínseco a qualquer modelo de construção que armazene informação, afinal, não se pode recordar de tudo. Parte é sempre perdida, e esse ato é elemento importante do fenômeno, em razão da recusa por registrar algo ser intencional. Isso é útil para entendermos o mecanismo de seleção escolhido, que dá indícios de seus valores, ou seja, o esquecimento que muitas vezes é associado a um fenômeno voluntário do indivíduo, é também uma ação promovida no ambiente coletivo, visto que o silenciamento de informações tem o interesse em um tipo de construção de memória coletiva.

[...] a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 1996, p. 426).

O jornal impresso é uma fonte de memória, já que é entendido como um registro do passado, contém produto das representações sociais e pode revelar parte do conflito de poder para a construção de uma memória coletiva. O acesso aos dados, como os jornais, constitui um elemento em constante transformação, em razão de sua guarda e uso serem feitos de forma intencional, vinculados aos interesses de quem dele se utiliza. "O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios" (CHANGEUX, 1972, p. 356 apud LE GOFF, 1996, p. 424). Ou seja, os jornais não falam por si, quem dele se utiliza, interpreta e lhe atribui valores.

Perceber o conflito é perceber uma das maneiras válidas de pensar o uso da memória, em sua aplicação social, entendendo o seu poder na construção da memória coletiva e a sua administração também como mecanismo de esquecimento ou silenciamento. Essa seleção visa o favorecimento de um modelo específico de um grupo social ou de interesses.

Para Le Goff (1996) a memória só deve ser aplicada com vistas ao beneficiamento da sociedade. "Cabe, com efeito, aos profissionais científicos da memória, antropólogos, historiadores, jornalistas, sociólogos, fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica" (LE GOFF, 1996, p. 478).

Com as renovações e diversificações temáticas, os jornais também têm sido utilizados para abordagens em outros campos da História para além dos eixos políticos e econômicos, contribuindo, por exemplo, para estudos sociais, culturais, literários, de gênero etc. Os jornais fazendo parte da mudança paradigmática são fonte densa de informações, sendo de importante

contribuição, não como dados de segunda importância, mas com contribuições científicas primárias, podendo ser usados como fonte principal na construção do saber científico.

O historiador Candau (2011) trabalha o conceito de memória, considerando-o um elemento fundante de qualquer pesquisa em Ciências Humanas. Esse autor identifica um novo paradigma, já que existe quase um consenso entre os pesquisadores de que a memória é uma construção social, buscando um contraponto com visões anteriores, que são mais mecanicistas das informações. Portanto, a memória são escolhas de quem a guarda ou acessa, portanto, nunca será um fenômeno neutro, mas sempre baseado na seletividade de quem dela se aproxima.

O uso da memória está ligado à formação do sujeito, que precisa do passado para se formar e ela “nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível reviver graças à lembrança” (CANDAU, 2011, p. 14). Contribuindo para a formação da sua identidade, que sem memória sucumbiria, já que sua caracterização passa pelo ato de relembrar o passado.

Logo, a memória, que ao mesmo tempo forma o indivíduo é formada por esse, que a manipula como lhe convém. Nesse sentido, “[...] atua na construção da identidade do sujeito é ‘o trabalho da reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade’” (CANDAU, 2011, p. 16). A memória não é passiva, os dados não falam por si, o registro pode não sofrer alterações de conteúdo, mas a forma de acesso e sua interpretação sim.

Para Candau (2011), o que costumamos chamar de memória, esse fenômeno se manifesta em três níveis distintos. O primeiro é a Protomemória, o segundo é a Memória e a terceiro é a Metamemória.

A Protomemória, ou memória de baixo nível, é a memória repetida, pensada como memória hábito, em que o autor se baseia com o *habitus*, de Bourdieu (CANDAU, 2011, p. 22). Ressalta-se que o hábito é fortemente influenciado pela protomemória.

[...] Memória social incorporada, por vezes marcada ou gravada na carne, bem como as múltiplas aprendizagens adquiridas na infância e mesmo durante a vida intrauterina: técnicas do corpo que são o resultado de uma maturação ao longo de várias gerações, memórias gestuais. (CANDAU, 2011, p. 22).

Quando se faz uso da protomemória, ela não é notada, porque é um *habitus* incorporado, essa é a memória mais confiável para uma pesquisa antropológica, uma vez que aumenta a dificuldade de ser manipulada. Existem menos mecanismos de defesa, que poderiam encobri-la.

A segunda é a Memória propriamente dita, ou Memória de alto nível. Ela está ligada ao ato de recordar e reconhecer, esta é altamente sujeita à interpretação, podendo facilmente sofrer interferências. É sempre alvo de manipulações, por isso menos confiável em pesquisa.

[..] é essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica [...] feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória. (CANDAUI, 2011, p. 23).

A terceira memória é a Metamemória que é “a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo a seu passado e igualmente [...] a construção explícita da identidade” (CANDAUI, 2011, p. 35).

Essa é a memória reivindicada, sendo uma representação, que se refere ao próprio ato de armazenar informações. É preciso fazer a ressalva de que essa memória não é o mesmo que memória coletiva, apesar de ser a base de sua implementação. A fonte da memória pode ser a mesma, mas a extração de significados será diferente, “pois as sequências individuais de evocação dessas lembranças serão possivelmente diferentes, levando em consideração as escolhas que cada cérebro pode fazer no grande número de combinações da totalidade de sequências” (CANDAUI, 2011, p. 36).

O jornalista Lage (2013) aponta a mesma preocupação com o uso da memória presente nos jornais: “O cuidado maior a ser tomado ao investigar o encontro entre mídia e memória talvez seja o de assegurar a dinâmica e a diversidade dessa convergência contra qualquer tentativa de considerar as mídias uma espécie de repositórios de memórias” (LAGE, 2013, p. 1). O que está em proximidade com o pensamento de Le Goff (2006) e Candau (2013), percebendo o processo social na guarda da memória.

O uso das narrativas de memória como fonte de pesquisa também são fruto das mudanças paradigmáticas referidas, talvez os relatos orais sejam a maior recorrência, sendo um ambiente que tem se transformado e levado a trabalhos que usem de maneira cuidadosa com essa fonte documental.

Nesse aspecto, os registros que imprimem uma identidade e uma memória à cidade ganham importância como fontes. Por meio da sistematização intencional de um conjunto de fatos e acontecimentos considerados relevantes e da construção de significados que a definem como um lugar [...] permite compreender a cidade como morada e lugar de muitos, como ‘obra coletiva, como um tecido sempre renovado de relações sociais’. (SOUZA; WANKLER, 2012 p. 335).

Os jornais impressos também são a representação dos três modelos de memória. Na protomemória podemos ver em seus escritos valores sociais de sua época, que são mencionados

em sua grande maioria de forma implícita, mas que também podem ser explícitas, que se aplica para os contemporâneos ou não de sua produção.

Como Memória é a própria seleção das informações produzidas pela estrutura editorial, os assuntos e informações suscitadas nesse registro. Sendo possível analisar o caminho escolhido em elaboração.

A Metamemória está vinculada à recepção dessas informações no âmbito individual, os leitores ou os valores de uma época, como relatos autobiográficos. A literatura precisa ser cada vez mais explorada no ambiente de pesquisa histórica, pois é uma fonte importante e pode auxiliar ou mesmo ser o principal objeto na elucidação de um contexto.

1.3 Visão comunicacional da/para a América Latina

Os Estudos culturais na América Latina foram iniciados entre as décadas de 1980 e 1990. Têm como característica o desenvolvimento a partir das influências dos estudos culturais, de preferência, britânicos, da década de 1950. Os primeiros nomes que contribuíram nessa visão foram Néstor García Canclini e Jesús Martín Barbero.

A visão culturológica na AL permanece no uso da cultura como questão central em seus estudos. Isso foi a tentativa de mudança paradigmática, devido ao entendimento de que se havia um desgaste das explicações existentes, sobretudo, por não darem conta do contexto particular dessa região.

Uma das ênfases dos EC na América Latina é “uma tendência importante da crítica cultural que questiona o estabelecimento de hierarquias entre formas e práticas culturais, estabelecidas a partir de oposições como cultura “alta” ou “superior” e “baixa” ou “inferior” (ESCOSTEGUY, 2010, p. 18), talvez por viverem um processo pós-colonial como característica da região e a sua busca por significação autônoma. Inclui-se nesse processo a reflexão sobre as práticas teórico-metodológicas das pesquisas científicas.

O contexto político na AL esteve ligado ao processo de redemocratização em vários de seus países, teve como interesse “dar voz” a determinados grupos sociais, motivando o engajamento político como marca em seus estudos culturais nessa região.

A proposta de novas formas de entender a realidade foi apresentada por Santos (2010) em práticas diferentes daquelas impostas pela globalização neoliberal hegemônica e a globalização contra-hegemônica, vislumbrando uma globalização alternativa. É em seu entendimento um processo de descolonização social, econômica, política, religiosa e cultural dos povos colonizados.

A epistemologia do sul, um conceito que reforça a importância dada pelo autor ao saber local, “é uma alegoria que busca dar visibilidade ao sofrimento, à exclusão e à destruição daqueles que historicamente a muito tempo são explorados e oprimidos pelo capitalismo e colonialismo” (SANTOS, 2010, p. 15). Visa à construção de uma nova forma de pensar, que possibilite a autonomia política e cultural no processo pós-colonial da AL.

O autor Santos (2010) percebe a influência do colonialismo de longo prazo, mesmo que o processo de colonização temporalmente tenha sido superado, é a identificação de sua presença nas ações e escolhas dos povos por ele subjugados, constituindo um colonialismo interno, que se regenera mesmo na ausência de seus algozes.

A dificuldade de se pensar uma alternativa ao colonialismo está no colonialismo interno e não é principalmente reconhecida como uma prática de Estado, como acontecia no período colonial da ocupação estrangeira; é uma longa gramática social, que atravessa a sociabilidade, o espaço público, e o espaço privado, a cultura, as mentalidades e as subjetividades. (SANTOS, 2010, p. 14 e 15).

Um dos objetivos de Santos (2010 b) é propor alternativas ao pensamento capitalista global e à globalização neoliberal, sua proposta principal é a “determinar em que medida a globalização alternativa está a ser produzida a partir de baixo e quais são as suas possibilidades e limites” (SANTOS, 2010 b, p. 93).

Outro conceito trazido por Santos (2010), da sociologia das ausências, que se caracteriza como uma investigação contrária à subtração de algo ou alguém, ação que foi produzida intencionalmente em prol da construção de uma não existência. Buscando dar visibilidade ao que está camuflado, “[...] Se trata de transformar objetos impossíveis em objetos possíveis, objetos ausentes em presentes. A não existência sempre é produzida por uma entidade que a desqualifica e a considera invisível, não inteligível ou descartável” (SANTOS, 2010, p. 22).

A estrutura da sociologia das ausências é a visão monocultural, como o próprio nome sugere, a visão de que só existe uma cultura válida e todas as lógicas derivam desse princípio, variando em cinco maneiras, conforme Santos (2010). A primeira, o saber e o rigor do saber; a segunda, a monocultura em tempo linear; a terceira, a classificação social; a quarta, a escala dominante; e a quinta, a lógica produtivista.

A primeira lógica da construção das ausências é a monocultura do saber e o rigor do saber. É criado o entendimento de uma seleção de personagem ou temáticas possíveis ou consideradas relevantes. E caso algo ou alguém não esteja presente nesse cânone é declarado como não existente. É o modo de produção de não existência mais poderoso. Consiste na transformação da ciência moderna e da cultura superior em critérios únicos e de qualidades estéticas, respectivamente (SANTOS, 2010, p. 22).

A segunda lógica é a monocultura do tempo linear, com visão histórica única e sentidos rígidos. Tendo uma visão consolidada dos acontecimentos e com interpretação única e exclui tudo que foge a esta estrutura. “Está lógica produz a não existência declarando atrasado todo o que, segundo essa norma temporal, é assimétrico com relação ao que foi declarado avançado” (SANTOS, 2010, p. 22).

A terceira é a lógica de classificação social, na qual existe uma naturalização das diferenças e hierarquias, nessa lógica aquele que é considerado superior tem obrigação de modificá-lo. “[...] por exemplo, a carga do ‘homem branco’ em sua ‘missão civilizadora’” (SANTOS, 2010, p. 23). E não existe nenhuma maneira de modificar ou inverter a superioridade.

A quarta lógica é da escala dominante. É a aceitação de uma escala social, tomando uma visão global, se colocando dominante e juntamente com a negação de possibilidades distintas. “[...] a escala colocada como principal, determina a irrelevância de outras escalas possíveis” (SANTOS, 2010, p. 23). Mesmo que os contextos sejam diferentes, não existindo abertura para criação de alternativas criadas localmente, tudo é determinado pela visão escolhida como principal.

A quinta, a lógica produtivista, em que o crescimento econômico é um valor a ser buscado de forma inquestionável e indistinta, secundarizando outros valores. Nesse caso ocorre a naturalização da produção e se naturaliza ao máximo de desenvolvimento. (SANTOS, 2010, p. 24). Toda a forma de que não esteja vinculada a esse modelo de produção econômica é desvalorizada.

A sociologia das ausências busca substituir a monocultura por ecologias, ou saberes diversos, e que sobrevivem por sua própria criação interna de acordo com suas necessidades e não atendendo a uma demanda ou princípios externos. A sociologia das ausências e a sociologia das emergências marcam o afastamento com relação a tradição crítica ocidental. A partir delas é possível desenhar uma alternativa possível, a qual tenho chamado de epistemologia do sul (SANTOS, 2010, p. 27).

Essa nova forma de pensar a produção do saber geraria a epistemologia do sul, sendo a reflexão em momento consolidado. O foco não estaria nas ações injustas realizadas nos espaços colonizados, mas no quanto os ex-colonos ainda se sentem parte do sistema, que foi de explicação e ações.

Com as ecologias dos saberes e o pensamento pós-abismal, essa epistemologia do sul se baseia na ideia de uma diversidade epistemológica do mundo, reconhecendo a existência de uma pluralidade de conhecimento além do conhecimento científico (SANTOS, 2010, p. 50).

Outro conceito consequente das reflexões de Santos (2010) é a sua visão do pensamento pós-abismal, em que se passa a dar valor igual a grupos sociais. A reflexão de que a diversidade humana é vasta e a produção de conhecimento deve levar em conta os saberes de cada lugar, o autor chama esse princípio de ecologia de saberes; o segundo chamado de “copresença” em que se valoriza independente do seu grupo social.

Temos, portanto, um alargamento sobre a visão social e a preocupação com setores da sociedade não destacados até então, pois se almeja ouvi-los e incluí-los em um mesmo patamar de importância. Essa reflexão para o ambiente de pesquisas sociais foi bem aceita no ambiente da AL, porque atende ao desgastado modelo colonizador em que se almeja superar.

1.4 Comunicação e o Jornalismo Impresso

Os jornais, assim como fontes diferenciadas, são os rastros que estão aos olhos de quem tenta conhecer o passado, e esses vestígios precisam ser interpretados para assim valerem a pena terem sido usados, mas com sua singularidade. E, pensando em sua complexidade, visto que não existe um tipo de jornalismo, definido temporalmente, por modelos estruturantes e por grupos de interesses diversos.

O jornalismo que se faz na imprensa regional e local, por exemplo, é diferente do jornalismo que se faz nos grandes jornais e revistas. O jornalismo especializado é diferente do generalista. O jornalismo escolar é diferente do jornalismo empresarial. O jornalismo iraquiano é diferente do português. Os salários (quando existem), os recursos, as fontes usadas, as rotinas de trabalho e os condicionalismos da profissão são algumas das diferenças que tornam os jornalisismos diferentes entre si, nos conteúdos, na forma de contar as histórias e de debater as problemáticas. (SOUZA, 2001, p. 15).

A imprensa escrita é entendida como um meio fértil para a compreensão sobre a visão humana, nas suas representações e idealizações sociais, e a comunicação recentemente entendeu que precisava inserir “[...] a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar” (VIEIRA, 2013, p. 1).

O jornal impresso traz registrado memórias que podem ser interpretadas sobre a sociedade em que estava inserido, não como pacificador de opiniões, mas exhibe parte dos conflitos da vida e pode trazer à tona estruturas presentes na época.

O jornal tem como função primária trazer informação, mas existem funções distintas que aparecem e nem todas estão no âmbito lógico natural, como a relação social estabelecida no cotidiano, satisfazendo anseios que em primeiro momento não foram pensados. Um exemplo disso é:

[...] o fortalecimento de contatos sociais e, indiretamente, de prestígio social. A estas funções agrega-se uma de proporcionar ‘segurança’ aos leitores num mundo sempre perturbado, e uma função ‘ritualista’ ou quase compulsiva para as pessoas que leem o jornal sempre na mesma hora, no mesmo lugar e na mesma sequência. (BORDENAVE, 1997, p. 19).

Uma vez que a comunicação tem essa função de se relacionar socialmente impedindo que as pessoas fiquem restritas em seus conceitos e modos de ver o mundo, essa interação social altera diretamente a mudança da vida cotidiana. Por mais que estejam restritas ao interlocutor, elas deixam de alguma forma o isolamento social. E todas as influências do jornal não são percebidas claramente, já que “a comunicação não inclui apenas as mensagens que as pessoas trocam deliberadamente entre si. Além das mensagens trocadas conscientemente, com efeito, muitas outras são trocadas sem querer, numa espécie de paracomunicação” (BORDENAVE, 1997, p. 50).

Todavia, a função política está presente, posto que atende a interesses de quem dele se utiliza. A linguagem, que é a base da comunicação jornalística, pode influenciar as pessoas, mas o pesquisador deve ter a noção clara de que a realidade declarada é sempre diferente ou parcial daquela vivida. “A comunicação supostamente mais objetiva, como a notícia jornalística, não é mais que a ‘reconstrução’ da realidade pelo repórter” (BORDENAVE, 1997, p. 89).

Após a “revolução burguesa” a produção jornalística passou a ser caracterizada de duas formas: a francesa e a britânica. A primeira tinha como característica ser mais opinativa e a segunda mais objetiva. A produção britânica buscava uma “neutralidade” e “imparcialidade”.

Na França emergiu um jornalismo *opinativo* – apaixonado, vibrante, impetuoso – predominando o fluxo da interpretação da realidade. Na Inglaterra, firmou-se um jornalismo *objetivo* – racional, contido, comedido – imperando o relato dos acontecimentos, isolado do comentário. (MELO, 2006, p. 37).

Isso vai coincidir com o nascimento das primeiras empresas jornalísticas que, a exemplo das experiências europeias e norte-americanas, mantêm o jornal como fonte de poder político, mas também de lucro. O jornalismo assume, portanto, uma estrutura operacional típica das empresas capitalistas [...] (MELO, 2006, p. 82).

O jornalismo impresso tem sido usado como meio de divulgação de notícias, mas está atrelado a outros interesses. O historiador deve admitir, por outro lado, que os jornalistas são ao mesmo tempo testemunhas e atores e, na maior parte das vezes, porta-vozes de partidos políticos, de organizações e de interesses (ABREU, 1996, p. 9). Produzindo uma visão crítica da produção jornalística.

1.5 A música e os estudos culturais

A intensificação do diálogo entre a Música e a Comunicação é necessária, visto que já é perceptível a sua relação, estando a música presente em várias áreas da linguagem da mídia e, segundo Valente (2017), é preciso criar maneiras que fortaleçam o diálogo entre essas áreas.

Uma das bases dos EC na música é não diferenciar o repertório da sua origem social, mas entendê-la dentro de um ambiente socialmente amplo, podendo assim analisar músicas de origens diferentes, sem distinção por setores sociais. A noção de música popular perde uma característica segregadora, que muitas vezes lhe é atribuída e passa a dar visibilidade a setores ainda pouco estudados.

Portanto, o objetivo da construção musicológica passa a ser de não servir como criação ou reforço de hierarquias sociais, por ela vir de um determinado modelo composicional, ou por pertencer originalmente a determinado grupo, se aproximando das ideias de Napolitano (2002).

Minha perspectiva aponta para a necessidade de compreendermos as várias manifestações e estilos musicais dentro da sua época, da cena musical na qual está inserida, sem consagrar e reproduzir hierarquias de valores herdadas ou transformar o gosto pessoal em medida para a crítica histórica. (NAPOLITANO, 2002, p. 9).

A musicologia histórica tem em sua origem o conservadorismo, tanto na escolha temática, com os seus interesses voltados para valores europeus, quanto metodológica, que se mostrava inflexível, se utilizando apenas de alguns tipos de material documental, o que acaba por reforçar a seletividade temática. O musicólogo Bispo (2004) faz críticas a uma estrutura eurocêntrica das pesquisas.

A Musicologia Histórica surge como a área dos estudiosos conservadores por excelência, preocupados com a manutenção dos cânones da disciplina, com a presença dos grandes vultos da história da composição musical europeia na pesquisa e no ensino da matéria, com arquivos, com a edição de monumentos musicais e de manuscritos do passado, com problemas da conservação do patrimônio cultural e espiritual da Europa, avessos, – com exceções –, a questionamentos teóricos mais amplos e a reflexões culturais. (BISPO, 2004, p. 15).

A quebra de paradigma na musicologia se dá desde a década de 1960, quando se vê esgotado os modelos da Musicologia Comparativa, *Volkskunde* (ligados ao estudo de folclore) e da *Völkerkunde* (vinculado ao estudo etnografia), criando vínculos com a Antropologia da Música, precipuamente, a norte-americana.

Também desde esse período a musicologia tem tentado se desvencilhar de uma estrutura rígida na pesquisa e passa a ser influenciada também pelos EC. Seguindo a tradição britânica e norte-americana dos “Cultural Studies”, a atenção se dirige sobretudo ao Popular, focalizando

fenômenos e processos culturais pouco considerados no passado, tais como aqueles vistos antes como triviais, banais, ou próprios de classes operárias, de subculturas e minorias.

Nesse tipo de abordagem, conforme Napolitano (2002), na tentativa de desvendar a vida musical, pode-se criar um individualismo metodológico extremo, deixando de considerar outras categorias de análise social e cultural. Portanto, é preciso dialogar com diversas áreas de conhecimento ampliando a relevância social da pesquisa. Precisamos de uma relação cada vez mais interdisciplinar, transdisciplinar, também na área da musicologia, para dar conta dos esgotamentos paradigmáticos que surgem.

A vida musical em Boa Vista, ainda pouco explorada, precisa na sua construção que dialogue com essas visões não restritivas, indo além da percepção pejorativa de classes sociais ou estilos musicais, para dar visibilidade a setores sociais que foram excluídos da cena musicológica.

1.6 Delineamento Metodológico

Nesta etapa discutiremos sobre os procedimentos adotados nessa pesquisa, aqui dividimos em quatro etapas: pesquisa teórica; pesquisa documental; pesquisa histórica; e a análise e interpretação dos dados.

Este trabalho tem características exploratórias, por não haver referências sobre a vida musical da época no âmbito de pesquisas científicas. Destacando a sua relação com a Comunicação, a Memória e a Música. O jornal *O Átomo*, escolhido para ser a base das referências musicais da década de 1950, desde a sua análise preliminar, apresentou várias referências a atividades musicais, o que viabilizou a sua análise.

A pesquisa se aproxima do pensamento de Cruz e Peixoto (2007), percebendo os jornais não como subsidiários ou secundários de outra fonte, mas como fonte principal, como ponto de partida para a compreensão do objeto a ser descoberto.

Diferentemente de abordagens correntes na análise da imprensa que iniciam sua aproximação a estes materiais com questões exteriores à publicação, nossa proposta remete a um enfrentamento que se inicia no jornal e o tem como ponto de partida para a compreensão da conjuntura. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 267).

A constatação da característica exploratória da temática se deve ao fato de que não foi encontrado nenhum trabalho científico usando um veículo de comunicação, que envolvesse música de Boa Vista na década de 1950. A pesquisa foi em modo qualitativo em aporte teórico culturoológico e procedimentos de Análise do discurso.

Como ação inicial foi feita a leitura preliminar do jornal *O Átomo*, de 1953 a 1956, material disponível no site da Biblioteca Nacional Digital⁶. Foram encontrados 78 eventos vinculados à música. Com o desenvolvimento da pesquisa se optou por abarcar não apenas os eventos, mas também referências musicais, ou outros relatos que elucidassem questões da vivência musical. Nesse segundo momento, incluindo esse novo formato e as outras edições disponíveis, subiu para 115 referências à música nesse jornal.

A escolha pela abordagem do jornal *O Átomo* se deve ao fato da quantidade significativa e diversificada de menções encontradas nele, que fazem referência a atividades musicais, constituindo o suporte documental principal do trabalho. Outros jornais de Boa Vista foram consultados⁷, mas as menções à música eram inexpressivas, o que torna o jornal escolhido com essa característica marcante dos demais até então.

Outro material importante encontrado e utilizado como subsídio de fonte primária foram dois livros de memorialistas sobre a vida em Boa Vista na década de 1950. Os autores são Laucides Oliveira com o livro *Boa Vista 1953 uma aventura... Ah, dias da minha juventude* (2010) e Walmir Pimentel, com o livro *Boa Vista, 1950 por Walmir Pimentel* (2010). Com esse material foi possível visualizar com maior clareza o cotidiano, além da produção jornalística, que se articula com os paradigmas acionados na pesquisa.

1.6.1 Pesquisa teórica

A estrutura teórica buscou relação entre a Comunicação, a Memória e a Música, usando como ferramenta o levantamento bibliográfico de autores que se vinculam à temática, fazendo uso de materiais disponibilizados e debatidos nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFRR (PPGCOM). Foram inseridos, sobretudo, autores que levam em conta a mudança paradigmática em seu aspecto cultural.

O caminho teórico buscou a conceituação de paradigma culturológico na ciência, acionando Kuhn (1970), Burke (2010) e Escosteguy (2010). Seguiu-se com um debate sobre a memória e seus usos, se aproximando de uma visão histórica, com Le Goff (1996) e Candau (2011). Discutiu-se o fenômeno dos EC na América Latina, com Escosteguy (2010) e Santos (2010); trouxe considerações sobre as pesquisas com jornalismo impresso usando Souza

⁶ Ao final da pesquisa foi acrescentado outras edições no banco de dados da Biblioteca Nacional, que não entraram na análise, por não haver tempo hábil para sua inclusão.

⁷ Jornais consultados: O Caniço, 1907; Tacutú, 1907; A Escova, 1907; Rio Branco, 1914; e Jornal do Rio Branco, 1916.

(2001), Bordenave (1997) e Melo (2006); e, por último é debatida a aceitação dos EC na musicologia, acionando Napolitano (2002) e Bispo (2004).

1.6.2 Pesquisa documental

No empreendimento da pesquisa documental foram consultados acervos de instituições públicas e privadas, em busca de fontes primárias e secundárias. A Análise Documental da pesquisa tem como ação a comparação crítica das fontes encontradas, pois, “Os documentos não são tratados, nas pesquisas subjetivas como portadores das verdades absolutas” (FREIRE, 2010, p. 40), contudo, eles são a fonte da produção do conhecimento.

Como ação inicial foi feita a leitura de todo o conteúdo do jornal *O Átomo*, de 1953 a 1956, conteúdo disponível no site da Biblioteca Nacional Digital⁸, buscando a viabilidade do tema, e preliminarmente foram encontrados 78 eventos vinculados à música. Posteriormente foram encontradas outras edições na Biblioteca Pública do Estado e acervo privado (próximo ao final da pesquisa foram incluídas diferentes edições no site da Biblioteca Nacional, mas não puderam ser inclusas nessa análise).

A Tabela 1 descreve as datas das edições do jornal e que fizeram parte da pesquisa (cor da fonte preta), organizada por ano/mês e preenchida de acordo com o dia da publicação, juntamente com as edições encontradas, mas que não fizeram parte da pesquisa por não haver tempo hábil (identificado sem negrito).

Tabela 1: Datas das edições do jornal *O Átomo* usadas na pesquisa

ANO	1951	1952	1953	1954	1955	1956
Jan.		11; 5; 12; 19; 26	1;10;24;31	1;9;31	2;15;25	3
Fev.		22; 16; 23	14; 21; 28	6; 20; 27	12	26
Mar.		11; 8; 15; 22; 28	7; 14; 21; 28	7; 13; 20; 27	1; 5; 12; 19	
Abr.	7; 14; 21; 28	1; 5; 19; 26	7	10; 17; 24	7; 19	
Mai.	5; 12; 19; 26	3; 10; 17; 24; 28; 31	9; 16; 23; 30	1; 15; 22; 29	7; 10; 14; 21; 28	
Jun.	2; 9; 25; 30	14; 21	6; 13; 20; 27	5; 12; 19; 26	4	
Jul.	7, 14; 21; 28	77; 12; 19; 26	11; 25	3; 11; 17; 24; 31	2; 16; 30	
Ago.	5; 11; 18; 25	2; 9; 16; 18; 23; 30	15; 22; 29	7; 14; 21; 28	9; 15; 28	
Set.	7; 15; 22; 29	27	5; 12; 19; 26	4; 11; 18; 25; 30	17; 24; 30	
Out.	6; 13; 20; 27	4; 11; 18; 25	3; 10; 17; 24; 31	3; 16; 23; 30	2	
Nov.	3; 10; 17; 24	1; 8; 15; 22; 29	7; 15; 28	6; 13; 20; 27	19; 29	
Dez.	1; 8; 15; 22	6; 13; 20	5	11; 18	11	

Fonte: elaboração do autor.

⁸ Resultado do trabalho realizado pelo Núcleo de pesquisa Semiótica na Amazônia – NUPS/ UFRR, coordenado pelo Prof. Dr. Maurício Zouein, que também integra o corpo docente do PPGCOM – UFRR.

Foi feita a leitura, seleção e transcrição das menções à música nas edições disponíveis naquele momento (conforme Tabela 2). A partir disso foi feita uma caracterização dos tipos de eventos mencionados, que foram estruturados com os seguintes tópicos:

Missas e eventos religiosos; Festividades carnavalescas; Cívicos; Festejos juninos; Festas em geral; Ensino de música; Clubes esportivos; Cinema; Serviços de alto-falantes; Indígena; Concepções sobre música; e Músicos.

Tal levantamento foi seguido de uma revisão bibliográfica de trabalhos acadêmicos sobre o contexto do trabalho, produzidos em Boa Vista, incluindo artigos, monografias, dissertações e teses.

A busca foi feita inicialmente nos repositórios dos cursos de graduação da UFRR, em meio eletrônico e físico, de Comunicação, Letras, História, Instituto Insikiran de formação superior indígena. Os programas de Pós-Graduação em Letras – PPGL, Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteira – PPGSF; Biblioteca Nacional Digital – BND; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, também se fez uso da ferramenta Google Acadêmico.

As ações práticas foram a busca de informações em fontes primárias, como o próprio jornal *O Átomo*, ou outros documentos que poderiam elucidar questões da pesquisa, e em fontes secundárias, como produções acadêmicas variadas, revistas, jornais, entre outros.

Com esse caminho foi possível visualizar a música na cidade pela produção jornalística, somado à experiência de memorialistas que estavam na cidade nessa época. Acreditamos que tal caminho documental privilegiou mais de uma visão da vida musical em Boa Vista na década de 1950.

1.6.3 Pesquisa Histórica

Na pesquisa histórica buscamos informações sobre a vida sociopolítica, jornalística e musical no restante do Brasil, e o caso de Roraima na década de 1950 ou que elucidasse questões pertinentes. Usando amparo das áreas de Comunicação, História e Música.

1.6.4 Análise e Interpretação dos dados

A metodologia desse trabalho se baseia na análise de discurso produzido pelo jornal *O Átomo*, em suas notícias vinculadas aos eventos musicais. Conforme Vieira (2013), cabe perceber o projeto editorial em que o jornal está vinculado, para assim, entender como se dá o processo de construção histórica do periódico, usando a aproximação para propor um

diagnóstico social e seu posicionamento na memória social, ou seja, a sua relação com o passado/presente/futuro.

Foi acionada como estrutura analítica a Análise de Discurso, que de um modo geral tem como cerne dos estudos os significados contidos na linguagem, e não no que é dito, se fosse percebido em um formalismo. O texto passa a ser entendido como manifestação da fala (ou texto escrito) e o discurso são os princípios e valores que se manifestam por trás da materialidade. E isso é possível a partir do contexto em que foi produzido.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2007, p. 15).

Aquilo que não é dito é tão importante quanto o que está expresso, para Michel Pêcheux (1975 apud ORLANDI, 1999, p. 34) o primeiro esquecimento, que se chama de esquecimento ideológico, o sujeito ignora a verdadeira origem da sua fala, considerando-a o sujeito pensa ser a fonte do sentido quando, na verdade, ele apenas retoma sentidos já-ditos, a partir do trabalho que o inconsciente e a ideologia realizam sobre ele. O segundo esquecimento é o de que aquilo que o sujeito diz significa exatamente aquilo que ele quis dizer, e não poderia ser dito de outro modo.

Quebra-se as bases do processo de comunicação tradicional, em razão da linguagem não ser apenas a transmissão de informação, mas também omissão; e na linguagem os sentidos presentes não são evidentes, é preciso recorrer à história para então interpretar. Esse é o conceito de linguística-histórica.

Tais premissas acabam por solapar as premissas da teoria da comunicação, baseadas no esquema de cinco elementos (emissor, receptor, mensagem, referente e código), pois denunciam a não evidência dos sentidos, a opacidade da linguagem e o papel do inconsciente e da ideologia na produção de efeitos de sentidos, mostrando que “a linguagem serve para comunicar e para não comunicar”. (ORLANDI, 2007, p. 21).

O discurso sempre está vinculado a interesses políticos (no sentido amplo), porque “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2007, p. 43). A fala, portanto, sempre vai pertencer não apenas ao indivíduo, mas é construída no ambiente a que ele pertence.

Tenta-se entender os sentidos produzidos pelo sujeito levando em consideração o contexto social ideológico e histórico. Busca a construção de conhecimento acionando a língua,

a história e o inconsciente. A Análise de Discurso (AD) francesa surge em oposição à Análise de Conteúdo, que tem caráter mais formalista e se atém às palavras. Dito de forma diferente, a AD francesa busca superar a superficialidade da língua, mostrando a opacidade que ela possui ao carregar em si valores que não podem se libertar.

As duas principais fontes de memória do trabalho são o jornal *O Átomo*, em suas menções à música, e os livros memorialistas de Laucides Oliveira e Walmir Pimentel sobre a década de 1950.

Para a análise, utilizou-se a Análise de Discurso, que por meio do uso de textos escritos se procurou entender o significado da vida musical em 1950, em Boa Vista. E, assim, aplicou-se principalmente os conceitos de memória de Candau (2011), em seus três níveis (a primeira é a *Protomemória*; a segunda é a *Memória*; e a terceira é a *Metamemória*), e o pensamento de Santos (2010), na sua concepção da epistemologia do sul, para pensar a sociologia das ausências em suas etapas: Construção das ausências; Monocultura do tempo linear; Classificação social, Escala dominante e Lógica produtivista.

2 O BRASIL DE 1950: A MÚSICA E A IMPRENSA ESCRITA

Neste capítulo, traremos uma breve contextualização social no aspecto jornalístico e musical na década de 1950, no Brasil e em Boa Vista. Buscou-se abarcar a década de 1950 no Brasil, levando em consideração também o caso de Roraima, suscitando o aspecto político e social interagindo com a imprensa e a música produzida na época. A presença da evocação nacionalista, transição da imprensa e o desejo pela construção de uma unidade nacional permeia todo o período.

2.1 O Brasil de 1950: A memória nacionalista

Na década de 1950 havia uma preocupação com o conhecimento e com o melhoramento de tudo o que rodeia o homem, em razão de se entender que melhorando o ambiente o ser humano também evoluiria. (ABREU, 2008, p. 12) “Nesse período desenvolve-se bastante o planejamento econômico, o urbanismo, o combate à poluição ambiental, a racionalização do trânsito, ou sistemas de comercialização em grande escala” (BORDENAVE, 1997, p. 7).

Essa década é marcada pelos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, ambos usaram o discurso da industrialização como principal meta, havendo um alinhamento político e econômico com os Estados Unidos, que estabeleceram relações, em sua maioria, com aliados após a Segunda Guerra Mundial. Contudo, esse país fazia interferências em várias áreas da vida no Brasil, algumas de maneira clara, em outras, velada.

As preocupações intelectuais, incluindo o jornal, foram direcionadas para o debate de ideias políticas, em especial, contra o comunismo, sobre os planos de desenvolvimento e sobre o nacional-desenvolvimentismo. Esse período é também conhecido como a imprensa nacionalista, em consequência da veiculação de propostas objetivas para o desenvolvimento brasileiro, em detrimento de interesses internacionais. Segundo Abreu (1996, p. 62), a motivação foi durante os debates da Constituinte de 1946, especificamente na “campanha o petróleo é nosso”.

Foi nos anos 50 que ocorreu o grande debate sobre as opções políticas que envolviam a direção a ser dada ao desenvolvimento brasileiro. A corrente nacionalista se fez presente com a imprensa própria. Mas observa-se que ela vai perdendo espaço e praticamente desaparece na década seguinte. (ABREU, 1996, p. 11).

O jornal impresso foi usado na propagação dos ideais do nacionalismo brasileiro, e nenhum outro meio de comunicação foi usado com essa finalidade. “Tal é a imagem que se impõe da observação do único canal de comunicação e divulgação que o nacionalismo teve no país: a imprensa escrita [...]” (ABREU, 1996, p. 61).

Havia também um desejo efervescente por mudanças, motivado pela busca por elementos nacionalistas que dessem uma resposta a partir de uma construção local. Não apenas na área política e econômica, mas no campo das artes também produziu novidades nesse período, como o repensar sobre a música, o cinema, o teatro, com um desejo pelo novo em sua essência.

Esse movimento geral, que se identificavam como revolucionário na medida em que buscava construir um “novo”, possuía uma ampla dimensão: pretendia identificar e sintetizar elementos da cultura e da sociedade brasileiras, integrando-se a expressões artísticas oriundas de experiências realizadas fora do país. A par da construção do novo, a produção cultural do período marcou-se pela valorização do popular como fundamento mais genuíno da nacionalidade brasileira. A efervescência do movimento cultural sintonizava-se tanto com o espírito nacionalista que crescia na época, quanto com a crença nas possibilidades de desenvolvimento e transformação do país. (KORNIS, 1991, s.p. apud ABREU, 1996, p. 143).

O período de 1950 também é conhecido pela estruturação do regime democrático brasileiro, que vem com garantia à livre expressão de ideias e permitiu o desenvolvimento de diversas áreas de conhecimento. Isso gerou uma intensificação da comunicação, além da classe política e socialmente favorecida, que passa a ser intensamente usada pela classe trabalhadora de maneira aberta.

A produção jornalística ainda tinha características amadoras, porque ainda não estavam divididas as atribuições. Uma pessoa teria a responsabilidade de várias funções, a mudança organizacional significativa só iria ocorrer na década seguinte.

Após a Segunda Guerra Mundial houve uma mudança no jornalismo, uma vez que passou a ter uma transformação estrutural. Aos poucos a produção jornalística diminuiu a escrita de opinião, para passar a ser mais descritiva, almejando se ater aos fatos. O jornalismo de opinião, que tem influência francesa, predominou no Brasil até a década de 1960. O jornalismo descritivo, que tem influência norte-americana, aparece a partir da década de 1950, “um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação” (ABREU, 1996, p. 15).

Outra mudança foi a inserção do setor publicitário, que substituiu os anúncios amadores por produções de agências nacionais e estrangeiras de publicidade. Em 1951 foi criada a primeira Escola de Propaganda na Casper Libero em São Paulo e no mesmo ano a Associação Brasileira das Agências de Propaganda. “[...] os anúncios nos jornais se diversificaram, encontra-se desde anúncios de automóveis, eletrodomésticos, produtos alimentícios e produtos agrícolas até anúncios de produtos artesanais os mais variados [...]” (ABREU, 1996, p. 16).

Com o avanço da área publicitária, aos poucos o jornal deixa de ter sua dependência economicamente do Estado, que lhe dava recursos, já que muitas vezes os anúncios, até então não lhe davam condições de suprir as demandas. Principalmente nas décadas de 1930 e 1940.

[...] Isso vai coincidir com o nascimento das primeiras empresas jornalísticas que, a exemplo das experiências europeias e norte-americanas, mantêm jornal como fonte de poder político, mas também de lucro. O jornalismo assume, portanto, uma estrutura operacional típica das empresas capitalistas [...]. (MELO, 2006, p. 82).

A partir de então os jornais tinham 80% de sua receita baseadas nos anunciantes, representando uma mudança estrutural pois o desenvolvimento econômico passa da notícia e dos classificados para a publicidade. (ABREU, 1996, p. 17).

Alguns dos nomes que passaram a fazer parte da nova estruturação do jornal na década de 1950 foram Pompeu de Souza, Dantom Jobim e Samuel Wainer, que viveram na década de 1940 nos Estado Unidos e trouxeram suas experiências para o Brasil.

De um modo geral a imprensa brasileira da década de 1950 teve como características marcantes: ser fortemente nacionalista, sendo, inclusive, um meio importante de debate do regime democrático; e estar em mudança do seu modo de escrita, que transita de um caráter opinativo para um objetivo; e aos poucos foi ganhando sua autonomia financeira, se desvinculando do apoio financeiro do estado.

Como citado, a década de 1950 foi ativa no meio das artes, com o “novo” em quase todo os ambientes artísticos, sendo um momento de repensar a prática para uma ação de vanguarda, período em que se deseja a quebra de paradigmas.

Foi nessa década que Lúcio Costa e Oscar Niemeyer concretizaram, em Brasília, suas idéias revolucionárias no campo da arquitetura urbanística. O Cinema Novo deu seus primeiros passos, apresentando e debatendo os problemas sociais e políticos do país numa nova linguagem cinematográfica, que levava ao espectador à reflexão sobre os seus problemas. Também no teatro brasileiro se renovou na temática social e política, na linguagem e com uma nova geração de autores e atores. A Bossa nova redirecionou a música popular brasileira, incorporando o jazz e o bebop norte-americanos ao samba tradicional e trazendo novos cantores, novos músicos, novas formas de interpretação e novos arranjos musicais. A poesia conheceu desdobramentos significativos - da chamada ‘geração de 45’ chegou-se ao concretismo e à poesia engajada politicamente; romance regional, que conheceu seu apogeu nos anos 30-40, se atualizou e sofisticou, e a tendência a uma literatura mais introspectiva de análise psicológica se firmou. (ABREU, 1996, p. 13 e 14).

Na música, o que se atribui como mais significativo, geralmente, é a Bossa Nova⁹, mas ela surge no último ano da década de 1950 e se entende como fruto de alterações sociais que ocorreram ao longo desse período. O impacto desse movimento foi sentido com maior

⁹ Movimento musical, cujo o fundador é considerado João Gilberto, iniciado em 1959, na Região Sudeste do Brasil, que Tinhorão (1998) o descreve como “...tipo híbrido de samba que se transformaria em moda-símbolo da juventude classe média do pós-guerra: o samba de bossa nova” (TINHORÃO, 1998, p. 312).

intensidade na década seguinte. A música do início da década de 1950, no Sudeste do Brasil, de onde temos as maiores referências de pesquisas, caminhava com uma proximidade do uso de músicas, estilos e compositores com um discurso mais nacionalista.

Na virada dos anos 40 para os 50, a cena musical era dominada por sambas canções abolerados, de andamento lento, e músicas carnavalescas voltadas para os segmentos mais populares. Havia também um considerável espaço para a corrente mais tradicional do samba, o “samba-de-morro”, sobretudo através dos trabalhos de Wilson Batista e Geraldo Pereira, e para as criações mais refinadas, do ponto de vista harmônico-melódico, de Ary Barroso e Dorival Caymmi. Mas, no geral, as sonoridades em vigor apostavam nas tessituras orquestrais densas e volumosas, a base de interpretações vocais de grande estridência, alta potência e muitos ornamentos (sobretudo vibratos). (NAPOLITANO, 2002, p. 58).

Desde o século XIX, vários países criaram a música com características locais. No Brasil o principal foi Heitor Villa Lobos, nos Estados Unidos foi Charles Ives; Vaughan Williams na Inglaterra; Bartók e Kodaly na Hungria; Sibelius, na Finlândia. Todos eles poderiam usar canções folclóricas de seus países, ritmos e melodias e escalas locais, etc. O que remetesse a uma peculiaridade de seus lugares (LEMOS, 2011, p. 200).

A música era usada, primordialmente, como uma ferramenta de construção de uma identidade nacional, havendo uma folclorização das classes populares, que apareciam na temática, mas precisava passar pela reflexão nacionalista, com justificativa de contribuir para a fortalecimento da construção do estado-nação.

O interesse pela música nacional não surgiu de forma rápida e igualitária nos setores sociais, há uma ligação direta com a ressignificação social e o sistema comercial criado em torno desse estilo musical, mas há uma demora característica das elites e da classe média, vindo a acontecer somente a partir desse estilo, no final da década de 1950 (NAPOLITANO, 2002.) Nesse período, a música popular não era bem aceita sem passar pelo crivo do modelo erudito.

A música popular era vista como uma ameaça à música erudita nacionalista, como algo que representava a confusão e a desordem de uma cultura urbana crescente. Em oposição a essa “barbárie”, o folclore era considerado como fundamento da formação da música brasileira. Era um ponto central usado por Villa-Lobos em defesa da música nacionalista. Ele via no uso do folclore uma maneira de levar a cultura que realmente tinha valor às massas, uma forma de elevar o nível cultural do povo. (NORONHA, 2009, p. 2).

No processo de caracterização do nacionalismo, Villa Lobos tinha vínculo direto com o ensino do projeto chamado Canto Orfeônico, que havia sido instituído como obrigatoriedade no âmbito nacional desde 1934 e direcionou o ensino de música nas escolas, que recebia toda a estrutura técnica de musicalização. O projeto contava com um conservatório para a capacitação de professores. Ideologicamente estava ancorado no nacionalismo e civismo.

O projeto durou até 1961, mas é possível perceber sua influência por mais tempo, visto que os professores haviam sido fortemente influenciados pelo modelo. A base estrutural era a prática de canto coletivo, dirigido pelo maestro Heitor Villa-Lobos, que tinha alinhamento político com os mesmos ideais de fortalecimento do estado.

Heitor Villa-Lobos defendia o forte controle por parte do Estado em relação às atividades ligadas à educação e à cultura. Este controle visava à ideia de valorização da “verdadeira cultura nacional”, que o levou à busca do elemento folclórico e ao propósito de defender a música brasileira “genuína” e de “valor”, ameaçada pela “baixa qualidade” da música estrangeira que invadia o país. A referência à música popular como algo de caráter comercial, o que embutia uma conotação pejorativa, era explícita. (NORONHA, 2009, p. 2).

Contudo, as críticas a esse modelo de ensino de música, eram fundamentadas no fato da sua semelhança com modelos em regimes autoritários.

Porém, essas concentrações orfeônicas ocorridas ao longo dos anos de governo de Getúlio Vargas acabaram por admitir uma crítica devido à semelhança do que ocorria em países europeus que viviam em regime ditatorial, como era o caso da Alemanha nazista de Adolf Hitler e da Itália fascista de Mussolini. Nestas concentrações orfeônicas europeias, o principal objetivo era a exaltação da Pátria e, conseqüentemente, de seus heróis, incluindo aí políticos. (LEMOS, 2011, p. 202).

Nesse período, acontece um processo de construção de identidade nacional direcionado pelas elites políticas e econômicas, com representações de vários setores sociais (inclusive subalternos), mas como era conduzido pelo crivo da elite, basicamente, política, ela é quem ditava como deveria ser apresentado. Tendo o seu auge no final da década de 1940 e perdurou pela próxima década.

A folclorização das representações do povo brasileiro era um processo em curso desde o Estado Novo (1937-1945) e funcionava como uma estratégia cultural e ideológica na manipulação da identidade “nacional-popular” e, conseqüentemente, como legitimação dos canais de expressão dos grupos populares na arena político-cultural como um todo, arena esta controlada pelas elites. (NAPOLITANO, 2002, p. 60).

O modelo nacionalista tinha como meta a construção da identidade nacional, aproximando-se de uma certa “pureza” em relação a culturas distintas e, assim, criava uma forma de disseminar esse aprendizado nacionalista, e as elites política e econômica seriam os porta-vozes dessa ideia. No final da década de 1950 o movimento da Bossa Nova começaria a mudar o panorama, com a abertura maior em relação à produção internacional, acima de tudo, americana.

Tanto na imprensa quanto na música a concepção nacionalista está em voga, com o intuito de contribuir com o modelo de nação único e não dialogável, ancorado na construção de uma caricata identidade brasileira, usando-a como fortalecimento do poder estabelecido.

2.2 Sociedade boa-vistense na década de 1950

Na década de 1950 a atual cidade de Boa Vista era denominada Território Federal do Rio Branco. Anteriormente, até 1943, a região era um município pertencente ao estado do Amazonas, em que as decisões políticas eram definidas em Manaus. Foi apenas com a Constituição de 1988 que o lugar passou a ter o título atual, capital do estado de Roraima.

O município de Boa Vista do Rio Branco, nascido com a Constituição de 1891, transformou-se no núcleo político, administrativo e militar de maior relevância na região. Por outro lado, continuava subordinado ao Estado do Amazonas, não firmando tomadas de decisões de nível local, as quais eram definidas em Manaus. (OLIVEIRA, 2003, p. 118).

Tal formato administrativo trouxe para a região uma insatisfação nos suprimentos das necessidades desse lugar, trazendo uma estagnação político e econômica, baseada num remanescente dos descendentes dos primeiros responsáveis pela gestão.

Nos primeiros anos do século XX, o panorama político e econômico no Rio Branco não apresentava grandes mudanças. A pequena elite local, cuja maioria era descendente dos “pioneiros brancos”, não fazia oposição ao poder federal, pois era fiel e passiva aos seus objetivos pessoais, como sempre acontecera antes dos períodos sucessórios. (OLIVEIRA, 2003, p. 118).

De acordo com o Censo a população da cidade, no início da década de 1940, era de 12.130 habitantes; em 1950, de 17.247 habitantes; e em 1960, 28.304. Podemos ver a década de 50 como um período de crescimento populacional, vindo em grande parte dos imigrantes nordestinos, motivados pela perspectiva de desenvolvimento da região após a transformação em Território Federal.

O propósito da criação do Território Federal do Rio Branco, assim como em outros territórios, era a ocupação dos espaços de fronteira por questão de segurança.

Mesmo com tais diretrizes, os Territórios Federais foram implantados sob a ideologia da defesa nacional, em época de guerra, com Fernando de Noronha (arquipélago desmembrado do estado de Pernambuco), Amapá, o Rio Branco (hoje constitui no Estado de Roraima), no Guaporé (atualmente é conhecido como Estado de Rondônia), de Ponta Porã e o Iguazu. No que se refere à sua origem política, deu-se a partir de Decreto-lei, sem consulta à população por plebiscitos, nem às Assembleias Legislativas, ou seja, foram impostos pelo Governo Central sobre as regiões fronteiriças do Brasil. Este período histórico relaciona-se à primeira gestão de Getúlio Vargas (1937-1945), quando governou o Brasil com a participação de interventores, sem discussões no Congresso Nacional dos seus projetos, pois esta instituição foi dissolvida por sua determinação. (PORTO, 1999, p. 4).

O acesso a essa região era difícil, por isso o interesse em ampliar a ocupação da região, dado que para chegar ao Território era quase que exclusivamente por meio fluvial, de onde viam o provimento em alimento e outras necessidades e iam, em especial, os gados criados para Manaus. Contudo, as embarcações que conseguiam atracar na região eram de pequeno porte e

durante as cheias, as de maior capacidade tinham acesso no porto que funcionava na região da atual cidade de Caracará¹⁰, que posteriormente viria a se formar como cidade, estando distante 142,3 km da capital do estado.

Até o início da década de 1970, o meio de transporte mais importante que ligava Roraima às outras regiões do Brasil eram transportes fluviais, que percorriam o caminho das águas (Branco, Negro, Amazonas, Atlântico). No trecho entre Manaus e Boa Vista eram utilizadas as balsas e pequenas embarcações por causa das cachoeiras e corredeiras que dificultavam a navegação. Esse traçado acidentado da rede hídrica roraimense não permite navegação de embarcações de grande porte e, em consequência, o único porto fluvial existente na região está localizado em Caracará e está em más condições. Durante o período das cheias, pequenas embarcações chegam até Boa Vista, no “Porto do Cimento”. (OLIVEIRA, 2003, p. 172).

No início da década de 1950 temos a implementação de projetos de ocupação com vista à produção agrícola da região, para buscar a sua autonomia. Eram feitos, inclusive, incentivos financeiros por algum tempo para a permanência na região.

Secretaria Geral do Território, iniciou o maior programa de colonização até então conhecido na região. Este programa, executado entre 1951 e 1952, servia de diretriz para as políticas de migrações formadoras das primeiras colônias agrícolas no então Território Federal do Rio Branco. (LOBO, 2014, s.p.),

A economia estava baseada, sobretudo, na criação de gado bovino, que desde o final do século XVIII foi empregado pelos portugueses, usando como justificativa da posse da terra na região¹¹.

O outro modo de acesso era por via aérea, que havia iniciado nos anos 1920, os quais são os primeiros registros com Hamilton Rice. Mas, ainda não em caráter comercial.

A comunicação por meio de transportes aéreos para Boa Vista teve início nos anos de 1920. Nesse período, foram registrados os primeiros vôos realizados por missões militares. Contudo, o maior destaque ficou para o hidroavião da expedição de Alexander Hamilton Rice, que em 1924 sobrevoara a região efetuando estudos de reconhecimento. Essa expedição exploratória popularizou, em Roraima, a primeira foto aérea da pequena cidade de Boa Vista com suas três principais ruas paralelas ao Rio Branco. (OLIVEIRA, 2003, p. 172).

O transporte terrestre na região era inviável economicamente, e isso só iria mudar na década de 1970, com a construção da BR-174, que partia de Manaus, no estado do Amazonas, até Caracas, na Venezuela.

¹⁰ Município do estado de Roraima, fundado em 1955, que surgiu como ponto de embarque de gado para Manaus e desembarque de mercadorias vinda dessa capital. Criado por força da Lei nº 2.495, de 27 de maio de 1955 e instalado em janeiro de 1956.

¹¹ “A conquista da bacia do Rio Branco pela Coroa de Portugal se desenvolveu com a introdução sistemática do gado no final do século XVIII, momento da fundação das primeiras fazendas particulares que integravam a região ao Império.” (OLIVEIRA, 2003, p. 101).

A criação do Território Federal em 1943, para a política governamental, acreditava-se ser uma área estratégica, que para integrar a um plano nacional de cultura, dirigido pelo governo federal.

A proposta de instauração do Território Federal, do presidente Getúlio Vargas, considerou vital para o desenvolvimento econômico o povoamento que recuperaria e integraria o índio à sociedade nacional. Assim sendo, a ordem geopolítica e a exploração dos “sertões” do Rio Branco, como base para fixar o “civilizado” nessa terra distante e hostil, favoreceria a integração e a defesa dessa fronteira que definiria o território nacional. O presidente prometia que todos os brasileiros participariam dessa nova ação estrutural do sistema político do Estado Novo. Afirmava o governo: “todos são iguais; o que vem do povo brasileiro é bom”. Esses foram os lemas dos projetos educacionais que partiam do tom patriótico ordenando a unificação cultural brasileira sob a “batuta” do poder central, (OLIVEIRA, 1991, p. 36-37).

No contexto político-social, também observado por Souza (2012), era um projeto político para a região que iniciou a partir da criação do Território Federal do Rio Branco em 1943, e foi até o Golpe Militar em 1964. O “... projeto tinha como objetivo a inserção dos indivíduos na nação; o segundo, pensava a suposta participação destes mesmos indivíduos no processo de construção da nação brasileira” (SOUZA, 2012, p. 18). O pesquisador Oliveira (2003) vê o mesmo processo, mas com o interacionismo das raças, unificadas pela língua e cultura, eliminando o que era diferente.

A partir de um projeto nacional foram implantadas iniciativas que visavam o desenvolvimento estrutural da sociedade em Roraima, com o interesse de integrar as várias regiões do país, tendo o seu auge no final de 1940 e início de 1950.

Sob essa perspectiva, o governo do Território Federal do Rio Branco reativou, na virada dos anos de 1940 para 1950, programas de desenvolvimento tanto urbano como rural: as novas construções públicas, a reforma urbanística, incentivos ao comércio e à agropecuária. Essas propostas faziam parte das metas governamentais instituídas no planejamento das políticas públicas, que foram apoiadas na Constituição Federal de 1937. (OLIVEIRA, 2003, p. 181).

Essa política incentivou a migração para a região, essencialmente, de nordestinos, que se intensificou na metade da década de 1940 na extração do látex da seringueira, período conhecido como Batalha da Borracha. Esse aumento populacional teve maior significância em diferentes regiões da Amazônia (SOUZA; NOGUEIRA, 2015). Mas o auge foi na década seguinte, por meio de políticas nacionais que foram mais eficazes no intuito de ocupação de regiões pouco populosas.

[...] conjunturas socioeconômicas em diversos períodos carrearam para a Amazônia trabalhadores oriundos de várias partes do Nordeste. São exemplos disso os períodos de auge da exploração da borracha, a abertura de estradas nas décadas de 1950 e 1960, a política de ocupação pautada no “Integrar para não Entregar” do Regime Militar ou,

mais recentemente, as ações balizadas pelo conceito de desenvolvimento sustentável. (SOUZA; NOGUEIRA, 2015, p. 123).

Essa movimentação de nordestinos é fruto, sobretudo, dos investimentos na área de transporte, da comunicação e políticas governamentais de modo a atrair essa população a espaços de baixa densidade demográfica, como a Amazônia.

A estrutura governamental do Território era iniciada a partir da nomeação do governador pelo presidente da República e escolhida atendendo aos interesses políticos na conjuntura nacional ou aos interesses da elite local, que alterava ao seu desejo.

Nesse jogo da nova ordem político-administrativa, quando havia desentendimentos entre os aliados federais (Congresso Nacional) e os do Rio Branco, o governador do Território era exonerado e o “padrinho político” indicava outro para ocupar o lugar. Nunca as diferenças foram tão evidentes entre os governadores e os governados, pois os governadores indicados eram estranhos à região e passavam pouco tempo no Rio Branco, fundamentalmente peças do jogo político federal. (OLIVEIRA, 2003, p. 184).

A figura dos habitantes nativos (comumente chamados de indígenas), também passa pelos interesses da elite local em que havia desconhecimentos e preconceitos, forçando a viverem e se integrarem a uma estrutura social diferente da sua realidade. Ação mais evidente na região a partir do século XVIII e que continua presente nos séculos seguintes.

O índio, no século XVIII, era visto como um animal selvagem. Todavia alguns índios aderiram à cultura do gado introduzida no Rio Branco, deixaram de ser considerados “não-civilizados”. Esse pensamento de desvalorização da cultura do índio, reapareceu, no final do século XIX e por todo o século XX, na ideia de parques nacionais concebidos pelo Estado e demarcados em imensas áreas de terra “desabitada ou selvagem” para preservação da vida em seu habitat natural (DIEGUES, 2001, apud, OLIVEIRA, 2003, p. 196).

O objetivo era torná-los menos hostis aos princípios do grupo dominante, e então “capacitar” aqueles que desejavam se parecer como modelo dessa cultura. Entendia-se, assim, que todos que não seguiam os moldes eram considerados “sem cultura”. Os objetivos últimos eram a aculturação gradual e capacitação do indígena como camponês.

Na intervenção arquitetônica temos o projeto iniciado na década de 1940, dentro das políticas de desenvolvimento, com a reorganização urbana, com a intenção de mudar o aspecto mais interiorano ou rural, e fazer uma espécie de demarcação de nova perspectiva do poder local. Essa estrutura urbanística usada aqui, também foi usada em outros lugares do Brasil.

Este buscou dar uma nova urbanização à capital do Território, com o objetivo de enfatizar o caráter “branco” da cidade. Assim, em 1945, o traçado primitivo da cidade (em área mais elevada e livre das enchentes) foi aumentado e estruturado segundo critérios urbanísticos. O planejamento seguiu um projeto semelhante ao que foi realizado posteriormente no centro urbano de Goiânia ou de Brasília. Tendo como base o Rio Branco, o novo planejamento ganhou forma de um leque, com a implantação de avenidas radiais iniciadas na ampla praça circular do Centro Cívico, por sua vez cortadas por ruas circulares. (OLIVEIRA, 2003, p. 185 e 186).

Esse processo de mudança urbanística esteve presente durante toda a década de 1950 e se preocupou em dividir a cidade nos bairros: Centro, Porto da Olaria, Rói-Couro, Caxangá e Ipase. O que também chama a atenção é que nessa época o projeto destoa bastante do uso da cidade, onde “a circulação interna seguia a mesma tradição cultural anterior: a pequena população caminhava a pé ou era conduzida pelos poucos carros de aluguel e bicicletas; a carga era transportada por cavalos ou carro de boi” (OLIVEIRA, 1991, p. 26). Mas a intenção era que “ao criar uma capital moderna no extremo norte o poder federal estava instituindo um espaço que marcasse a sua presença nesta fronteira norte, considerada despovoada e desguarnecida” (SOUZA, 2011, p. 4).

A praça do Centro Cívico, espaço destinando para a realização de atividades que ressaltem o civismo, é o lugar onde todas as ruas convergem, seria um ponto de encontro, talvez com a ideia de finalidade última, demarcando a presença do poder político nesse local, a sede do governo, demonstrando quem direciona esse processo de construção do cidadão.

Outro ponto marcante é a presença da religião católica na região, com influências políticas e sociais desde o início do processo de colonização e que também na década de 1950 ainda mantém forte impacto social. A primeira ordem religiosa católica a chegar à região da atual Roraima foi a dos Carmelitas, em 1725, inserida no projeto maior de Portugal, sendo o principal interesse o aperfeiçoamento da guarda das fronteiras amazônicas contra as possíveis invasões de espanhóis, holandeses, franceses e ingleses (MORAIS, 2013, p. 111)¹²

A primeira construção da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo¹³ é datada de 1856, situada à Rua Floriano Peixoto, s/n, Centro. Os primeiros vigários são o Cônego José Henrique Felix da Cruz Daoia e o Padre Manoel Furtado de Figueiredo, cargo ocupado até 1909, quando o prédio foi passado para a Ordem religiosa Beneditina, que chegava à região nessa data (OLIVEIRA, 2013, p. 29).

A Missão Beneditina chegou ao Território Federal do Rio Branco em 1909, ao mesmo tempo em que teve o recente processo da separação da Igreja e do Estado, consequência do regime republicano instaurado (MORAIS, 2013), todavia, o vínculo permanece e a utilização dessa religião ainda é recorrente como ferramenta importante na consolidação do poder por parte do governo republicano.

¹²Existem controvérsias sobre a efetiva presença da ordem Carmelita, como escrito por Farage 1999, “os registros dão conta de que apenas os capelães do Forte São Joaquim pertenciam a essa ordem” (MORAIS, 2013, p. 111 apud Farage, 1999). Sendo um número inexpressivo para considerar uma ação consistente.

¹³O bem é tombado pela prefeitura Municipal, Lei n.º 230, de 10 de setembro de 1990 e Decreto n.º 2614, de 15 de outubro de 1993. Depois de sua inauguração foram feitas várias intervenções, mudando a sua aparência arquitetônica inicial.

Constata-se que existe um interesse mútuo, uma vez que a Ordem Beneditina no então Território Federal do Rio Branco “fez parte de uma política de restauração da congregação e em consonância com o desejo do Papa Leão XIII de ver se abrirem para o apostolado as vastas regiões do interior do Brasil” (MORAIS, 2013, p. 112). A chegada dos beneditinos a essa região foi motivada pelo desejo de integração com a proposta nacional de o catolicismo assumir uma espécie de tutela na construção da civilização.

2.3 Os primeiros jornais de Roraima

O jornal escrito na região de Roraima iniciou ainda quando era município do Amazonas, no início do século XX, com dois jornais manuscritos, em virtude da ausência de tecnologia para outra forma de produção. Até a década de 1950, década de circulação do jornal *O Átomo*, foram encontrados 16 periódicos que circularam na região.

Durante o período vinculado ao município do Amazonas foram encontradas citações de nove jornais e no período do Território Federal foram encontradas menções a sete jornais, como pode ser observado na Tabela 2.

Tabela 2: Jornais até a década de 1950 na região de Boa Vista – RR

JORNAIS	FUNDAÇÃO	TÉRMINO
Período de Município do Amazonas		
<i>O Caniço</i>	1905	1907
<i>Tacutú</i>	1907	1907
<i>A Escova</i>	1907	1907
<i>O Bem-te-vi</i>	SD	SD
<i>Rio Branco</i>	1914	1918
<i>Jornal do Rio Branco</i>	1916	1947
<i>O Graveto</i>	SD	SD
<i>O Sabiá</i>	1930	1930
<i>O Carvão</i>	1930	1930
Período do Território Federal		
<i>O Órgão Oficial</i>	1943	
<i>O Boa Vista</i>	1948	1958
<i>O Átomo</i>	1951	1958
O Combate	1953	1954
O Debate	1956	1957
Resistência	1954	
O Tenente Guimarães	1951	1954

Fonte: elaboração do autor.

A seguir, veremos as características desses jornais anteriores e contemporâneos do jornal *O Átomo*, vinculados ao estado do Amazonas.

- *O Caniço*: O jornal *O Caniço*¹⁴ era um jornal manuscrito contendo quatro páginas, no formato de 22 x 32 cm, escrito em duas colunas (SANTOS, 1990, p. 49), com um único caderno e circulação quinzenal, publicado na região do Rio Uraricoera. O redator-chefe se denominava “Passarinho” e tinha como colaborador o J. Justo. São característicos o ufanismo e o reforço ao poder político estabelecido. Dispomos de uma cópia da edição 10 e no trecho da edição que dispomos não é feita nenhuma alusão a atividades musicais, porque o jornalismo parece mais centrado unicamente nas ações do governo a qual lhe faz vários elogios.
- *O Tacutú*: Jornal manuscrito que tinha circulação mensal. Segundo Santos (1999) iniciou em 1º de março de 1907 e o último em 1º de abril do mesmo ano, ou seja, tiveram apenas duas edições. Possuímos uma cópia digitalizada da primeira edição (Anexo B, Figura 31). No mês seguinte a sua criação teve o seu último exemplar produzido (JOAQUIM, 2003). No trecho da edição que dispomos não é mencionada ação vinculada à música.
- *A Escova*: Jornal Manuscrito que circulou entre 29 de abril e 1º maio de 1907. Ainda existe uma edição no IGHA¹⁵. (Anexo C, Figura 32). No trecho da edição que dispomos não é mencionada ação vinculada à música.
- *O Bem-te-vi*: Era dirigido por Manoel Afonso dos Santos Junior, não foi encontrado nenhum exemplar desse jornal. De acordo com Santos (2014) ele era impresso em Manaus, mas o seu conteúdo e circulação eram locais. Circulou em Manaus um jornal com o mesmo nome em período próximo, mas não foi encontrada nenhuma relação entre eles.
- *O Carvão*: Esse jornal foi dirigido por Artur Virgílio do Carmo Ribeiro. Se referindo ao jornal *Bem-te-vi*, Silva (2014) cita uma entrevista feita com Murilo Bezerra¹⁶, que tinha jornais satíricos sobre a vida cotidiana, chamado por ele de “jornalecos”.

Agora antes disso tudo já existia a circulação de alguns jornalecos... por exemplo, o Bem-te-vi. O Bem-te-vi era um jornal que era só mesmo para malhar as famílias e tudo. Ele era impresso em Manaus, as matérias saíam daqui... lá eram impressas e vinha circular aqui. Tinha até uma coluna assim, que dizia o bem-te-vi voando viu, aí baixava o malho. (MENEZES, 2006 apud, SANTOS, 2014, p. 25).

- *O Graveto e O Sabiá*: Esses jornais são citados, mas nenhuma informação além de sua existência foi encontrada.

¹⁴ Está disponível apenas a edição número 10, que possuímos uma cópia digitalizada. (Anexo A, Figura 30).

¹⁵ IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

¹⁶ Acrescenta-se que Murilo Bezerra de Menezes, um dos pioneiros na área de jornais impressos em Roraima, trabalhando, inclusive, no jornal *O Átomo* (SILVA, 2014).

- *Rio Branco*: O jornal *Rio Branco*¹⁷ (Anexo D, Figura 33), tinha como subtítulo de “Jornal independente”, que circulou a partir de 1914 e não foi encontrado o ano de seu término. Seu formato é 19 x 29 cm e posteriormente 25,5 x 35,5 cm. Os proprietários eram Diomedes Pinto Souto Maior e Alfredo do Carmo Ribeiro. (SANTOS, 1990). Segundo Munaro (2017) “O *Rio Branco*, Jornal Independente, foi uma iniciativa de 1914 vinculada ao professor e futuro intendente municipal Diomedes Souto Maior, ex-militar conhecido pelo pioneirismo nos projetos educacionais em Boa Vista” (MUNARO, 2017. p. 239).
- *Jornal do Rio Branco*: O *Jornal do Rio Branco* (Anexo E, Figura 34) foi o primeiro periódico a ser produzido em oficina tipográfica (LIMA, 2001, p. 17), abrindo uma nova etapa no jornalismo local. É possível observar nesse jornal o envolvimento no contexto internacional e nacional, buscando associar a cidade com a capital amazonense e a propagação da ideologia católica. Esse jornal circulou de 1916 a 1917, tinha como subtítulo: *Orgão dos Moradores de Boa Vista*. O formato era 30 x 42 cm, contendo 4 páginas e 4 colunas.

O *Jornal do Rio Branco* foi um projeto construído nas oficinas beneditinas, entre os quais residia um exagerado temor com relação à presença dos espíritas que se multiplicavam, segundo os redatores, numa região abandonada pela lei e pela religião. A circulação do jornal remete aos anos de 1916 e 1917. (MUNARO, 2017. p. 247).

Um dos objetivos desse jornal era intermediar o conflito entre fazendeiros e índios (em que não havia uma boa relação com o poder político local) e a propagação da religião católica.

O jornal cumpriu o papel ambíguo de tentar fomentar uma cultura cristã na vila de Boa Vista e, ao mesmo tempo, amortecer as pressões dos fazendeiros sobre as comunidades indígenas. Neste período, as disputas políticas entre beneditinos e autoridades locais, que foram ferozes na primeira década do século XIX, já estavam relativamente pacificadas. (MUNARO; CORREIA, 2019, p.7).

Na propagação da ideologia católica, algo que evidencia o incômodo é a presença de influências contrárias ao ensino por ela propagado, como por exemplo, uma série intitulada “Espiritismo”, com objetivo de enaltecer os valores católicos em oposição às ideias da Religião Espírita, em uma delas é dito:

Irmão e filhos muito amados, quão ridículo e inconsistente fundamento estes factos constituem á uma theoria falsa e á uma doutrina perniciosa, em opposição á majestosa grandeza, á sublimidade divina da revelação e da verdade catholica. (JORNAL RIO BRANCO, 1916, p. 2).

¹⁷ Possuímos 7 edições desse jornal, de 1916: dez.; 1917: jan. e fev.; mar; abr. e mai.; jun.; jul. e ago.; e set., out. nov. dez.

Questões católicas de outro âmbito também são veiculadas nas atividades e decisões tomadas, mas aparecem ações e informações do governo, notícias diversas de vários países e informações históricas da região.

Na edição de dezembro de 1916 é apontada uma atividade religiosa chamada de Procissão de penitência, na qual se relata ter ocorrido uma atividade de procissão e missa, o objetivo era a busca religiosa para solucionar a crise de saúde que a região estava enfrentando, “reconhecendo os seus erros passados e implorando a misericórdia Divina para a cessação do flagelo que cai sobre esta Villa”. É mencionada as características musicais desse evento, com execução de canto gregoriano e hinos durante todo o trajeto da procissão.

Depois da missa dominical, acompanhada de Canto Gregoriano pelo instituto de jovens índios e com assistência do S. Ex.cia Rev. D. Gerardo de Caloen, Bispo Prelado, que exhortou os fieis, a procissão que percorreu diversas ruas da Villa. Em todo o trajeto, os fieis, em número superior a duzentos, resavam o Terço e cantavam hymnos religiosos. (Jornal do Rio Branco, dez. 1916).

Outra citação que explicita a música aparece na edição de janeiro e de fevereiro de 1917, na “Capella de S. Bonifácio” a primeira missa cantada e a definição do horário das “Vésperas”. Outro aspecto presente no Jornal do Rio Branco, segundo Munaro (2014), de que as tipografias nas periferias da Amazônia buscavam destacar a abrangência da civilização brasileira – a República – para essas áreas até então consideradas limítrofes. Ao mesmo tempo, são capazes de oferecer pequenos compêndios de costumes, dizendo o que a população deveria fazer ou não para ser considerada civilizada.

No percurso de criar uma nação e dar corpo a um conjunto de histórias, a Amazônia foi cuidadosamente pintada e repintada, segundo pressões pragmáticas exercidas muitas vezes “de cima para baixo” pelo governo central ora monárquico ora republicano

[...]

Essas pressões que soterraram a identidade amazônica tiveram como principais eixos as atividades missionárias, militares e a construção das burocracias administrativas. (MUNARO, 2017 p. 228).

Entre 1909 e 1948 houve uma atividade contínua da ordem dos beneditinos, a partir de 1929 existe uma crise financeira decadente, o que culmina com a transferência de responsabilidade para a Ordem Consolatinos (MORAIS, 2013, p. 117).

Em 14 de junho de 1948, substituindo as atividades dos Beneditinos, chegou os missionários da Consolata, que anteriormente haviam trabalhado mais de 40 anos no Instituto da Consolata para Missões Estrangeiras, instituição italiana de Turim, fundada em 1902. (MORAIS, 2013, p. 124).

A proposta dos Consolatinos no uso da religião católica se mostra similar aos grupos religiosos anteriores, dando continuidade ao processo de difusão da religião no âmbito global, por conta da Igreja Católica que, naquele momento, ainda não havia passado por revisão em suas orientações, buscava ainda “[...] elevar os primitivos a uma condição de civilidade e de vida cristã a bem do Estado e da Igreja” (MORAIS, 2013, p. 124).

A seguir, veremos as características desses jornais anteriores e contemporâneos do jornal *O Átomo*, após a criação do Território Federal do Rio Branco.

- *O Orgão Oficial*: Após a transformação da região em Território Federal do Rio Branco, 2 anos depois, em 1945, foi publicado o Boletim Oficial do Governo do Território Federal do Rio Branco. Administrado, segundo Rodrigues (1996), por uma empresa de propriedade de Das Medeiros e Cia., Misael Guerreiro e da Prelazia.
- *O Boa Vista*: O Boa Vista era de propriedade do governo do Território e assim veiculava notícias de maneira a exaltar as ações governamentais. Ele circulou de 1948 a 1958 (RODRIGUES, 1996, p. 35).
- *O Tenente Guimarães*: O jornal surge em 1951, de propriedade do Tenente Guimarães, sua linha editorial era favorável ao governo local. Era editado em Manaus. Foi extinto em 1954 (MUNARO; CORREA, 2019, p. 4).
- *O Combate*: Tinha como responsável Afonso Rezende, que tinha características de oposição. Era editado em Manaus e durou de 1953 a 1954. Uma das possíveis dificuldades apontadas por Munaro e Correa (2019) era a falta de equipamentos na produção do jornal e a logística para trazê-los de outra região, que a principal rota (e quase exclusiva) era pelo Rio Branco.
- *Resistência*: Fundado em 1954. Era editado em São Luiz do Maranhão, mas tinha um setor com informações locais, cuja a responsabilidade da edição era de Tarcílio Ayres (RODRIGUES, 1996, p. 35).
- *O Debate*: Em 1956 foi fundado o jornal *O Debate*: Sempre solidário com o povo¹⁸. Na capa da edição que possuímos tem duas matérias favorecendo Felix Valois, o que leva a crer que era vinculado a um grupo político a que ele pertencia. O proprietário era Mário Abdala. O jornal durou até 1957.
- *O Átomo*: Sobre o jornal *O Átomo* segue no tópico 2.4.

2.4 O jornal *O Átomo*

¹⁸ Possuímos a capa de uma das edições (Anexo F, Figura 35/Figura 35).

O jornal *O Átomo* (Figura 47) iniciou os seus trabalhos em 28 de março de 1951, no então Território Federal do Rio Branco. Os seus trabalhos aconteciam, segundo a edição do jornal mais antiga encontrada (22 de abril de 1951, p. 2), na Av. Bento Brasil, s/n, em Boa Vista. O proprietário, diretor e responsável pela produção do jornal era o Tenente do Exército José Estevam Guimarães¹⁹. A publicação, com periodicidade semanal, tinha a maior parte das edições com 4 páginas²⁰.



Figura 1: Capa da segunda edição do jornal *O Átomo*, em 14 de abril de 1951. Fonte: BND.

¹⁹ Foi encontrada a fotografia contendo, supostamente, a filha do José Guimarães (Anexo G, Figura 36).
²⁰ Edição completa do Jornal *O Átomo*, de 21 de abril de 1951 (Anexo H, da Figura 37 a Figura 44).

Pouco se sabe sobre o José Estevam Guimarães. No momento em que fundou o jornal, ele já fazia parte da reserva. Anteriormente, em 1946 e 1947 havia trabalhado como diretor de segurança da guarda territorial. A publicação era dirigida pelo comandante Astério Bentes Pimentel e o subcomandante Raimundo Penaforte (BATISTA, 2014, p. 35).

Com relação ao endereço houve duas alterações: a primeira, a partir da edição de 27 de setembro de 1952, quando era especificada a mesma avenida, Bento Brasil, mas com o número 584, não podendo no momento inferir se é o mesmo local físico. A segunda, outro endereço mencionado foi a Av. Jaime Brasil, 196, e isso na edição de 21 de fevereiro de 1953.

O endereço da Av. Bento Brasil passou a funcionar apenas como oficina tipográfica e a sede principal na Av. Jaime Brasil, (Anexo I, Figura 45), o primeiro prédio à esquerda²¹.

O jornal *O Átomo* tinha como subtítulo “Jornal independente e noticioso”, presume-se que o termo “independente” fazia menção ao aspecto de que era mais confiável, visto que não possuía vínculo direto com o governo local, onde fazia críticas aos opositores políticos e elogios aos que lhe eram próximos ideologicamente.

Além do aspecto político, é possível perceber outros temas como: seção de piadas; publicações de editais; notícias locais, nacionais e internacionais; vendas pessoais de bens móveis e imóveis; notícias policiais; agradecimentos de milagres alcançados; futebol brasileiro; dicas sanitárias; chegada e saída da cidade de políticos e pessoas vinculadas à classe empresarial e atividades musicais como shows, aniversários, casamentos, missas, festa junina, serviço de alto-falantes etc.

Sobre o nome do jornal²² não foi encontrada nenhuma explicação, contudo, naquele período, posterior à Segunda Guerra Mundial, a bomba atômica, uma arma de guerra de alto poder destrutivo, tinha sido usada ao final do confronto pelos Estados Unidos, causando grande destruição nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, entra em cena a bomba atômica, uma arma com um poder de destruição muito superior ao das armas que, até então, eram utilizadas nos conflitos internacionais. As bombas atômicas jogadas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, causaram um enorme impacto na opinião pública mundial. Governos de diversos países do mundo não conheciam o verdadeiro teor de uma arma que utilizava a energia atômica. (RIBEIRO, 2009, p. 148).

²¹ Onde atualmente funciona a Associação Comercial (Anexo J, Figura 46)Figura 46.

²² Foi encontrado um periódico científico que iniciou seus trabalhos em 1949, chamado *Átomo*, de publicação portuguesa, que tivemos acesso apenas à capa de modo digital, e não pudemos inferir alguma ligação direta com o jornal em questão, mas nos mostra a recorrência do título (Anexo K, Figura 47).

É mencionado em uma notícia, na edição de 1 de janeiro de 1954 o termo *energia atômica*, em vincula tal tecnologia ao desenvolvimento humano. “Em pleno século vinte na era da luz, da energia atômica” (O Átomo, 01/01/1954). Vinculando o termo a um aspecto positivo.

Todavia, encontramos o termo “bomba atômica”, publicado em duas edições, 1953 e 1954, se referindo ao impacto social de uma decisão tomada no ambiente político-administrativo: “A exoneração do sr. Aprígio, havia sido obtida pelo dep. Valois, numa notória e espetacular comprovação de prestígio, razão pela qual estourou como uma **bomba atômica** a anulação da mesma, repercutindo de modo invulgar em todos os meios locais” (O Átomo, 28/02/1953) (grifo nosso) – “Em alta esfera políticas do Território conseguiu nossa reportagem, um verdadeiro furo, o esboço de um plano que constituirá uma verdadeira bomba atômica, realmente concretizado” (O Átomo, 12/06/1954).

Em 1950 existiu uma mobilização pelo não uso desse tipo de arma atômica, a principal delas foi a “Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas”, que foi debatida na terceira sessão plenária do Comitê do Congresso Mundial dos Partidários da Paz, em Estocolmo, Suécia, em março de 1950 (RIBEIRO, 2009). No Brasil a divulgação foi feita pelo Partido Comunista Brasileiro – PCB, que tentou recolher assinaturas, a fim de tentar contribuir com o não uso dessa arma.

O objetivo dos comunistas brasileiros era coletar 4 milhões de assinaturas, em todo o Brasil, até 30 de setembro de 1950. As assinaturas seriam entregues no 2o Congresso Brasileiro dos Partidários da Paz, realizado de 21 a 23 de outubro daquele ano, para posteriormente serem apresentadas no II Congresso Mundial da Paz, em novembro, na cidade de Sheffield, Inglaterra. (RIBEIRO, 2009, p. 148).

Havia uma intensa divulgação do uso e das ameaças da Bomba Atômica no mundo instaurando, comumente chamado de Guerra Fria. A sensação da iminência de guerra é a prerrogativa desse momento.

A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. (HOBSBAWM, 2008, p. 224).

A imprensa nacional também integrava esse conflito, por um embate de memória entre pensamentos ligados aos dois países. Havia ameaças por parte dos dois lados, que se preparavam para um possível confronto. O papel dessa mídia era não lembrar a relação dos EUA com as bombas atômicas.

[...] era por intermédio dos jornais comunistas que a população ficava sabendo o que era a bomba atômica, quais eram seus efeitos e as possíveis consequências de uma guerra desse tipo. Dessa forma, os jornais da grande imprensa atuavam no sentido do

“fazer esquecer”, não revelando o que ocorrera nas cidades japonesas devido ao ataque dos EUA com bombas atômicas. Enquanto os comunistas, por intermédio de panfletos, comícios, passeatas, palestras, mas, sobretudo sua imprensa, “lembravam” constantemente aqueles fatos históricos. (RIBEIRO, 2009, p. 166).

Dentro desse cenário social, o jornal *O Átomo* talvez tivesse tido o objetivo de associar a ideia com o impacto que a sua produção jornalística queria causar na sociedade brasileira, que tinha maior aproximação com as políticas americanas, o que não associa a bomba atômica às letalidades das vidas de 1945, mas com o poder no imaginário que fora construído desvinculado às vidas perdidas.

Sobre o alcance, a venda dele era superior à venda de seu rival, *O Boa Vista*, que estava gerando desconfiança no Território, por conta do seu alinhamento direto com o governo local (MUNARO; CORREA apud MENEZES, 2008). A partir disso, podemos inferir que a população via o jornal *O Átomo* com uma postura mais imparcial em seus escritos.

No aspecto político partidário existia uma oposição ao governo local, essencialmente ao Deputado Felix Valois. O outro grupo era a Frente Única, formada pelos partidos: Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, Partido Social Democrático – PSD e União Democrática Nacional - UDN (LOBO, 2014). O jornal *O Átomo* toma uma postura de divulgação do conflito, com tentativas de imparcialidade, apesar de declarar a oposição a Valois, abre espaço para a fala do deputado.

Ainda sobre os conflitos da década de 1950, destacam-se as acusações de ambos os lados, da Frente Única e do Deputado Felix Valois. Para compreender o cenário político onde emergiram tais conflitos, o jornal aparece como uma fonte útil, pois pode-se analisar as diferentes falas colocadas, inclusive uma possível parcialidade a determinado lado deste conflito por parte do periódico analisado. (LOBO, 2014, s.p.).

No jornal podem ser encontradas variadas propagandas, tanto de serviços quanto de bens, de ambientes mais formais como de lojas, mas, também, de profissionais autônomos. Para citar algumas: Moura Bar, Alfaiataria Albano, A Diamantina, A Pernambucana, A Ferrolândia, A Cearense, Casa Paraibana, Said Salomão, J. D. Brandão, Frete de Caminhão, Padaria Xaud, Venda de refugo de madeira, de casa, de utensílios domésticos, de carro, de móveis. Somado a essa receita das propagandas havia o serviço de alto-falantes, o que leva a crer que o jornal buscava autonomia financeira.

O jornal *O Átomo* foi comprado por opositores políticos e em 1958 encerrou a sua circulação, “quando Félix Valois perdeu as eleições para Deputado Federal pelo então Território do Rio Branco” (SILVA, 2014, p. 30). Ratificando a disputa pelo espaço de construção de memória, por aquilo que deseja ser lembrado e esquecido (Le Goff, 1996), havendo o silenciamento de um registro importante de memória.

2.5 Trabalhos anteriores sobre jornais de Boa Vista

Neste tópico, descrevo alguns tipos de pesquisa envolvendo jornais na região de Boa Vista, que de alguma forma se relacionam com o tema de nossa pesquisa entre Música e Comunicação, ou então, que de alguma forma acionaram o jornal *O Átomo*.

A única monografia que usa o jornal como fonte documental e traz a temática musical é a monografia *Roraima na década de 1980: o debate artístico e cultural* (SILVA, 2013), a autora é do curso de História da UFRR, Jéssica Carla da Silva, e tem como abordagem principal a pesquisa sobre o grupo artístico Roraimeira, usando as falas dos seus integrantes publicadas nos jornais da época e entrevistas colhidas com os artistas na década de 1980. Busca discutir sobre cultura e representação social, por meio do grupo e suas influências no cenário artístico local na década de 1980.

A autora utiliza em sua análise cinco periódicos de Boa Vista: Jornal de Roraima; Boletim da Educação e Cultura; Folha de Boa Vista; A Crítica de Roraima; O Estado de Roraima.

Em sua introdução aparece uma referência ufanista ao grupo e ela afirma como um consenso, quando diz [...] Movimento Roraimeira é uma referência, abriga de braços abertos às pessoas que por algum motivo migraram para o extremo norte e aqui adotaram Roraima como sua terra, criando raízes, não querendo mais ir embora, se tornando assim pertencentes a Roraima (SILVA, 2013, p. 13). Pode ser notada também uma visão parcial do grupo analisado, quando ela declara que “Seus artistas ocupam seu lugar ao sol, com talento e genialidade” (SILVA, 2013, p. 13), porém, os critérios para tais considerações de “talento” e “genialidade” não são elucidados.

No capítulo 3, *A musicalidade Roraimeira*, a autora traça um histórico enaltecedor do grupo Roraimeira, com características temáticas de suas composições que “[...] em suas letras retratam as belezas do Estado, em suas canções, representam o retrato típico da região, fazendo, por vezes, com que apenas os familiarizados com a cultura local entendam o que determinadas letras ou palavras significam” (SILVA, 2013, p. 26). Cabe destacar que a sua análise se limita à poesia produzida pelo grupo, não havendo vínculo com a musicologia²³.

É confirmado diversas vezes o enaltecimento do grupo, por exemplo, no trecho em que diz: “Nas canções que fazem parte do repertório do Movimento Roraimeira, identificamos

²³ A autora faz menção a conceitos teóricos musicais, todavia, sem fundamentação descrita, mas não compromete o seu trabalho em outros aspectos, pois não tem um foco de pesquisa musicológica.

questões relacionadas a um diálogo muito próximo com a realidade social [...]” (SILVA, 2013. p. 27). Os jornais nesse trabalho são usados, sobretudo, para o favorecimento do grupo no entendimento como formador de uma representação cultural no estado de Roraima.

O autor da monografia *Entre atores e palcos: O Teatro Carlos Gomes, de 2017*, Kleber Medeiros de Souza, se dedica às Artes Cênicas em Boa Vista, focando nessa manifestação cultural e no histórico do Teatro Carlos Gomes, prédio pertencente ao estado de Roraima. O uso de jornal não é a fonte principal do seu trabalho, três edições ao todo, em dois jornais, o Jornal Folha de Boa Vista e o jornal Roraima em Tempo²⁴. Usado com contextualização histórica.

A pesquisa de Yasmin Guedes (2013), do curso de História, é dirigida para as questões políticas que envolvem o jornal A Folha de Boa Vista, no final da década de 1980, na transição para o Governo Republicano, com o título *História do Jornalismo e da política na transição de Território para Estado de Roraima: A Folha de Boa Vista em 1988*. Esse trabalho usa a metodologia de Análise de Discurso nas edições do ano 1988, e enfatiza o afã dos políticos locais em quererem ganhar espaço no recém-criado Estado da Federação. São mencionadas as circulações na década de 1980, “*A Gazeta*”, “*A Tribuna de Roraima*” e “*O Jornal*”, todos esses extintos.

Na monografia *A violência praticada contra os povos indígenas presentes nos relatos dos jornais: O caso da Folha de Boa Vista (2005 - 2010)*, a autora Girley Barbosa Silva analisa como são divulgados os casos de violência contra indígenas nesse veículo de comunicação. A sua metodologia emprega Análise de Discurso. Também são usados os jornais *O Átomo*; Brasil Norte; e Folha de Boa Vista.

O trabalho de conclusão de curso de Ademir José Mauro de Andrade, que tem como título *O Jornal Boa Vista: porta-voz dos projetos desenvolvidos no território de Roraima no período de 1973 a 1979*, faz uma Análise Documental no Jornal Boa Vista, que teve a sua existência no Território Federal de Roraima no período de 1973 a 1983.

A pesquisa faz uma contextualização dos eventos ligados ao governo Federal que antecedem o período analisado e no mesmo período. A pesquisa foca em uma análise político-social dos jornais. Relata fazer pesquisa documental em acervos de instituições privadas e no acervo público do Palácio da Cultura do Estado de Roraima

²⁴ Não foi possível identificar a edição desse jornal, não consta na bibliografia.

Produz também uma contextualização dos primeiros jornais em Boa Vista, citando *O Caniço*, *O Tacutú*, *Rio Branco*, *O Sabiá*, *O Bem-te-vi*; *A Carvão*; *Boletim Oficial*; *O Boa Vista*; *O Átomo*; *O Tenente Guimarães*; *O Combate*; *A tribuna do Norte*; e *O Diário*.

No trabalho *A invisibilidade das mulheres indígenas na mídia impressa roraimense: reflexões a partir das reportagens do Jornal Folha de Boa Vista (1999-2005 e 2009)*, de 2016, Leane Nascimento Vieira, do curso de História da UFRR, usa o método de Análise Documental observando as representações das mulheres indígenas nesse veículo de comunicação. Indica como influência de sua pesquisa a Escola dos *Annales* e a Teoria das Representações Sociais.

Em seu contexto histórico da imprensa em Roraima, foram citados o *Órgão oficial*; *Boletim oficial*; *O Boa Vista*; *O Átomo*; *A tarde*; *O Roraima*; *Tribuna do Norte*; *O Observador*; *Folha de Roraima*; *Gazeta de Roraima*; *O Diário do Povo*; *A Crítica de Roraima*; *O Jornal – O jornal da integração Brasil-Venezuela*; *O Estado de Roraima*, que teve seu título alterado para *O Caburá*; *Jornal de Roraima*; *Última Hora*; *O Povo – e a cidade*; *Correio Roraimense*; *O Correio Agrícola*; *Vira-Volta – Comunicação Popular*; *Roraima Hoje*; e *Folha de Boa Vista*.

A autora Gomes (2017), em seu trabalho de conclusão de curso em História *Preconceito e mídia: a violência contra os indígenas roraimenses no jornal impresso Folha de Boa Vista (2003 - 2005)*, abordou como o indígena local é representado nas charges desse veículo de comunicação. Em sua análise faz uso de princípios da Escola dos *Annales*, da Análise do Discurso e aproximações com teorias da comunicação.

Nos jornais citados em seu contexto histórico, ela apresenta o viés político que movia os jornais, citando *O Caniço*; *O Tacutú*; *Jornal Rio Branco*; *A Imprensa Oficial*; *O Átomo*; *O Roraima*; *Boletim Oficial*; *O observador*; *Folha de Roraima*; *O Estado de Roraima*; *Diário de Roraima*; *Vira-Volta*; *Roraima hoje*; e *Folha de Boa Vista*.

Em Roraima, historicamente, os jornais impressos quase sempre estiveram ligados a movimentos político-partidários. Dessa forma, verifica-se que no período recente do jornalismo roraimense, os jornais são veículos da manifestação dos grupos políticos que os financiam ou que estão ligados a eles ideologicamente (GOMES, 2017, p. 25). Tal prática vai de encontro com o bom uso da memória social proposto por Candau (2011), pois o ideal é que sirva à coletividade e não a interesses de grupos.

Em sua apresentação, Gomes (2017) afirma que, em se tratando da questão indígena representada no jornal, querendo descobrir como “de certa maneira induziram a linha editorial do jornal a ser parcial, cometendo violência e preconceito contra os índios de Roraima” (GOMES, 2017, p. 6), demonstra que já vai com conceitos formados sobre a linha editorial, o

que compromete negativamente o seu trabalho, uma vez que poderia ter um posicionamento inicialmente mais analítico.

Por causa desses pressupostos, existem momentos em que ela tem dificuldade em compreender outros significados possíveis na fala do chargista, ou não percebe que a análise do discurso da charge é amplamente maior que o texto escrito, devendo entender como a própria figura. No geral, faz considerações que capta o uso do material jornalístico nas disputas de poderes simbólicos.

No trabalho *Folha de Boa Vista sobre o processo de demarcação e homologação da Terra Indígena Raposa/Serra do Sol no período de 1998 a 2005*, a partir de análise das notícias publicadas, a autora Alankassia Maia de Oliveira faz referência à Escola dos *Annales*, como influenciadora, e usa como metodologia a Análise de Discurso.

Em Oliveira (2017) destaco que é feito um levantamento sobre os jornais que fizeram parte da história da imprensa de Roraima. No desenvolvimento de sua pesquisa, a autora se utiliza de notícias e charges publicadas no jornal Folha de Boa Vista do período selecionado. Busca levantar o histórico e a linha editorial do jornal e um levantamento de notícias, para uma análise sobre como a questão da terra indígena é tratada no referido jornal.

No histórico da imprensa faz referências aos primeiros jornais nacionais, da região do Amazonas e da região de Boa Vista. Faz citação de *O Caniço; O Tacutú; A Carvão; O Bem-te-vi; Rio Branco; Jornal do Rio Branco; Imprensa Oficial; O Boa Vista; O Átomo; Roraima; Jornal Boa Vista; O Observador; Folha de Roraima; O Estado de Roraima*, que passou a se chamar *O Caburá; O Estado de Roraima; Última Hora; O Povo e a Cidade; o Correio Roraimense; O Editorial - O arauto dos municípios; O Correio Agrícola; Vira-Volta; Brasil Norte; Roraima Hoje e Folha de Boa Vista*.

O trabalho de Oliveira (2017) tem por tema *As ordens religiosas na Amazônia: os missionários beneditinos e os conflitos políticos no Vale do Rio Branco (1840-1948)*, realizado em sua finalização do curso de História da UFRR. Analisa a religião católica, relacionando-a com a economia e política, fazendo uso do Jornal do Rio Branco.

O autor interpreta o uso da religiosidade católica na região como uso para o ensino dos princípios sociais não locais, da própria religiosidade católica em formato de doutrinação, além de mudanças na economia. “[...] A vinda dos monges beneditinos para a bacia do Rio Branco se dá pela implementação de projetos voltados para a indústria e economia, que visam retirar a região do atraso econômico em que viviam” (OLIVEIRA, 2017 p. 15).

Pode ser feita uma crítica em seu trabalho quando afirma que “A Igreja representa um importante instrumento de dominação e controle da população local, haja vista a aceitação de

dogmas cristãos por todos os moradores” (OLIVEIRA, 2017 p. 27). Pode ser questionado o termo “todos os moradores”, afirmando uma unanimidade, quando possivelmente o que há é o silenciamento de divergências.

Analisa o jornal como instrumento de construção da cultura letrada da região, sendo uma proposta de integração com a civilização brasileira.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise do periódico “Jornal do Rio Branco”, que tinha como proposta inicial colocar os habitantes do Vale do Rio Branco em conexão uns com os outros e mais importante, com o país que o Governo Republicano estava criando. (OLIVEIRA, 2017, p. 57).

Souza (2017) discorre sobre o Teatro Carlos Gomes, pertencente ao patrimônio urbanístico da cidade, e usa como fonte os jornais da década de 1980. Mas, inicialmente, faz um apanhado das atividades anteriores, os alto-falantes do José Celestino e o Quitandinha.

O trabalho de Cruz (1998) faz uma pesquisa exploratória de forma extensiva sobre os jornais de Boa Vista de 1905 a 1997, é o primeiro trabalho encontrado com essa linha temporal. No primeiro capítulo é feito um breve histórico da imprensa no Amazonas, justificando que nesse período o atual estado de Roraima era município do Amazonas. Os jornais mencionados são: *O Caniço*; *O Tacutú*; *O Carvão*; *Bem-te-vi*; *Rio Branco*; *O Rio Branco*; *Jornal do Rio Branco*; *O Boa Vista* (posteriormente *Jornal Boa Vista*); *O Átomo*; *O Combate*; *O Debate*; *Resistencia*; *A Tarde*; *Tribuna do Norte*; *O Roraima*; *Tribuna de Mucajaí*; *O Observador*; *Folha de Roraima*; *Gazeta Feminina* (posteriormente *Gazeta de Roraima*).

Os jornais analisados têm temáticas variadas, como política, arte e cultura, política e patrimônio, catolicismo e política, indígena nos aspectos de demarcação de terra, sobre mulheres e sobre violência. A predominância da abordagem de métodos são Análise do Discurso e Semiótica.

Pudemos perceber, também, que os trabalhos encontrados, que de alguma forma dialogam com o tema desta pesquisa, em sua maioria trata das questões políticas e ou indígenas, e não foi encontrado nenhum trabalho sobre a música na década de 1950.

2.6 Relatos autobiográficos memorialistas: Laucides Oliveira e Walmir Pimentel

A vivência musical na cidade de Boa Vista na década de 1950 também está registrada nos relatos memorialísticos de dois moradores da época, com diferentes informações da vida musical além das linhas do jornal. Os relatos são de Laucides Oliveira e Walmir Pimentel, que estão publicados em livros autobiográficos, o primeiro tem relação direta com a Comunicação do estado e o segundo está ligado à música.

A proposta do gênero textual autobiografia é de descrever os detalhes da vida a partir do seu escritor, ou seja, é uma narração em primeira pessoa descrevendo a sua visão sobre os acontecimentos. Geralmente, não tem compromisso cronológico, pois a narração muitas vezes é citada da maneira em que há a recordação, sem a rigidez do rigor científico. E não há a intermediação de um biógrafo (como o próprio nome indica).

Nos dois livros mencionados não está clara a natureza mercadológica desses materiais e não é apontada ajuda financeira para a produção ou o número de unidades produzidas.

As obras dos autores são: *Boa Vista 1953 uma aventura... Ah, dias da minha juventude* (2010), de Laucides Oliveira; e *Boa Vista, 1950 por Walmir Pimentel* (2010), de Walmir Pimentel. Elas têm como características serem escritos autobiográficos memorialistas documentais. Ambos também tiveram ampla atividade na referida década e trazem contribuições significativas para o conhecimento da vida musical em Boa Vista.

O “Mestre Lau”, apelido de Laucides Oliveira, nasceu em Goiás, e se mudou para Boa Vista no início da década de 1950. Aqui atuou, também, como jornalista, sendo um dos pioneiros tanto da rádio, como na TV. Assumiu vários cargos públicos e tinha proximidade com o ambiente político da cidade. Recebeu várias homenagens, inclusive, uma condecoração que leva o seu nome na Assembleia Legislativa do Estado de Roraima, entregue a pessoas de destaque na área de Comunicação do estado.

Walmir Pimentel nasceu no município Bonfim – RR, em 1939, tendo ascendência indígena e portuguesa, trabalhou, entre outras coisas, como operador de rádio, exerceu vários cargos públicos, dentre eles, agente da Polícia Civil. Na época tocava violão, inclusive, com o grupo Trio Iraquitã, que na década era bastante conhecido.

Em um projeto intitulado Memória e História de Boa Vista de 1950, Souza (2021) traz à tona esses mesmos dois livros em sua importância como recurso de memórias na sala de aula para o ensino de História. A autora argumenta que a sua escolha se liga ainda à noção de que toda cidade é um lugar praticado, vivido, sonhado, inventado e contado pelos seus habitantes. (SOUZA, 2012). Mas, esse mesmo princípio se aplica ao uso nas demais pesquisas acadêmicas, visto que é uma fonte a mais dessa guarda de memória social.

E se deve entender o processo de construção que se dá pela memória física que é “fugidia, flexível, seletiva” (SOUZA, 2012, p. 136). Mesmo antes da década de 1950 a cidade era um centro político-administrativo e esses autores vivenciaram a cidade nessa época.

E, em síntese, a autora ressalta as novas possibilidades que esses escritos trazem do passado, tanto na pesquisa, quanto na sala de aula. Alerta que não devemos procurar a verdade,

mas devemos confiar como uma visão pontual importante. Esses escritos não podem ser considerados nem como verdade e nem como invenção. São fontes históricas.

Como documento memorialístico, os trabalhos de ambos constituem uma fonte importante da vida em Boa Vista na década de 1950. Como características sociais Laucides Oliveira estava ligado ao ambiente comunicacional e Walmir Pimentel com a vivência musical, por ter aprendido e tocado violão.

3 A VIDA MUSICAL NA DÉCADA DE 1950 EM BOA VISTA

A proposta desse capítulo é trazer à tona as referências musicais do jornal *O Átomo*, e refletir sobre as vivências musicais da região da cidade de Boa Vista na década de 1950, relacionando com o contexto histórico, usando uma reflexão culturológica da vida musical.

Para melhor compreensão, as menções musicais foram divididas em categorias, a partir de temáticas apresentadas no jornal. Contudo, em alguns momentos elas se entrecruzam, principalmente, os religiosos e cívicos, em que alguns mobilizavam vários setores da sociedade.

Os jornais impressos tinham o objetivo de retratar a atividade didática dos eventos coletivos, e hoje nos servem como fonte de memória que expressa o modo de vida na cidade naquele período. Para Candau (2011), a memória é uma construção social, nunca será um fenômeno neutro, mas sempre baseado na seletividade de quem dela se aproxima.

3.1 Atividades musicais no jornal *O Átomo* (1951 – 1956)

O jornal *O Átomo* constitui um registro importante de atividades sociais em Boa Vista. Le Goff (1996) percebe essa tecnologia como a revolução da memória, devido à possibilidade de acessá-la por várias pessoas, até em diferentes épocas, e de posse desses registros se objetivou construir um panorama analítico da vida musical. Apesar de não ser um jornal especializado em música, ele tem em suas linhas e entrelinhas questões musicais e sociais expressas. A outra fonte acionada diz respeito às visões externas da produção jornalística, que são os relatos de dois moradores da época, publicados em livros memorialistas. A partir de então, buscou-se a construção de um panorama e uma reflexão social do cotidiano no Território do Rio Branco, no tripé entre Comunicação, Memória e Música.

Ao analisar as ações musicais contidas no jornal *O Átomo*, foram encontradas 115 menções em que a música se faz presente. Na categorização didática, dividimos nos seguintes temas: Eventos religiosos; Eventos Cívicos; Festejos; Ensino de música; Cinema; Serviços de alto-falantes; Ausência Indígena; Concepções da música; e músicas mencionadas.

3.1.1 Eventos religiosos

A presença católica nesse período tem uma ligação em vários setores da sociedade boa-vistense, não seria diferente no jornal *O Átomo*, que tem em maior quantidade citações relacionadas a esse grupo religioso. As menções que aparecem estão divididas nas seguintes categorias: missas semanais; missas fúnebres; missa cantada; casamento; e festividades.

Nas notícias é possível perceber sempre uma opinião enaltecida sobre os eventos e sobre esse grupo religioso, uma característica do período jornalístico, com escrita mais opinativa (ABREU, 1996). Como exemplo podemos trazer a atividade do dia 7 de abril de 1953 (Figura 2), em uma festividade da região do Surumu aparecem os termos como “alegria”, “contentamento” e a evocação à unidade social, quando fala de vários setores da sociedade presentes no evento, sendo a religiosidade católica o ponto de encontro de todos.

As grandes festividades religiosas no Surumu

Reportagem da Prof. Cineide Guimarães

Em meio à alegria e contentamento, transcorrer, na semana passada, na localidade Missão São José - região do Surumu - os festejos em homenagem a São José, grande patrono e benfeitor espiritual da sublime obra missionária que, enfrentando todos os pobres, sem medir sacrifícios, realizou-se naquele local.

Não seria possível passar despercebido as atividades que se realizaram durante aquela semana de festas, que tiveram seu início no dia 15 de Março com a novena realizada na humilde capelinha, em louvor a São José.

De toda parte, de todos os lugares vizinhos a localidade, ocorreram de votos, fazendeiros, famílias e caboclos que já, há vários dias, vinham formando pequenos grupos, acampamentos, perto da Missão.

Durante as quatro noites de novena e quermesse eram bem grandes o número de pessoas que compareciam à igreja, onde corações católicos e um e levar suas preces até as regiões sempiternas do Altíssimo. Quanta singeleza naqueles momentos sagrados em que o sacerdote com a alma toda voltada a Deus, cheio de doçura e bondade, dava-nos a benção do Santíssimo. Quantas criaturas, ali estavam demonstrando a sua fé, escutando, cheio de confiança e respeito, o sermão do missionário que, com todas as suas luzes espirituais, nos encaminhavam para o bem, através de seus conselhos e explicações

Aquelas vozes tão humildes, unidas as vozes infantis dos alunos da Missão, muito dizia do esforço, do trabalho dos incansáveis sacerdotes, obreiros do bem e da Caridade.

O trabalho das quermesses também alcançou grande êxito, postei a colaboração e apoio de todos os moradores da região, do posto administrativo, funcionários, notários e das professoras da escola que se dedicaram com muita boa vontade aos trabalhos da Missão.

No dia 19 data consagrada a São José, pela manhã, às 6,30, Ouvir missa e comunhão geral, na qual grupo de crianças, com os corações em festa, a alma inocente e pura, receber a Jesus pela primeira vez às 8,30, houve **missa cantada** sendo assistida pelo povo em geral. Após, realizaram-se os batismos e crismas ponto à tardinha, **saiu a procissão** e, à noite, foram encerradas solenidades religiosas, sendo apresentadas ao público uma representação teatral, na qual tomarão parte alunos e professoras escola. Alcançou sucesso, não só pela maneira com que foi levada à cena, mas, também, pelo esforço dos colaboradores.

A todos os que trabalharam em prol da Missão S. José, os sinceros parabéns e ao povo Surumu os mais gratos agradecimentos pela cooperação prestada.

(*O ÁTOMO*, 7 de abril de 1953, grifo nosso).

As grandes festividades religiosas no Surumú

REPORTAGEM DA PROF. CINEIDE GUIMARÃES

Em meio a alegria e contentamento, vimos transcorrer, na semana passada, na localidade Missão São José — Região do Surumú — as festas em homenagem a São José, grande patrono e benfeitor espiritual da sublime obra missionária que, enfrentando todos os obstáculos, sem medir sacrifícios, realizou-se naquele local.

Não seria possível percebermos despercebidas as atividades que se realizaram durante a semana de festas, que tiveram seu início no dia 25 de Março com a novena rezada na humilde capelinha, em louvor a São José.

De toda a parte, de todos os lugares vizinhos à localidade, acorreram devotos, fazendeiros, famílias e caboclos que já, há vários dias, vinham formando pequenas grupos, acampamentos, perto da Missão.

Durante as quatro noites de novena e quermesse era bem grande o número de pessoas que compareciam à igreja, onde corações católicos iam elevar suas preces até as regiões sempiternas do Altíssimo. Quanto a singularidade naqueles momentos sagrados em que o sacerdote com a alma toda voltada a Deus, cheio de doçura e bondade, dava-nos a bênção do Santíssimo. Quantas crianças, ali estavam demonstrando a sua fé, escutando, cheios de confiança e respeito, o sermão do missionário que, com todas as suas forças espirituais, nos encaminhava para o bem, através de seus conselhos e exortações.

Aquelas vozes tão humildes, unidas às vozes infantis dos alunos da Missão, muito diziam do esforço, do trabalho, dos incansáveis sacrifícios, séculos de bem e de Caridade.

O trabalho das quermesses também alcançou grande êxito, pelo leve e colaboração e apoio de todos os moradores da região, de todos administrativos, funcionários, militares e das professoras da escola que se dedicaram com muito bom vontade aos trabalhos da Missão.

No dia 28, data consagrada a São José, pela manhã, às 8,30, houve missa e comunhão geral, na qual um grupo de crianças, com as cores em festa, a alma alegre e pura, receberam Jesus pela primeira vez. Às 12,30, houve missa cantada, sendo assistido pelo povo em geral. Após, realizaram-se os batismos e crismas. À tarde, saiu a procissão e, à noite, foram encerradas as solenidades religiosas, sendo apresentada ao público uma representação teatral, na qual tomaram parte alunos e professoras da

escola. Alcançou sucesso, não só pela maneira com que foi levada à cena mas, também, pelo esforço dos que colaboraram.

A todos os que trabalharam em prol da Missão S. José, os sinceros parabéns e ao povo do Surumú os mais gratos agradecimentos pela cooperação prestada.

Figura 2: As grandes festividades religiosas no Surumú, *O ÁTOMO*, 7 de abril de 1953.
Fonte: BND.

Ainda nessa reportagem é possível notar a menção de “missa cantada”, fazendo referência direta à música, o que não é muito comum em outros momentos das menções religiosas, inclusive, em algumas atividades não existe referência à música, apesar de pressupor a sua presença em algumas delas.

No dia 17 de abril de 1954 é referenciado um evento organizado pelo Padre José Maria Rubatto (Figura 3). No programa é relacionado atividades a serem desenvolvidas durante todo o dia e com festas todas as noites. E como é característico desse momento jornalístico, a opinião está presente, e nesse caso é sempre de maneira positiva e unânime, buscando enaltecer e valorizar a ação, “todos ficaram favoravelmente impressionados pelo ordenado desenrolar dos programas” (*O ÁTOMO*, 17 de abril de 1954).

Festa de São José em Surumu

As festas de São José, realizadas neste ano de 1954, no Surumu, atingiram proporções insólitas de brilho nunca visto por esses lugares. O povo ocorreu numeroso para a novena mais ainda no dia da solenidade de volta de toda a circunvizinhança, do Alto Rio Branco, do Mal, e até do Amajari, vieram pressurosos de pôr aos pés do poderoso protetor da Igreja Universal, o período humilde de culto e mineração filial, agradecendo e pedindo confiadamente favor e celestes

Os festejos foram coroadas de feliz êxito e **todos ficaram favoravelmente impressionados pelo ordenado desenrolar dos programas.**

[...].

Houve Corridas de cavalos e de bicicletas, saindo vencedor das bicicletas o Sr. Antônio Alves Ferreira

Pelas diretivas magistras do juiz da festa ao Senhor Homero Cruz Filho, e pela Generosa e desinteressada ajuda dos **festeiros de cada noite**, pode a festa apurar o lucro de Cr\$ 2.000,00

Vai desta coluna nosso breve, sincero e profundo agradecimento aos Devotos cooperadores desta festividade, invocando sôbre eles e sôbre suas honradas famílias a bênção de Deus da preciosa proteção do Grande São José

Padre José Maria Rubatto

(*O ÁTOMO*, 17 de abril de 1954, grifo nosso).



Figura 3: Festa de São José em Surumu, *O ÁTOMO*, 17 de abril de 1954.
Fonte: BND.

Outra referência à missa cantada, chamada de *Missa solene cantada* no dia 14 de agosto de 1954, envolve uma programação com maior elaboração, com várias missas e procissão (Figura 4).

Congregação Mariana

A Comissão organizadora da festividade em honra a padroeira das congregações Marianas tem a satisfação de convidar as autoridades, agremiações de categorias religiosas e sociais, a imprensa e o povo em geral à tomarem parte na solenidade de comemoração da Assunção de Nossa Senhora, a realizar-se no próximo dia 15 de Agosto do ano em movimento.

PROGRAMA

6,30 hs - Missa na Igreja Matriz, com comunhão geral com as Congregações Marianas

9,00 hs - **Missa solene cantada;**

10,00 hs - Renovação da Consagração dos Congregados Marianos, no altar mór da Igreja Matriz;

16,45 - **Procissão** partindo da Igreja Matriz com destino ao local da construção da Igreja de S. Francisco, no bairro do IPASE:

20,00 - Sessão Solene no Teatro "Carlos Gomes".

NOTA: Com o objetivo de evitar contrariedades de última hora, avisamos que a aludida Sessão Solene é destinada somente para adultos, levando em consideração as palestras proferidas, bem como o local.

A COMISSÃO (*O ÁTOMO*, 14 de agosto 1954, grifo nosso).



Figura 4: Congregação Mariana, *O ÁTOMO*, 14 de agosto 1954.
Fonte: BND.

A procissão, que segundo Souza (2013), é um evento que simboliza um pertencimento dos fiéis à Igreja e acontece em espaços externos ao templo – geralmente em ruas e avenidas – e a música é um dos elementos presentes no evento religioso. Ela configura uma afirmação de “autoridade da fé sobre o espaço profano, incorporando a autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada” (SOUZA, 2013, p. 44).

A influência da Igreja Católica está presente em vários setores da sociedade e podemos considerar uma tentativa dessas atividades, mormente, as procissões, em reforçar a visão monocultural proposta por Santos (2010), usando essa religiosidade para demarcar a sua presença como poder, selecionando enredos e personagens válidos. Havendo um silenciamento de outros grupos religiosos

Há ênfase também nos líderes desse grupo religioso, atestado com a recepção na chegada no aeroporto da cidade, sendo elaborado um evento que mobilizava políticos, militares, associações religiosas, estudantes e a população em geral, como a chegada de Dom José Nepote, incluindo a descrição de uma programação após a recepção.

EM BOA VISTA D. José Nepote

Pelo avião do Correio Aéreo Nacional aqui chegado quinta-feira, regressou a Boa Vista a Exa. Revdma. D. José Nepote, Bisbo de [...] prelado do Rio Branco.

Ao aeroporto local compareceram o Sr. Governador Aquilino Souza Duarte, acompanhado de seu secretário, o Exmo. Sr. Dr. Maximilianos de Trindade Filho, autoridades militares, associações religiosas, estudantes de todas as escolas e [...] e

numerosa massa popular [...]. Revdma., em nome do Governo [...], o Secretário Geral do Território, Cap. José Maria Raposa.

Procedido de grande cortejo, foi o Prelado do Rio Branco conduzido a Prelazia onde se fizeram ouvir, dando-lhe as boas vindas, o Pe. José Monteconi, o ginásiano João da Silva Aranha e o jovem rio-branquense Francisco das Chagas Duarte.

A noite teve início no salão de festas do Colégio São José o ciclo de conferências e sessões de estudos sobre temas religiosos que se prolongará até á noite de domingo, amanhã. Ontem no Restaurante das Mangueiras, teve lugar um bem cuidado almoço em homenagem a D. José Nepote, oferecido pela Família Católica Riobranquense, classes Conservadoras e Operários. Às 20,00 horas, no Cine-Teatro “Boa Vista” promoveram os estudantes uma carinhosa, tendo a parte teatral com o Curso Normal “Monteiro Lobato” e a orfeônica com o Ginásio “Euclides da Cunha” alcançado um êxito invulgar.

Nós de *O ÁTOMO* que fomos sempre alvo de benévola simpática por parte de D. José Nepote, também o saudamos confiantemente, pedindo-lhe um pouco das primícias do seu Episcopado. (*O ÁTOMO*, 29 de novembro de 1955).

Segue-se nesse mesmo evento, uma festa noturna na Escola Monteiro Lobato e apresentação musical com o grupo “Orfeônica no ‘Ginásio Euclides da Cunha’”. Vale destacar que nesse período vigorava no ensino de música o modelo de Canto Orfeônico, iniciado no governo de Getúlio Vargas na década de 1930, que trataremos adiante. O que certifica o prestígio desse grupo social.

Mas a Igreja Católica também podia prestar a mesma ação, sendo, inclusive, citada pelo *O Átomo* uma recepção no Rio de Janeiro, em que a Igreja Católica organizava o evento. Na ocasião foi realizada uma missa, seguida por uma festividade em homenagem ao retorno de um militar da Marinha. É mencionado que foi assistida por muitas pessoas, ao ponto de não caberem no templo religioso. E a música foi acionada pela apresentação da banda dos Fuzileiros Navais. Entende-se a veiculação dessa recepção, sobretudo, com uma intenção didática, demonstrando como deveria ser a recepção das autoridades, e tendo como referência uma cidade com maior desenvolvimento econômico (Figura 5).

Missa em ação de graças pelo retorno do “Tamandaré”

Rio, 25 - Ficou totalmente tomada a igreja de N. S. do Carmo na manhã de hoje pelos que foram assistir a mesma de ação de graça pelo regresso feliz do cruzador “Tamandaré” no dia 13. Considerável massa humana impossibilitada de penetrar no templo por falta de lugares, permaneceu no exterior ovacionado depois os elementos do governo do sr. Café filho. O brigadeiro Eduardo Gomes e o almirante Penna Botto foram carregados, e aplaudidos foram igualmente o almirante Amorim do Vale, sr. Carlos Luz, general Alcides Etcheço e debutado Otávio Mangabeira. A banda dos Fuzileiros Navais esteve presente. (*O ÁTOMO*, 29 de novembro de 1955).

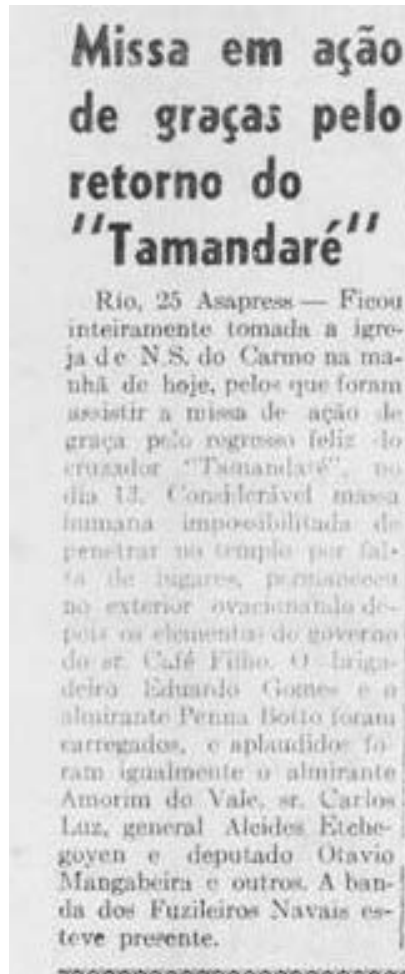


Figura 5: Missa em ação de graças pelo retorno do “Tamandaré”, *O ÁTOMO*, 29 de novembro de 1955.
Fonte: BND.

A recepção das autoridades eclesiásticas e a alusão a uma recepção em outro lugar reforça a hierarquia social existente, mostrando com naturalidade a demarcação de quem é o líder, e que precisa ser bem recebido e reverenciado por toda a população. Ação que se aproxima da terceira lógica proposta por Santos (2010), a de *classificação social*, devido à naturalização da estrutura hierárquica, sendo usada até como modelo didático. A utilização do aeroporto pode ser uma demarcação de autoridade, porque a maioria da população nunca usaria o avião como transporte.

As notícias sobre as missas fúnebres eram recorrentes, as constantes aparições demarcam ainda mais a presença dos princípios cristãos na sociedade boa-vistense. Percebe-se, assim, a crença nesses princípios religiosos, no entanto, não aparece nas edições analisadas menções a religiões distintas, por exemplo, associadas à morte e a temas variados.

Apesar de muita recorrência da divulgação dessas missas no jornal, durante a pesquisa não foram encontradas informações que pudessem elucidar a presença ou não da música nesse

tipo de evento religioso. Mas a título de exemplo, podemos citar a nota do dia 17 de outubro de 1953 (Figura 6).

Falecimento

D. Raimunda Sampaio Moura

Ocorreu, 14 do corrente, falecimento da veneranda senhora Raimunda Sampaio Moura, cuja avançada idade de 85 anos não lhe permitiu resistir a pertinaz enfermidade que havia aprendendo ao leito, há vários meses malgrado os esforços da ciência e os desvelos dos seus médicos assistentes.

A extinta, que pertencia a indústria e conceituada família cearense, estava radicada a este território há mais de 40 anos gozando de estima e consideração sociais, pelas suas *** virtudes.

D. Raimunda Sampaio Moura era irmã do Senhor Emenegildo Sampaio e Maria Etelvina Vieira da Silva, (em B. Horizonte - Minas) Maria Augusta de Brito, sendo progenitora do Senhor Antônio dos Santos Moura contando, aqui, numerosos parentes e amigos.

Ao sepultamento compareceu em grande número de pessoas amigas da enlutada família.

Por nosso intermédio, a família da prateada extinta apresenta às autoridades, representantes de sociedades de classe e às pessoas amigas, sua profunda gratidão pelo conforto moral que ele foi propiciado. Tanto durante a enfermidade, como por ocasião do transe que a deixou enlutada. (*O ÁTOMO*, 17 de outubro de 1953).



Figura 6: Nota de Falecimento D. Raimunda Sampaio Moura, *O ÁTOMO*, 17 de outubro de 1953. Fonte: BND.

Com relação às cerimônias de casamentos, existem muitas citações, mas com a mesma situação anterior, nenhuma referência à prática musical nesse tipo de cerimônia, nem entre os memorialistas. Destaco a cerimônia realizada em Manaus de um cantor local chamado Euros Barbosa. No jornal existem apenas duas menções a esse nome, uma delas é a que segue (Figura 7).

Na vizinha capital do Amazonas, a 16 do corrente, realizar-se-á o enlace matrimonial do jovem e apreciado cantor riobranquense Euros Barbosa com a distinta e prendada senhorita Maria de Jesus Maia. Naquela data transcorre também o natalício de Euros, ao qual apresentamos nossos cumprimentos e votos de felicidades, extensivos a sua futura consorte[...]. (*O ÁTOMO*, 13 de junho de 1953).

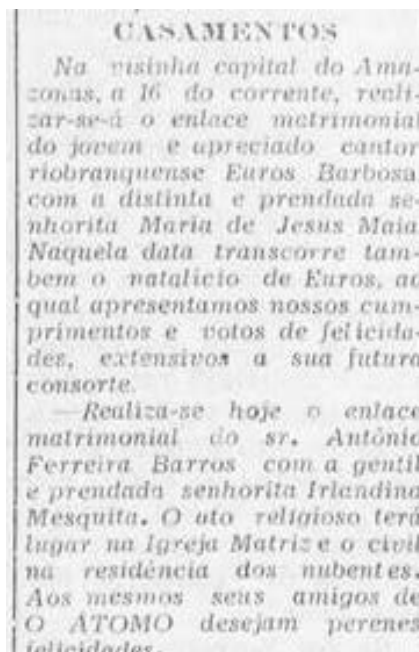


Figura 7: Nota de Casamento, *O ÁTOMO*, 13 de junho de 1953.
Fonte: BND.

A única citação dos memorialistas sobre o aspecto musical na religiosidade católica é a do Padre Bindo, fazendo referência ao uso constante de seu instrumento musical, citado por Pimentel (2010).

O Padre Bindo Melaneze: Como falamos no início dessa obra, chegamos a Boa Vista no primeiro dia de outubro de 1950, já encontramos o padre Bindo que havia chegado no início do ano. De origem italiana, sempre com o seu amigo inseparável, o acordeom e o sorriso largo que o acompanhava sempre. (PIMENTEL, 2010, p. 112).

O Padre também é declarado por Benetti (2020), no qual é grafado como Bindo Meldolesi, que participou da final do Concurso de Música Popular Regional de Exaltação ao Território de Roraima, realizado em 1974. Um fato curioso é que a sua música foi para a final

e ficou em quinto lugar (último daquele dia), posteriormente desclassificada²⁵. Fica evidente que o padre exercia atividade musical também fora do âmbito religioso.

Podemos perceber uma presença marcante da religiosidade católica nos eventos divulgados no jornal *O Átomo* e a presença tímida nas descrições sobre música realizada nesses espaços, mas entendemos que boa parte da vida social girava em torno desse ambiente ou a partir de seus princípios.

Nesse sentido, faz-se um diálogo com o conceito de memória de Candau (2011), em que a religiosidade católica é um valor referente à Protomemória, ou seja, valor intrínseco apresentado no jornal *O Átomo*, refletindo os valores sociais do período, em que em nenhum momento parece ser notado ou questionado. E na música percebe-se pela presença nos eventos musicais e pelos princípios divulgados que reforçam os princípios cristãos católicos. Como Memória (CANDAUI, 2011) podemos inferir que a divulgação de eventos católicos tem o intuito de produzir um sentimento de unidade social, reforçado pelas procissões e eventos abertos, já que boa parte da população professa essa religião.

Como o intuito final era de reforçar os princípios dessa religião e demarcar o espaço na região como a principal influência social, o jornal exercia esse papel propagador. Busca através da aceitação e a credibilidade passa a ser como parte da memória construída.

A religiosidade católica percebida no Jornal *O Átomo* pode ser interpretada pelo pós-colonialismo de Santos (2010), que percebe uma herança deixada desde o processo de colonização, seus valores são amplamente acionados, pois é natural que esse veículo de comunicação buscasse a credibilidade nos conteúdos escritos ou visuais para a propagação ideológica. O veículo de comunicação estudado trabalha com um alinhamento estrito com a ideologia católica, podendo deixar de lado uma função social mais ampla, posto que sua função é claramente de enaltecimento.

3.1.2 Eventos Cívicos

Os eventos cívicos, registrados no *O Átomo*, convocam e relatam a participação de vários setores da sociedade, sendo o jornal o principal instrumento de construção de unidade regional. Esses eventos contêm em sua estrutura uma ligação com maior intensidade no contexto nacional, que segundo Souza (2012) tem “a capacidade de se criar a sensação de pertencimento do indivíduo para com o todo; a manutenção da ordem; a construção do

²⁵ Segundo Benetti (2020) a composição “é a única que destoa de uma concepção ufânista é a justamente desclassificada” (BENETTI, 2020, p. 70).

sentimento de inserção dos excluídos ao grupo dos que possuem bens e poder; a construção e preservação da memória; e por fim, a identidade nacional” (SOUZA, 2012 p. 17). E o jornalismo passou a exercer a função social de divulgar para um maior alcance.

Para Souza (2012) um dos usos do jornal *O Átomo*, para além dos eventos cívicos, era a sua inserção no contexto nacional, buscando um sentimento unificador em um ambiente não favorável ao Governo, que tinha o desejo de marcar a sua presença em todas as regiões do país. Somado ao poder político estava a religiosidade católica, que ambos se fortaleciam sem abertura para questionamentos.

Todos os habitantes da longínqua e isolada Boa Vista deveriam se sentir como filhos dos heróis ancestrais cujos os feitos deveriam ser reverenciados por meio dos atos religiosos e cívicos, coroando os feitos e o heroísmo dos grandes patriarcas do passado [...]. (SOUZA, 2012, p. 25).

Ao que parece por mais que houvesse esforços a participação popular era escassa e não havia nenhum sentimento cívico nacional contundente por parte da maioria dos moradores do território. Este contexto perdurou até o Golpe de 64 [...]. (SOUZA, 2012, p. 27).

As tipografias desse período e dessa região, não apenas *O Átomo*, também tinham como característica a tentativa de ligação com o poder nacional, contribuindo com a formação nacionalista do leitor, fortalecendo o poder da República (MUNARO, 2014).

Como Abreu (1996) percebe, com o nacionalismo em desenvolvimento no país, os jornais absorvem essa característica se tornando o mais importante veículo da divulgação do regime democrático que era idealizado. No jornal *O Átomo* grandes espaços são dedicados à exposição dos eventos cívicos, comprovando a importância que se dava a essa informação.

Esse período é marcado pela implantação da política do presidente Getúlio Vargas em sua política nacional, buscando, entre outras coisas, um sentimento de pertencimento nacional, e os eventos cívicos fazem parte dessa política. “Sendo [...] o único mecanismo oficial utilizado entre as décadas de 40 e 60 para a criação do sentimento nacionalista e de brasilidade foi o ritual cívico do 7 de setembro” [...] (SOUZA, 2012 p. 22). E que será nesse aspecto continuado por Juscelino Kubitschek.

Podemos perceber a complexidade que esse tipo de evento trazia, porque, vários setores da sociedade se integravam com a finalidade de fortalecer o civismo, sendo expresso como um valor básico do cidadão, que nesse contexto deveria ser patriota. Em muitas dessas menções é feito o cronograma de todo o evento, como no dia 1º de maio de 1954 (Figura 8).

Comemorações no dia do Trabalhador

Festeja se hoje o dia do trabalho, num justo preito a essa obrigação que atinge a todas as classes, sejam os que moram nos palácios suntuosos, onde o luxo às vezes é

excessivo, sejam os que habitam em choças de palha onde a pobreza simplesmente comovedora.

Nossa Pátria, que tanto precisa de ação construtiva, num ambiente de superior entendimento, espera de seus filhos dedicação efetiva ao trabalho organizado, única forma de sairmos do marasmo que parece dominar como uma determinante malsã.

Em nosso território festeja esse também esta data, para o que foi programado o seguinte:

Programa para o dia 1.º de maio de 1954

5 hrs - Alvorada com salva de foguetões na sede da União Operária Beneficente;

6 " - Asteamento da Bandeira da União Operária Beneficente com salva de foguetões;

7,30 " - Concentração na Praça da Bandeira para assistir a missa campal;

8 " - Hasteamento do Pavilhão Nacional;

12 " - Salva de foguetões na sede da União Operária beneficente

16 " - Jogo revanche de foot-ball entre o selecionado da Guiana Inglesa e Baré;

18 " - Arreamento da bandeira da União Operária Beneficente com salva de foguetões.

20 " - Sessão solene da União Operária beneficente na sede do R. B. Esporte Clube;

20 " - Festa escolar no Teatro Carlos Gomes;

21 " - Festa dançante na sede do R.B.E.C.

Na Colônia "Fernando Costa"

7 hs. Missa campal;

8 " Hasteamento do pavilhão nacional;

8,30 " - Lançamento da pedra fundamental da Capela de N. S. de Fátima;

9 " - inauguração no edifício da Escola "Coelho Neto".;

10 " - partida de voley-ball

Na "Serra da moça"

Inauguração do novo edifício da escola "Indio Ajuricaba"

xXx

Em prosseguimento aos festejos do dia do trabalho, em 2 de Maio próximo a, respectivamente às 9 horas e às 9:30 horas, serão inaugurados novos edifícios da divisão de produção, terras e colonização e divisão de educação. Em seguida será

lançada a pedra fundamental do novo grupo escolar de Boa Vista. (*O ÁTOMO*, 1 de maio de 1954, p. 4, grifo nosso).



Figura 8: Comemorações no dia do Trabalhador, *O ÁTOMO*, 1 de maio de 1954.

Fonte: BND.

O trabalho é um valor importantíssimo, que deveria ser propagado em um evento bem elaborado e o jornal passa a intensificar esse valor social, como porta-voz da ideologia única. E podemos relacionar com a quinta lógica trazida por Santos (2010), a lógica produtivista. Uma vez que o desenvolvimento econômico deveria ser buscado indistintamente, não sendo levado em conta formas distintas de vida, até mesmo a forma de vida indígena (que trataremos adiante) presente na região, que ao contato só seriam bem vistos se aderissem aos princípios dessa lógica.

Quanto às menções musicais, elas se fazem presentes em vários momentos, como no Hastearnento da Bandeira; nas missas, no hastearnento e arreamento do Pavilhão Nacional e nas festas que se seguiam.

Em outra citação de evento cívico em que é percebida a participação de vários setores da sociedade, tendo a música presente no decorrer do evento, em 7 de maio de 1955, foi a comemoração pelo Dia do Trabalho, que ocorreu em ambiente público, na qual participaram a União Operária Beneficente; Sociedade dos Profissionais em Construção Civil; clubes de futebol; políticos e representantes sociais; alunos em desfile; além da cobertura da imprensa; representantes da Igreja Católica, na realização da missa, e o serviço de alto-falantes.

A participação musical era atuante, a música era integrada nesse evento, como exemplo, temos a apresentação da banda de cornetas de estudantes, a presença de músicos militares executando a “marcha da batida” e Hino Nacional Brasileiro e Hino do Trabalho. E no evento dedicado ao Dia da Pátria são feitos elogios do jornal a todos que participaram da atividade (Figura 9).

COMEMORADO O “DIA DO TRABALHO”

Foi comemorado festivamente nesta cidade o dia 1º de maio, data consagrada ao "trabalho". Organizado que foi pelas diretorias da União Operária Beneficente, Sociedade dos Profissionais em Construção Civil e Nacional Futebol Clube, o programa das comemorações, tiveram as mesmas início pela madrugada, com salva de foguetões e toque de alvorada pela banda de cornetas do Ginásio "Euclides da Cunha" em frente as sedes das sociedades organizadoras, e na Praça Capitão Clóvis. Após a missa celebrada em frente à catedral de Nossa Senhora do Carmo, às oito horas e com um toque de "marcha batida" na Praça da Bandeira, foi pelo Exmo. Senhor Governador do Território, hasteado o pavilhão Nacional e logo a seguir entoadas os hinos **O Hino Nacional Brasileiro** e o **Hino do Trabalho**. Com desfile das unidades escolares que se fizeram presentes, e dê exemplos de citações da União Operária beneficente, Sociedade dos Profissionais em Construção Civil e Nacional Futebol Clube, concentrou-se a massa Operária e o povo na Praça Capitão Clóvis, onde usaram da palavra os oradores Carlos Eduardo Figueiredo, Adelaide Brandão Peixoto, Jersey de Brito Nunes, Raimundo Sá e Francisco Ferreira dos Santos, pela imprensa "Núcleo Ordem e Progresso" e Comissão Organizadora, respectivamente. Na parte da tarde, no torneio levado a efeito entre oito dos clubes locais, sagraram-se vencedores do Grêmio "Euclides da Cunha" e o Olaria Futebol Clube. As vinte horas, teve lugar a sessão solene no Teatro "Carlos Gomes", por ocasião da qual fizeram uso da palavra os senhores Carlos Figueiredo, Gercino Nascimento Filho, Benedito Tavares, Darci Carvalho, Walter Cunha e o prof. Emerson Coelho, representante do Exmo. Sr. Governador. Fez a cobertura das sonoridades, O simpático Serviço de Alto-falantes "A Suburbana", de propriedade do senhor Sebastião dos Santos. Os nossos parabéns a quantos contribuíram para o brilhantismo das comemorações do "Dia do Trabalho". (*O ÁTOMO*, 6 de maio de 1955 p. 4.).



Figura 9: Comemorado o Dia do Trabalho, *O ATOMO*, 6 de maio de 1955.
Fonte: BND.

Além de reforçar o grande envolvimento social foi mencionada a Banda de Clarins, da Guarda Territorial, os serviços de alto-falante Roraima, Quitandinha e A Suburbana; como eventos temos o Baile no Hotel Boa Vista; a Festa escolar no Teatro Carlos Gomes; a Festa dançante na sede do R.B.E.C.; o SHOW Cine B., e também o Maestro Cauby Moraes Mota em um dos eventos.

A presença estudantil é marcante nas atividades cívicas, pois lá seria parece ser o principal lugar de formação do cidadão nos princípios esperados. No ambiente escolar a doutrinação nacionalista se fazia presente, a título de exemplo, em uma colação de grau os elogios do jornal levavam em conta o processo de ensino cívico, seguido da exaltação de um integrante do poder político (Figura 10).

[...] A primeira oração, sem favor, foi um exposição e sustentação de substanciosa e brilhante tese didática, uma ultima e inesquecível aula, em que **não faltou nem mesmo a doutrinação cívica, pelo exemplo de bravura moral, no reconhecimento manifestado à iniciativa do gov. Ximenes de Melo**, diante de uma situação adversa. Revelação da notável capacidade intelectual dos novos diplomados foi o magnifico discurso da oradora, horando também o espirito de independência e justiça da nossa juventude. Foram bastante aplaudidos, inclusive os drs. Juiz de direito, cap. Clovis Barbosa e prof. Terezinha Nunes [...]. (*O ÁTOMO*, 13 de dezembro de 1952, grifo nosso).



Figura 10: Colação de Grau dos novos professores da CNR, *O ÁTOMO*, 13 de dezembro de 1952.
Fonte: BND.

Esses eventos eram de maior impacto social, visto que mobilizavam vários setores sociais e confirmavam uma complexidade em sua elaboração, enfatizando a importância que tinham para a forma de governo, era a presença do Estado intensificada e a música auxiliaria nesse processo de ênfase desse modelo. É citada a presença do ensino do Canto Orfeônico, que exercia a sua influência pedagógica musical, juntamente com valores unificadores da sociedade, com a finalidade de controle pela padronização dos cidadãos.

O jornal *O Átomo* foi um meio de divulgação dos eventos cívicos, que eram um modo de ensino coletivo de valores nacionalistas, que estavam presentes na Protomemória, pois tinha-se no nacionalismo um valor a ser atingido sem questionamento, vindo a ser acionado com naturalidade. A Memória – com a divulgação no jornal dos eventos cívicos, certifica um

alinhamento com o pensamento nacionalista vinculado ao poder político nacional e local, entendido como uma contribuição social importante. E, Metamemória, se expressa em como são divulgadas essas ações, com destaque para as possíveis virtudes relacionadas e não havendo espaço para críticas, no qual é acionado o “esquecimento”, que poderia enfraquecer esse posicionamento. Nesse sentido, se alinha com a visão monocultural (SANTOS, 2010), já que outros entendimentos são silenciados.

O conteúdo propagado com essa temática tinha intenções de construção social, já que se escolhe o que deve ser lembrado (CANDAU, 2011) e fica evidente nos eventos cívicos a intencionalidade na formação dos sujeitos, direcionado por uma política de estado, que estava em voga. Os eventos memorados querem trazer a ideia de reviver valores selecionados para fortalecer as intenções na formação da identidade coletiva. Lembrando que esses valores não eram construídos de forma coletiva, as metas e padrões são direcionados pela estrutura hierarquicamente superior, apesar de, às vezes, trazerem características locais. No caso analisado isso não foi evidenciado nas atividades cívicas, posto que nenhuma característica local distintiva nacionalmente foi encontrada, apenas um modelo pronto de civismo.

3.1.3 Festejos

Os eventos carnavalescos citados no jornal aconteciam em dois ambientes: o primeiro é na Avenida Jaime Brasil e o segundo nos salões dos clubes esportivos (Baré, Operário, Rio Branco e Roraima). São aludidos também os festejos juninos e indiretamente festas no interior do estado.

O Carnaval tem a sua origem no contexto da Igreja Católica, quando em 604 o papa Gregório I determina que durante os dias da Quaresma, que se passou a chamar de “quarta-feira de cinzas” e terminava no domingo de Páscoa, período recomendado a não ter festas ou atividades, os fiéis deveriam se privar dos prazeres da vida material e se dedicarem a elevar seu espírito a Deus e a meditar sobre Cristo e sua ressurreição, que seria festejada no fim da Quaresma, no domingo de Páscoa” (FERREIRA, 2004, p. 26 apud GADINI, 2010, p. 3).

Com o tempo, criou-se o hábito de “na quaresma, ‘nada de festas, brincadeiras, namoros, bebedeiras ou comilanças’. E, com o tempo, forjou-se o hábito de se ‘realizar muitas festas nos dias imediatamente anteriores a esse longo período de abstinência’” (GADINI, 2010, p. 3, apud FERREIRA, 2004, p. 26). Em uma das divulgações, ela é feita no dia 6 de dezembro de 1952 e se relaciona com a entrada do ano novo (Figura 11).

O Roraima em Festa

Comemorando a entrada do Ano Novo e soltando o seu primeiro grito do Carnaval de 1953, o Roraima S. Clube, congregará a família tricolor, nos salões Tomé, no dia 31 do corrente. Maiores esclarecimentos com o sr. Jaber Xaud. (*O ÁTOMO*, 6 de dezembro de 1952).



Figura 11: O Roraima em festa, *O ÁTOMO*, 6 de dezembro de 1952.
Fonte: BND.

Essa antecipação na divulgação, segundo Oliveira (2007), era um costume dos clubes em distribuir o público durante os meses que antecediam o período do Carnaval, em que “os bailes pré-carnavalescos, em geral a partir de dezembro – um por mês, intensificadas no mês do Carnaval –, são realizados no Hotel Boa Vista” (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

Conforme Oliveira (2007), o término da festa não tinha hora definida: “Os bailes de cada um se estendem até a manhã seguinte, seis, sete horas. Se preciso até mais: tudo depende da resistência dos foliões e dos músicos. Vence o baile que terminar por último” (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

Dentro desses espaços eram realizadas competições de Rei Momo e Rainha do Carnaval. No primeiro, com citações breves, como no caso de primeiro de março de 1955: “Decorreram na maior animação e Ordem os festejos durante o reinado de Mômomo em Boa Vista (*O ÁTOMO*, 1º de março de 1955).

No segundo, tipo de competição (escolha da Rainha, Figura 12 e Figura 13), são dadas informações com maior número de detalhes, incluindo a contagem de votos e outras informações, como a competição acirrada que se cria em torno da escolha feminina. O autor Oliveira (2007) cita a grande disputa entre dois clubes: “A paixão Baré X Roraima parece chegar ao auge no carnaval. A eleição da rainha do Carnaval é ferrenha; chega a ser apaixonada. Votos vendidos a dinheiro e revestidos percentualmente em benefício dos clubes participantes (OLIVEIRA, 2007, p. 81).

[...] Foi eleita Rainha do Carnaval de 1954 a candidata do "Roraima" e, srta. Maria Teresa Brasil, sagrando-se princesas em 2º e 3º lugar srts. Eulália Pereira e Dalva Tavares, respectivamente candidatas do "Rio Branco" e "Baré". Tôdas as candidatas inclusive "Operário" sta. Mariazinha Brandão tanto pela beleza como pelo bom gosto das fantasias, inclusive outras "hors concours". (*O ÁTOMO*, 7 de março de 1954).



Figura 12: Rainha do Carnaval 1954, *O ÁTOMO*, 7 de março de 1954.

Fonte: BND.

Foi eleita Rainha do Carnaval de 1955 a candidatas do Roraima, srta. Ires Pinto, com 13.265 votos, obtendo o título de princesas as candidatas do Rio Branco, srta. Terezinha Lima, com 8.020 votos; Baré srta. Ozanette P. Maia, com 6.005 votos; Operário srta. Dinorath Mota Guimarães, com 4.060 votos. (*O ÁTOMO*, 1º de março de 1955).



Figura 13: Rainha do Carnaval 1955, *O ÁTOMO*, 1º de março de 1955.
Fonte: BND.

O Carnaval de rua é integrado aos serviços de alto-falantes presentes na cidade, inclusive, estava presente o do próprio jornal *O Átomo* (falaremos adiante), e é indicado o nome do músico Marreta e seu grupo, como sendo a estrutura principal de um dos festejos. “O carnaval de rua também foi bem movimentado, tendo para isso concorrido os serviços de alto-falantes “Quitandinha” e “Voz Suburbana” e, bem como Marreta e seus batutas, os quais promoveram batalhas de confete” (*O ÁTOMO*, 7 de março de 1954).

Os mesmos músicos que tocavam na “batalha da Jaime”, das quatro horas da tarde até sete, na maioria das vezes oito da noite, na Av. Jaime Brasil, participavam como executantes musicais nas festas dos clubes esportivos: “Deitam toda sua energia e talentos e repete a dose a noite toda, no clube parece ser um compromisso pessoal, íntimo, que tem com a folia boavistense” (OLIVEIRA, 2007, p. 82).

Ainda podemos nos referir a um prêmio dado a grupos de rua que participavam de competição carnavalesca. Nos levam a crer a boa mobilização que esse evento tinha. “O Carnaval de rua esteve bastante animado, tendo recebido prêmios conferidos pela Prefeitura os blocos “Boêmios da Cidade”, “O Casamento da Rosinha”, e o prof. Luis Braga do “Rêrê-kêrê”” (*O ÁTOMO*, 1º de março de 1955).

Nas edições analisadas foi encontrada apenas uma menção a festejos juninos, todavia, a as atividades desse tipo de evento, talvez para o jornal, não fosse um tema importante a ser veiculado.

A citação é do dia 12 de junho de 1954 e trata de um arraial promovido pelo Grupo Escolar Osvaldo Cruz (Figura 14).

Arraial na roça divirta-se a valer, no ambiente inteiramente caipira, na festa joanina do Grupo Escolar "Osvaldo Cruz," intitulada Arraial na Roça.

Arraial na Roça nos dias 10,11, 12, e 13 do corrente mês, no prédio do Grupo Escolar "Osvaldo Cruz".

Géca Tatú, Mané do Côco e Barnabé num tremendo desafio, a todos os cordéis do sertão.

Em Arraial na Roça, iniciativa dos professores e alunos do grupo "Osvaldo Cruz", vossa senhoria encontrará o pé-de-moleque, a cangica, a pamonha, o milho verde, o mungusá, o arroz-docê, o beijú-sêco, etc, não faltando a tradicional fogueira e todas as brincadeiras do sertão.

Não esqueçam, nas noites de 10,11, 12 e 13, Arraial na roça, no prédio do grupo "Osvaldo Cruz". (*O ÁTOMO*, 12 de junho de 1954).

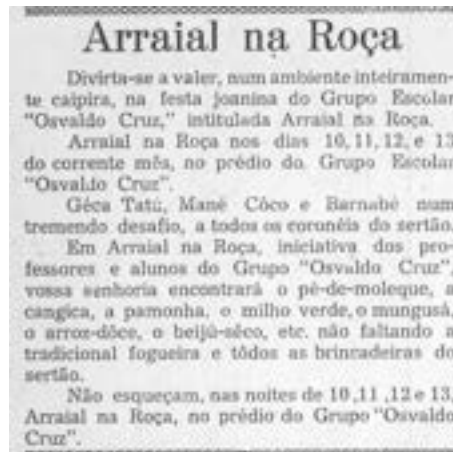


Figura 14: Arraial na Roça, *O ÁTOMO*, 12 de junho de 1954.
Fonte: BND.

Um ponto importante é a migração nordestina para a região, e que os costumes e práticas vão sendo trazidas de seus locais de origem. Uma notícia me chamou a atenção, porque a partir dela é possível supor que a prática de lançar balões, geralmente vinculada a festejos juninos, estava presente no cotidiano, criando a preocupação da nocividade dessa prática (Figura 15).

Não soltem balões

Detenção de 15 dias e multa de Cr\$ 5000,00, aos infratores

A Divisão de Segurança e Guarda, segundo instruções do Conselho Florestal Federal, avisa, por nosso intermédio que é expressamente proibido fabricar, vender ou soltar balões ou engenhos de qualquer natureza que possam provocar incêndios nos campos e florestas. Os transgressores serão detidos até 15 dias e terão de pagar multa até a importância de Cr\$ 500,00.

Jercilio Gueiros

Diretor da D.S.G. (*O ÁTOMO*, 6 de junho de 1954).

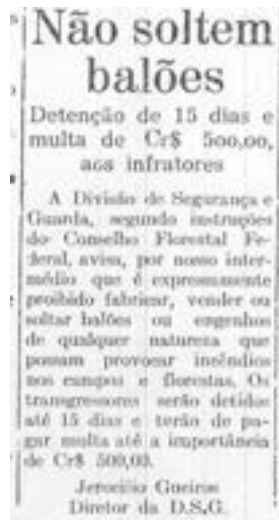


Figura 15: Não soltem balões, *O ÁTOMO*, 6 de junho de 1954.
Fonte: BND.

As festas juninas, como a maior parte das festas, iniciaram no Brasil no processo de colonização, trazidas pelos portugueses, “foram transplantadas pelos colonizadores portugueses e invasores do período colonial que as consolidaram, [...]”. No período colonial, as irmandades e confrarias tiveram um papel de destaque nas comunidades na participação e na organização das festas religiosas (CAMPONERO; LEITE, 2010, p. 34).

A festa junina que é considerada como um festejo popular brasileiro, não é uma comemoração que se originou no Brasil. Com ela não foi diferente, quando comparada aos demais tipos de festas, o seu processo de evolução no Brasil, deveu-se aos costumes e rituais religiosos trazidos pela corte portuguesa. Isso não quer dizer que outras culturas não tenham influenciado no modo como o Brasil realiza suas comemorações festivas, inclusive a festa de São João. (SOUZA, 2018, p. 37).

E conseguimos encontrar uma fala de Pimentel (2010) a respeito dessa prática cultural em que a música faz parte de sua estrutura. Pimentel aponta o Boi Tracajá, que estava associado ao bairro Rói-Couro, e expõe na matéria alguns personagens do enredo. “Quando chegaram os brincantes, Pai Francisco, Catarina, Cazombá, o Padre, os Índios, a Nova e também os Vaqueiros, logo fiquei emocionado com a brincadeira” (PIMENTEL, 2010, p. 97).

O mesmo autor afirma ser a “maior festa do Rio Branco” e que mobilizava bastante a população, que seria um ponto de encontro.

O arraial do São Sebastião: era a festa maior do Rio Branco. A maioria dos fazendeiros descia de suas fazendas com os familiares para pagarem as suas promessas, aproveitar para rever os parentes e amigos, que por certo estariam no festejo, e colocar as suas dádivas no gazofilácio. Geralmente as dádivas eram generosas, tinham arraial que os irmãos chegavam a leiloar até dez bois, dependendo da quantidade de fazendeiros presentes, cada um que fizesse oferta maior.

E não parava por aí. Pela parte central onde hoje temos um canteiro e um abrigo, do início da Getúlio Vargas até o portão do Lobo D'Almada, eram bancas de senhoras vendendo bolos, pastéis, quibe, pamonha, canjica, refresco de frutas, tudo natural, porque não havia geladeiras e muito menos fábrica de gelo.

Margenado a Praça Capitão Clovis, da Getúlio Vargas, até a outra rua próxima ao Coreto e do lado da Rádio Roraima, igualmente o mesmo percurso, era cheio de bancas de jogos, barraca de tiro ao alvo, Jaburus, roletas monstruosas, que eram acionadas para registrar os ganhadores e perdedores dos jogos feitos na mesa. Bem em frente à igreja, havia um carrossel muito grande, no qual rodavam crianças e adultos, principalmente casal de namorados. (PIMENTEL, 2010, p. 109).

A participação da música se dava pelo serviço de alto-falante, atuante durante todo o evento. Podia-se pagar para ouvir a música desejada ou oferecê-la a alguém na festa, cuja banda de música também se fazia presente.

O serviço de alto-falantes dos padres era indispensável. Para arrecadar um pouquinho mais, o locutor anunciava as músicas de preferência das pessoas que pagavam um vintém para oferecer uma música ao namorado, à namorada ou a uma amiga; era de praxe os maridos oferecerem músicas para as suas esposas. Não se ia ao Arraial de São Sebastião para retornar antes da meia noite, algumas pessoas jogavam nas roletas até ao amanhecer. Recordo-me do pai do nosso amigo Galvão Soares, o Marreta, que tocava saxofone na banda. [...]. (PIMENTEL, 2010, p. 110).

Essas festas tinham também grande comoção da cidade, eram tuteladas pela Igreja Católica, mas ainda havia a possibilidade de existir festas informais na cidade, mas sem serem mencionadas no jornal. E o diretor do jornal O Átomo, Mário Abdala, é citado por Costa (2006) como um dos percussores da organização de um evento com as quadrilhas juninas. Outros organizadores destacados pelo mesmo autor são Jaber Xaud e Reginaldo Gomes e Idalmir Cavalcante.

Paralelamente aos 'bois' começava a nascer um novo movimento: o das quadrilhas. E foi 'seu' Mario Abdala o grande precursor de tudo. Então diretor do jornal "O Átomo", 'seu' Mário começou a organizar as primeiras quadrilhas juninas ainda no final da década de 1950, quando atuava como o grande animador dos grupos que se apresentavam no tradicional Bar das Mangueiras (já extinto), no Centro da cidade. Além dele, também se destacou o professor Jaber Xaud, que animava as quadrilhas dos clubes Rio Branco, União Operária, Roraima e Iate. "Mas foi o jovem Reginaldo Gomes, na década de 1960, que fez o maior arraial da história de Roraima na época, no quintal da dona Nadir, com a quadrilha Zé Carola, que reunia toda a juventude da Praça da Bandeira. Também tínhamos outros festejos importantes como o arraial da Rafi, da família Bríglia, e as festas do compadre Bem-te-vi", recorda Idalmir. O caminho das ruas para as escolas foi curto. Em 1972, o próprio Idalmir Cavalcante começa a levar para as escolas as danças de quadrilhas, que passaram a ser a maior atração das festas juninas. (COSTA, 2006, p. 1).

A festa junina foi agregada à cultura de Roraima, principalmente, por ter sido trazida para o Brasil no processo de colonização. É uma das influências religiosas católica, usada como artifício de doutrinação, ligada ao entretenimento, visto que os valores religiosos, que são a

motivação inicial do evento, são acionados de maneira mais informal e festivo, diferenciando-se de um ambiente estritamente sacro.

Ainda havia a festividade natalina, evento ligado diretamente à Igreja Católica, reportada apenas uma vez nas edições analisadas. No trecho do jornal é dito que será oferecido “Boa música, Alegria, Encantamento, Conforto, Elegância e um serviço de Mesa e Bar todo especial (*O ÁTOMO*, 28 de novembro de 1953). Pode-se inferir que era um ambiente popular e a temática era voltada para a religiosidade católica.

Uma possibilidade de ter diferentes menções desse tema festivo, que faz parte do calendário religioso, é de que seja uma prática nesse momento mais restrito ao ambiente doméstico.

Os clubes esportivos, nesse período, era uma das principais fontes de realização de eventos festivos, com várias citações no jornal *O Átomo*. E as atividades não precisariam ter relação direta com as práticas esportivas.

O jornal *O Átomo* no dia 4 de outubro de 1953 divulga o 7º ano de fundação do Esporte Clube Baré, com o início da construção da sua sede. Evento inclui seis dias de atividades, fechando com uma “festa dançante”. E, em outro momento, em uma atividade externa noticiada no dia 30 de maio de 1953, intitulada Futebol nas Colônias, teve um evento esportivo que encerrou com uma “grande festa”.

O clube Atlético ainda especifica dois eventos, o primeiro, uma festa “à CAIPIRA” (Figura 16), e o segundo, chamada de Festa do Chitão (Figura 17).

O Atlético Clube Convida os seus associados e digníssimas as famílias para comparecerem a sua tradicional festa, á CAIPIRA, a ser oferecida ao meritíssimo Dr. Maximiliano da Trindade Filho, Juiz de Direito desta comarca, no dia 23 do corrente, data natalícia do homenageado.

Local da festa dos pontos Hotel Boa Vista

Boa Vista, primeiro de junho de 1954

Farid Marom

Diretor Social (*O ÁTOMO*, 5 de junho de 1954, p. 2).



Figura 16: Convite para Festa à Caipira, *O ÁTOMO*, 5 de junho de 1954.
Fonte: BND.

Atlético Roraima Clube

Festa do Chitão

CONVITE

A diretoria do Atlético Roraima clube tem a grata satisfação de convidar os srs. associados e suas exmas. famílias, para abrilhantarem com suas presenças a tradicional festa do chitão que fará realizar. No próximo dia 19, às 22,00 horas nos salões do Rio Branco Esporte Club.

Traje: Fantasia, de preferência Chitão ou passeio completo.

Ingrs: Recibo nº 1 (janeiro de 1955) ou convite especial, apresentação obrigatória.

Nota: Para quitação dos ss/ mensalidades em atrazo os srs. associados deverão procurar os Tesoureiros José Marcolino da Costa ou José Bessa, na "A Cristal".

Pela Diretoria

Jaber Xaud

Dir. Social

(*O ÁTOMO*, 2 de janeiro de 1955).



Figura 17: Convite para festa do Chitão, *O ÁTOMO*, 2 de janeiro de 1955.
Fonte: BND.

O nome dessa festa faz referência ao traje obrigatório que deveria ser usado, a estampa chita²⁶. Tipo de estampa de tecido introduzido no Brasil pelos Portugueses (CHAVES, 2015), e que passou por vários processos de ressignificação.

Nessa história, a chita serviu para vestir as escravas e as manequins nas passarelas dos desfiles de moda. Foi estampa da elite e estampa de forrar mesa da cozinha. Conhecida como pano popular passou pela literatura, pelo cinema e pelas manifestações artísticas. Vestiu movimentos culturais, coloriu festas populares, participou de tradições religiosas, tornando-se símbolo da moda brasileira. (BARBEIRO; SIMILI, 2016, p. 112 apud MELLÃO; IMBROSI, 2005, np).

Em princípio, esse tecido é floral, denominado chitinha, e a chita o seu tamanho mediano. Nos anos 1950 aparece o chitão, que seria ampliação das figuras florais.

No final da década de 1950, a Fiação e Tecelagem São Jorge voltou-se à demanda específica de sua clientela, principalmente dos que trabalhavam com tecidos para decoração, e começou a fazer testes para fabricar tecidos, entre os quais, a chita com largura maior: Até então, as peças tinham sessenta, no máximo noventa centímetros, limite determinado pela dimensão dos teares utilizados no Brasil. Foram então cortados dois teares de noventa centímetros remontados, para permitir tecer peças com 1,2 metros de largura. (BARBEIRO; SIMILI, 2016, p. 115 apud MELLÃO; IMBROSI, 2005, p. 115).

Esse tecido passou a fazer parte de festejos em diversas regiões do país, por ter um preço baixo, facilitou o acesso ao ambiente popular. Integrou o folclore brasileiro nas manifestações religiosas e culturais, em maior parte, das regiões Norte e Nordeste do país (CHAVES, 2015). A significação atribuída à chita passa pela transversalidade social que ela adquiriu.

²⁶ Exemplo do tecido chita: Anexo L, Figura 48.

A escritura visual da chita conta e reconta a história da cultura brasileira. No Brasil, a chita é um tecido que ‘cobre’ qualquer coisa, qualquer pessoa, de qualquer classe social, independente de etnia, credo, gênero e idade. Nesse sentido, segue uma descrição sócio-histórico-ideológica acerca da sua trajetória cultural, suas ressignificações, modificações e aceitações dentro do contexto social que a moda lhe atribui. (CHAVES, 2015, p. 2667).

A chita tem sua história iniciada pelos colonizadores, mas passou por diversas ressignificações internas, que para Barbeiro e Simili (2016) é “o ícone que melhor traduz o significado de hibridação brasileira” (p.121).

Na festa do chitão descrita no jornal *O Átomo*, o tecido perpassa por essa construção simbólica, uma vez que havia uma associação desse material ao ambiente nacional. A chita foi apropriada e transformada na representação da “alegria genuína do povo brasileiro” (BARBEIRO; SIMILI, 2016, p. 112 apud MELLÃO; IMBROSI, 2005, np), e a obrigatoriedade de usar a roupa com essa estampa indica uma unidade social, em que não haveria distinção entre qualquer grupo.

Aparecem três citações indiretas no jornal *O Átomo*, além da mencionada sobre os balões, onde as notícias são relatos de acidentes em que os fatos se relacionam com festas no interior do estado.

Indiretamente, o jornal indica festividades em 3 incidentes trágicos: o primeiro, na edição de 26 de setembro de 1953, registra um acidente ocorrido na região do Taiano; o segundo é do dia 24 de outubro de 1953 e cita uma festividade na região da "Fortaleza", na região do Rio Parimé, e o terceiro, no dia 18 de maio de 1955, no lugar chamado de "Camaleão", na região do Surumu.

Nesse sentido, pode-se entender que havia um maior número de festividades, mas não eram mencionadas, a não ser por acaso. Possivelmente, não seriam temas considerados importantes para serem destacados, a não ser pela ocorrência dos incidentes relacionados. Sendo observado, assim, o fator esquecimento, que Candau (2011) percebe como a seletividade da construção de memória baseada na seleção de quem dela se aproxima.

Aparecem duas festas de inauguração, a primeira é da COAP, lugar ligado ao ramo de alimentos, que cita um evento festivo no Hotel Boa Vista; e a segunda, mais elaborada, é a inauguração de uma fábrica de guaraná, tendo, inclusive, a escolha da “Rainha do Guaraná”. Em outra edição, o jornal chama o evento de “guaraná dançante” (Figura 18).

CONVITE

O senhor João Aprígio da Silva, presidente da COAP., torna extensivos os convites feitos, para inauguração do Frigorífico, á festa dançante que terá lugar hoje, ás 21 horas, no Hotel Boa Vista, como complemento das solenidades, para qual será fornecido gêlo. (*O ÁTOMO*, 28 de novembro de 1953).



Figura 18: Convite para Inauguração do frigorífico, *O ÁTOMO*, 28 de novembro de 1953.
Fonte: BND.

Inauguração da fábrica regional – Ceci Guimarães, eleita "Rainha do Guaraná"

Foi coroada de pleno êxito a inauguração da nova fábrica de refrigerantes "Regional". A firma proprietária, na selete animada festa realizada no Hotel Boa Vista, promoveu animado concurso da "Rainha do Guaraná", no qual foi vencedora a gentil senhorita Hidja Ceci Guimarães, entre outras graciosas concorrentes. [...]. (*O ÁTOMO*, 13 de novembro de 1954).



Figura 19: Inauguração da fábrica Regional, *O ÁTOMO*, 13 de novembro de 1954.
Fonte: BND.

Com uma certa frequência aparece o partido UDN homenageando o governador, e essas honras estão sempre vinculadas a um evento festivo, como excursões pelo interior do estado, mas, também, em homenagem direta do partido, ou recepção, por mais de uma vez no aeroporto. Em uma delas destaco na figura 20 (Figura 20).

COLUNA UDENISTA (responsabilidade da UDN Regional)

Consagração popular a Nova da Costa

O estimado líder, sempre cercada pelo povo, no aeroporto, no comício monstro e na festa pópulo-familiar. Confirmado seu sólido prestígio - A chuva que desabou durante o Comício não dispensou a multidão que insistiu até o final a palavra do amigo do Povo.

[...]

Depois do comício monstro, o povo correu à Hotel Boa Vista, para abrilhantar a festa popular inteiramente familiar, oferecida a nova da Costa.

Os grandes salões se tornarão pequenos para conter os numerosos manifestantes que, embate, se concentravam no "" e no pátio, reservando-se nas salas, na verdadeira moto onde no ponto outra iniciou a maior ordem, não se registrando único incidente desagradável. Ou da linha finalmente, pode se resumir tudo no seguinte: foi uma consagração popular - um dia de festa para o Rio Branco, cujo corpo demonstrou sua figura vírgulas eu desejo de uma renovação e também que não tem dono de qualquer espécie, desejo de melhores dias, ao **lado de uma causa patriótica – legítima cruzada cívica pela sua recuperação em todos os setores que conduzem ao bem-estar e ao Progresso do território.** (*O ÁTOMO*, 3 de julho de 1954, grifo nosso).

COLUNA UDENISTA (Responsabilidade da UDN Regional)

Consagração popular a Nova da Costa

O estimado líder, sempre cercado pelo povo, no aeroporto, no comício monstro e na festa pópulo-familiar. Confirmado seu sólido prestígio—A chuva que desabou durante o Comício não dispersou a multidão que insistiu em ouvir até o final a palavra do amigo do Povo

Foram convincentes as demonstrações de apreço, por parte da população deste Território, a 28 do mês findo, por ocasião da chegada do major Cláudio Nova da Costa, candidato da UDN, à deputação federal.

Grande massa popular aguardava, no aeroporto, esse ilustre homem público e qual, através uma administração operosa, honesta e de larga visão, sem alimentar ódios ou vinganças, sabe conquistar sincera amizade no seio do povo ribeiravense, sem distinção de classes sociais, e, se arde exultar

qualquer preferência, esta, de certo, que foi em benefício da pátria, dos desamparados.

Dai a designação de «Governo da Família, em que tudo chegava para todos», com que o povo, na sua maneira especial de caracterizar os fatos, singularizou sua administração.

NO AEROPORTO

Grande multidão lotou o aeroporto apesar da espessa chuva que cessou, somente cerca de 45 minutos antes da chegada do avião.

No desembarque, o major Nova da Costa, quase cercado pela

massa popular desejosa, de apertar sua mão amiga e louçada, a todos correspondendo com sua habitual simpatia, despidia de demagogia, sem os usuals artifícios e enganações, a dotada por certa classe de políticos, em visões de eleição, mostra que já não busca efeito e apenas ilude a bem poucos ingenuos...

O ten. Neves Roberto preferiu eloquentemente o brilhante saudação, tendo à homenagem agasalhado, muito comovido, as grandiosas e singulares manifestações de apreço que lhe foram prestadas.

A seguir foi acompanhado à residência pelo povo.

O COMÍCIO

Em frente à sede da UDN, na Jaime Brazil, comprimi-se grande multidão, enchendo quase todo o quarteirão, aguardando a palavra dos oradores e principalmente a do estimado candidato do Povo.

O tempo ameaçava chuva. A massa popular aguentou firme. Depois de falarem os sr. Alcebades Montezuma e Guimarães Junior, bastante aplaudidos, sob tabuleiro sobre as palmas, passou a discursar o major Nova da Costa, cuja brilhante oração será oportunamente publicada. Foi um verdadeiro hito de Fé e Esperança para quantos desejam que volte a reinar, entre o nosso Rio Branco, a alegria nos corações e a

futura nos lares. Frutos da coespenção, de um labor honesto e compensador, e da paz, unido, ordem e sinceridade de propósitos.

Poucos momentos depois de iniciado o belo discurso de Nova da Costa, desabou o temporal. O povo se manteve firme, ouvindo o grande líder atentamente. Este encerrou o discurso, sendo pedida a todos que buscassem abrigo.

Mais hora depois, ao pensar a chuva, o povo espontaneamente voltou a concentrar-se insistindo em continuar a ouvir o seu líder. Este foi chamado novamente à tribuna, atendendo aos reclamos dos seus amigos, correligionários e admiradores.

A multidão era a mesma. Uma verdadeira consagração popular, pensa visto, principalmente neste dia de domingo do povo em sua honra pública, por motivo que todos conhecem.

Depois do Comício terminou, e parte seguiu ao Hotel Rio Vista, para alistar-se à festa popular e intimamente familiar, etc.

trouxa a Nova da Costa.

Os grandes salões se tornaram pequenos para conter os numerosos manifestantes que, em parte, se concentraram no hall e no pátio, tornando-se um salão, uma verdadeira festa-familiar.

Essas a noite todos, não se esqueceram os fatos incidentes desagradáveis.

Finalmente, pediram ouvir tudo ao seguinte: Foi uma consagração popular — um ato de fé para o Rio Branco, cujo povo demonstrava sua fé, seu desejo de sua renovação e também que este seu dia de qualquer espécie, deveria de melhorar isto, ao lado de uma massa patriótica — legítima, unida, síncera pela sua renovação em todos os setores que visavam ao bem estar e ao progresso do Território.

Foi um ponto importante das manifestações a reunião, por parte dos membros do interior, aqui presentes, o fato de que não intervieram as sociedades de estudantes de outros municípios, por parte de alunas que vieram a atender prestígio total, pois que a população de Rio Vista, ao querer demonstrar quem realmente conta com suas instituições simpáticas.

Serão publicadas depois da recepção, para proporcionar novas informações logo que estas chegarem ao nosso poder.

Figura 20: Coluna Udenista, *O ÁTOMO*, 3 de julho de 1954.
Fonte: BND.

Destaco a forma como é encarado o evento de homenagem ao governador, vinculado a contexto patriótico, nacional, refletindo o cenário político-social da época.

Outras atividades declaradas são as realizadas pela Associação Rotary Clube, fundada em 1905 por Paul Percy Harris, que tem sua origem nos Estados Unidos e o seu objetivo é criar um grupo que possa ajudar em necessidades diversas a população do lugar onde se encontram. O princípio de sua fundação é “para que profissionais de diferentes setores pudessem trocar ideias e fazer amizades duradouras” (ROTARY, 2019), com vista a ações humanitárias.

Suas atividades festivas não são destinadas para a população em geral, como citado em um dos convites de suas festas, que seria uma festa de alto cunho intelectual e social (*O ÁTOMO*, 6 de junho de 1953). E a maior parte dos eventos que aparecem no jornal é de cunho patriótico, casando com os valores da época.

Em 22 de novembro é indicada “A festa da bandeira”, que era “destinada a angariar fundos para o Natal da criança pobre do interior” e tinha a “altruística finalidade da festa” (*O*

ÁTOMO). No dia 25 de outubro de 1952, sobre a festa que ocorrerá no Hotel Boa Vista, é dito que será “Grande acontecimento social constituirá, por certo, o Baile da Proclamação, a rigor, programado pelo Rotary para o 15 de novembro vindouro, com a finalidade de angariar recursos para o Natal da criança pobre” (*O ÁTOMO*, 25 de outubro de 1952). Na mesma menção ao evento que ocorrerá.

Chama a atenção como a primeira festa aciona o valor patriótico e a filantropia, contudo, corresponde a um evento segregador, direcionado a um “alto cunho intelectual e social”, dando a entender que existe uma elite patriótica que reforça a disparidade do uso do civismo, mantendo a separação. Na segunda, a contradição fica pela “altruística da festa” em angariar fundos para ajudar crianças pobres em um evento destinado à elite, no qual a presença da própria criança de destino, destoa-se do evento a ela dedicada. Deve-se sentir patriótico e caridoso, mas sem quebrar as barreiras sociais. Reforçado pela referência a seguir, em que são citados termos como “maior chic” e “esplendor” em uma festa patriótica e filantrópica (Figura 21).

“FESTA DA BANDEIRA”

Será levada a efeito na noite de 18 para 19 do corrente a “Festa da Bandeira”, promovida pelos rotarianos de Boa Vista, com a nobre e altruística finalidade de antecipar donativos para o Natal da criança pobre. Este ano será escolhida uma região do interior para a distribuição de brinquedos, de preferência uma que não tenha sido contemplada com tal lembrança. **Os promotores do movimento estão enviando todos os esforços para o maior “chic” e esplendor da “Festa da Bandeira”, que tudo indica marcará um acontecimento social**, inclusive pela alta finalidade. A mesma se realizará no Hotel Boa Vista, gentilmente cedido pelo Governo. Traje: Passeio completo, preferência a rigor. (*O ÁTOMO*, 10. 8 de novembro de 1952, grifo nosso).



Figura 21: Festa da Bandeira, *O ÁTOMO*, 10. 8 de novembro de 1952.
Fonte: BND.

Existe um alinhamento claro entre os Rotaryanos e o governo, evidenciado pela presença desses no grupo e no seu objetivo de construção de uma unidade nacional, que eles buscam contribuir com a realização dos eventos.

No dia 4 de abril 1955 é citada uma festa ao público jovem da cidade, com a presença do presidente Juscelino Kubitschek, no Hotel Boa Vista, ponto de frequentes atividades festivas, voltadas, principalmente, para esse público. A percepção do referido evento, em que havia um restaurante e um bar, é descrito por Oliveira (2007), o “ambiente é alegre e movimentado, há som de eletrola²⁷ e algumas pessoas dançam. [...]” (OLIVEIRA, 2007, p. 45).

Os salões do bar e restaurante são usados também para bailes, nas grandes festas. O hotel tem um motor de luz próprio. Com motorista. Funciona diariamente, durante cerca de uma hora, depois das 10 horas da noite, quando a luz da cidade se apaga. E nas noites de festas. O bar e a sorveteria é o local de encontro da sociedade. Particularmente dos jovens, que ali se reúnem à noite de todos os dias. (OLIVEIRA, 2007, p. 46).

O sarau realizado na casa do governador, em 1953, era uma atividade não citada no jornal, mas, é evidenciado em Oliveira (2007), que tinha uma certa proximidade social. “...um sarau de todas as noites na casa do governador, uma casa sempre cheia e movimentada, dizem. Amigos, parentes, correligionários e eventuais recém-chegados à cidade, como eu. (OLIVEIRA, 2007, p. 20). Percebe-se a presença do músico Simpatia, que tinha uma intensa atividade na cidade.

As vozes alegres, misturam-se ao som da eletrola. Num deles, um homem baixinho e franzino, alegre e conversador, prende a atenção dos circunstantes: é o Simpatia, músico de grande popularidade, que - fico sabendo - brevemente viajará para o Rio de Janeiro a tratamento de saúde. Nós formamos o grupo dos jovens, a um dos cantos da sala. (OLIVEIRA, 2007, p. 21).

Então, as atividades festivas encontradas são os carnavais (de rua, na Av. Jaime Brasil e nos clubes esportivos), as promovidas pelos clubes esportivos, da Associação Rotary Clube e da UDN, todas essas com influência ou da religiosidade católica ou de cunho patriótico, ou ambos os casos, estando vinculadas ao calendário religioso católico ou à causa nacionalista tão acionada nesse período, que passa a ser a referência de personagens e temáticas relevantes, assim como a primeira lógica proposta por Santos (2010), é *o saber e o rigor do saber*, na qual inexistem outras possibilidades.

Com as contribuições de Oliveira (2007), que trazem informações da vida nos anos de 1950, passados até por ressignações, conseguimos perceber detalhes que nos dão uma visão

²⁷ Equipamento de reprodução sonora, movido à energia elétrica, poderia ser portátil ou não.

distinta sobre a vivência musical encontrada no veículo jornalístico. Inclusive, disponibilizando nomes que moviam essas atividades, aproximando do cotidiano.

3.1.4 Ensino de música

O ensino na década de 1950 em Boa Vista também ficou registrado no jornal *O Átomo*. Era comum a citação de eventos, formaturas de cursos como Datilografia ou do ensino regular e também atividades musicais promovidas pelos alunos.

Nesse período ainda vigoravam as políticas de ensino musical, direcionadas por Villa Lobos, que tinham como estrutura principal o Canto Orfeônico, prática de canto coletivo, pensado para ser usado em todo o país, tornando-se obrigatório o ensino musical nas escolas. Como na citação abaixo, no jornal *O Átomo*, temos “a orfeônica” da escola Euclides da Cunha.

[...]

A noite teve início no salão de festas do Colegio São José o ciclo de conferências e sessões de estudos sobre temas religiosos que se prolongará até á noite de domingo, amanhã. Ontem no Restaurante das Mangueiras, teve lugar um bem cuidado almoço em homenagem a D. José Nepote, oferecido pela Família Católica Riobranquense, classes Conservadoras e Operários. Às 20,00 horas, no Cine-Teatro “Boa Vista” promoveram os estudantes uma carinhosa, tendo a parte teatral com o Curso Normal “Monteiro Lobato” e a orfeônica com o Ginásio “Euclides da Cunha” alcançado um êxito invulgar.

Nós de *O ÁTOMO* que fomos sempre alvo de benévola simpática por parte de D. José Nepote, também o saudamos confiantemente, pedindo-lhe um pouco das primícias do seu Episcopado. (*O ÁTOMO*, 29 de novembro de 1955).

O projeto contava com um conservatório para a capacitação de professores, que ideologicamente estava ancorado no nacionalismo e civismo. Em Oliveira (2007), o chamado maestro Dirson Costa²⁸ é citado como ausente por um período da cidade fazendo curso na Escola Nacional de Música no Rio de Janeiro.

Além das atividades na escola com o Canto Orfeônico, um nome aparece como professora de música, a pianista Carmem Macaggi²⁹, que dava aula não apenas de música, para jovens e crianças.

A professora Carmem Eugênia foi muito bem recebida pela sociedade local. Dá aulas de música no Jardim de Infância Princesa Isabel, que - estrategicamente - tem um piano, e onde está também preparando um espetáculo beneficente a ser patrocinado pela LBA. Meninos - de ambos os sexos - e moças aprendem e treinam diariamente número de dança e de música. (OLIVEIRA, 2007, p. 113).

²⁸ É autor da música do Hino de Roraima.

²⁹ Ela era irmã da jornalista Nenê Macaggi.

Carmem fez parte de um projeto do governo e Oliveira (2007) descreve parte dessa sua experiência próximo ao evento. O local da apresentação é o Cine Boa Vista. A música executada pela pianista foi *Brasileirinho*, de Ernesto Nazareth³⁰. “A luz, forte, expande-se, alarga-se por todo o palco, iluminando e sinuosas figurações de um colorido e bonito corpo de baile – meninos e meninas – dançando o ritmo brejeiro e saltitante (OLIVEIRA, 2007, p. 113).

É mencionado no mesmo evento o solo de Clotilde³¹, “A última vez que vi Paris”, música tema de um filme estadunidense de 1954, comprovando a afinidade com a cultura norte-americana, por ser uma música de jazz, vinculada à cinematografia dessa cultura.

O que pôde ser percebido no ensino de música nesse período é a presença do Canto Orfeônico e as aulas de música na Escola Princesa Isabel.

É citada a presença do ensino do Canto Orfeônico, que exercia a sua influência pedagógica musical, juntamente com valores unificadores da sociedade, como fim de controle pela padronização dos cidadãos. A música usada como instrumento de fortalecimento da identidade nacional, com o modelo proposto por Villa Lobos tinha esse alinhamento com o estado.

Tal modelo se aproxima da primeira lógica da teoria pós-colonial de Santos (2010), na qual existe uma rigidez daquilo que é relevante ser aprendido ou considerado válido, em que era imposto o conteúdo, a forma de aprendizado e, acima de tudo, a função desse aprendizado já estava dado.

3.1.5 Cinema

Outra parte exposta no *O Átomo* diz respeito às propagandas de cinema, que nos fazem perceber como essa arte influenciou a vida musical, já que tem em sua estrutura a música pois

[...] “a presença da música será sempre percebida, ainda que de maneira indireta, subliminar. Esta forma de uso é *métier* de amplo domínio de cineastas e publicitários experimentados; não é à toa que chegam a ser rigorosos na escolha de seus parceiros compositores, arranjadores e intérpretes. No caso do cinema, algumas parcerias de longa data são exemplares” (VALENTE, 2017, p. 3).

É notado a presença da produção cinematográfica de origem nacional e norte-americana, as companhias produtoras dos filmes mencionadas são a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, Columbia Pictures, Paramount e RKO. A única de origem nacional foi a Vera Cruz, fundada por Franco Zampari em 1949, em São Bernardo do Campo, São Paulo, a primeira no

³⁰ Ernesto Júlio de Nazareth – 1893 – 1934. Músico brasileiro, patrono da Academia Brasileira de Música. Um dos principais nomes do Choro – gênero musical brasileiro.

³¹ Filha do ex-governador Aquilino Duarte e prefeito de Boa Vista.

Brasil nesse ramo em formato industrial. Para Onofre (2009), existe uma relação entre a sua fundação com a necessidade da classe média de São Paulo em marcar a sua presença na arte e fortalecer os valores da industrialização e a modernidade.

Na década de 1940 eram produções cinematográficas de baixo orçamento e estavam ligadas, geralmente, ao gênero cômico-musicais. A Vera Cruz teve uma curta duração, vindo a encerrar as suas atividades em 1954. Contudo, em formato pioneiro no Brasil, está inserido o Cinema Novo, que se consolidará nos anos 1960, focado nas temáticas de cunho social e político.

Na parte musical, os compositores e maestros ligados a essa companhia estavam nomes de boa expressividade, em especial, no rádio, como: Francisco Mignone, Radamés Gnattali, Gabriel Migliori, Guerra Peixe e Enrico Simonetti (único estrangeiro). A influência no modelo nacionalista é o que une esses músicos.

Vale ressaltar que o nacionalismo musical foi um movimento que se referiu a utilização de técnicas e temas do folclore para composição de música erudita instrumental, vocal, camerística e sinfônica. Foi dominante na música de concerto brasileira entre as décadas de 20 e 40, quando, a partir daí, essa tendência passou a entrar em choque com a introdução do dodecafonismo e seus desdobramentos anti-nacionalistas. (ONOFRE, 2009, p. 73).

Segundo Onofre (2009), os músicos da Vera Cruz Francisco Mignone, Radamés Gnattali, Gabriel Migliori, Guerra Peixe e Enrico Simonetti receberam duas principais influências, a primeira foi a produção europeia, quanto à forma de composição das músicas para orquestra (orquestração), mesmo que com o uso de temas de músicas nacionais; e a segunda era o modelo Hollywoodiano, por ser a principal referência da época, principalmente, no modo de usar a música no filme, como secundária, ressaltando a imagem ou texto, ela reforça as emoções trazidas no texto, faz parte da estrutura de ligação entre os planos, transições, as cenas e ocupa espaços vazios no enredo.

Nesse momento, surgiam as bases do viria a ser o conceito de Cinema Novo que se consolidará na década de 1960. Um dos filmes de maior destaque dessa companhia foi *O Cangaceiro* (1953), que foi anunciado no jornal *O Átomo* nos dias 18 e 25 de dezembro de 1954 (Figura 22).

Cine Boa Vista

Dia 25 de dezembro de 1954 - sábado - 25

Estreia da famosa película brasileira escrita por José Lins do Rego,

Produzida pela VERA CRUZ

Distribuída pela COLUMBIA PICTURES

CANGACEIROS

Protagonizada pelos astros

Alberto Ruschel (Teodoro)

Vanja Orico (A professora)

e muitos outros.

(*O ÁTOMO*, 25 de dezembro de 1954).



Figura 22: Cine Boa Vista apresenta Cangaceiros, *O ÁTOMO*, 25 de dezembro de 1954.
Fonte: BND.

A produtora Columbia passou a distribuir os filmes produzidos pela produtora brasileira, como descrito na propaganda citada acima. Aquela é uma empresa estadunidense, assim como a Paramount e RKO (as que são indicadas em jornal analisado). A produção de filmes americanos tem sua principal ascensão entre as décadas de 1920 e 1940.

A produção do período após a Segunda Guerra Mundial tinha como intenção a propagação do estilo de vida americano, sendo a sua característica mais marcante, que segue nas décadas posteriores, a difusão desse modelo chamado de *American way of life*, que segundo Cunha (2017) não é possível inferir o marco inicial para tal modelo, mas, passou-se a ser usual na segunda metade do século XX.

[...] imagens do que constituiria uma vida feliz, desejável e invejável: uma casa na parte mais alta de uma rua ou região, conforto, possibilidade de ampliar este conforto, a família, filhos saudáveis e felizes e um casamento afetuoso e longo. A estas projeções, poderiam ser incluídas outras, tais como: automóveis, ensino superior, festas, viagens, roupas elegantes, eletrodomésticos, tecnologia de ponta, liberdade, sucesso, força, civismo e progresso. Projeções que não apenas compõem canções. Fizeram-se presentes na extensa produção cultural dos Estados Unidos através de

filmes de cinema, programas de TV, literatura, jornais e revistas. (CUNHA, 2017, p. 46).

Conceitos americanos trazidos para o Brasil eram bem aceitos, os quais passavam por um processo de industrialização, no qual o civismo e o progresso eram acionados constantemente, como já mencionado no próprio jornal *O Átomo*. Mas a propagação dessas ideias da vida americana possivelmente tem relação com a afirmação do EUA como grande potência econômica, mas não há nada sistematizado sobre esses princípios (CUNHA, 2017).

Percebe-se aqui uma penetração da cultura norte-americana influenciando em diversas áreas da vida da cidade, pelo didatismo que o cinema possui. Observa-se nessa década em Boa Vista uma mudança paradigmática no âmbito social, a Europa (em especial os portugueses) deixa de ser o único modelo idealizado. Apesar de não sermos seus ex-colonos, contudo, a influência desse modelo mantém a visão de monocultura, mas altera as características da fonte.

Segundo Andrade (2010), o Brasil deveria veicular notícias favoráveis sobre os EUA. “Os EUA passaram a ser representados de uma única maneira, como os bons amigos do Brasil. [...] Os EUA penetravam a cultura brasileira sem sofrerem censura governamental” (ANDRADE, 2010, p. 120).

Na propaganda do dia 27 de setembro de 1952, é anunciado o filme “A noite sonhamos” que é descrito com mais detalhes que o comum, revelando algumas concepções sobre a música produzida, já que se trata de um filme autobiográfico do compositor Frederic Chopin, produzido em 1945 e destaca o patriotismo desse compositor. Na propaganda há menções de exaltação “Uma autêntica obra de arte” e descreve algumas músicas executadas durante o filme (Figura 23).

Uma autêntica obra de arte

Dez anos de estudos e vários meses de filmagem

“A noite sonhamos” é a história dos imortais amores de Mne. Georg Saud e Frederico Chopin, trada à tela pela COLUMBIA PICTURES Of Brasil Inc., após dez anos de cuidadosos planos e vários meses de filmagem. Esta obra, realizada no mais perfeito tecnicolor, apresenta um elenco insuperável sob a direção de Charles Vidor. Paul Mini e o professor Joseph Eisner – mestre de música do genial Chopin: Mestre Oberon personifica Georg Saud; e Cornel Wilde é uma revelação no papel de Frederico Chopin. O argumento cinematográfico foi escrito por Sidney Buchman que é ao mesmo tempo o produtor do filme.

As obras musicais apresentadas no filme são a Polonesa em Lá Bemol, a Valsa Minuto, a Fantasia Improviso, o Noturno em Mi Bemol, o Scherzo em Si Bemol, o Estudo em Mi Maior e outras igualmente conhecidas e cujo poder emotivo é realçado porque surgem ligadas diretamente ao drama. (*O ÁTOMO*, 27 de setembro de 1952).



Figura 23: Uma autêntica obra de arte, *O ÁTOMO*, 27 de setembro de 1952.
Fonte: BND.

A cidade de Boa Vista possuía dois cinemas, o Cine Olímpia e o Cine Boa Vista. Esse último, com maior número de menções no jornal *O Átomo*. O preço dos ingressos custava Cr\$15,00. Para aqueles filmes que pareciam ter um custo maior, as entradas em cortesia eram suspensas, às vezes até a segunda e terceira exibição e mesmo de forma permanente como no dia 12 de setembro de 1953 (Figura 24).

O Cine Boa Vista

HOJE - ÀS 20,15 HORAS - HOJE

Entrada Cr\$ 15,00

Que mistério havia no forte? Estava guardado por homens que rimam da morte, capazes de feitos altamente heróicos, em honra das abnegadas mulheres que as esperavam!

Beau Geste

Como está Gary Cooper a morte que tiveram seus camaradas?

E Ray Milland, voltaria aos beijos de sua amada?

Como chegou o Robert Preston, a descobrir o mistério do forte?

As Inadequadas aventuras desses 3 irmãos, emocionarão a todos! "BEAU GESTE" com Brian Domlevy, Susan Hayword, J. Carrol, Naish e milhares de outros.

Nota: para as duas primeiras exhibições estarão suspensos os permanentes e entradas de favor. (*O ÁTOMO*, 12 de setembro de 1953).



Figura 24: O Cine Boa Vista apresenta Beau Geste, *O ÁTOMO*, 12 de setembro de 1953.
Fonte: BND.

O Cine Boa Vista funcionava na Av. Jaime Brasil. Pimentel (2010) relata o funcionamento de atividades além do cinema, que tinha sessão diária ao meio-dia. E fez menção de uma apresentação com Trio Iraquitã³², no qual, ocasionalmente, ele participou.

Onde hoje temos o Shopping Center, era o centro de atração de toda a juventude de Boa Vista, o Cine Teatro Boa Vista, de propriedade de Felipe Xaud em sociedade com o Tenente Batista. Foi ali também que tive a oportunidade de em 1951, tocar com o Trio Iraquitã. Eu era menino, já tocava violão, quando Trio Iraquitã veio a Boa Vista, nenhum dos três tocava violão. Eles tinham um violonista contratado que no dia do espetáculo adoeceu. Foi quando eu fui procurado pelo trio que depois queria a qualquer custo, me levar para o Rio de Janeiro. Porém, eu era menor de idade, razão porque meus pais não autorizaram. Junto havia o bar do finado Teixeira, Bar do Povo, com um vasto salão de sinucas e bilhar. (PIMENTEL, 2010, p. 46).

O segundo cinema era o Cine Olímpia, do proprietário Jorge Fraxe, localizado na Bento Brasil. O lugar era um prédio de dois andares (em madeira e alvenaria). No andar superior era a residência do proprietário, na parte de baixo, o cinema – “funcionava o Cine Olímpia, que costumava iniciar suas projeções cinematográficas tocando o dobrado ‘Cisne Branco’”

³² Conjunto musical (voz e instrumento) criado por Valdomiro Sobrinho, Paulo Gilvan Duarte Bezerril e João Manuel de Araújo Costa Netto, em 1950, no Rio Grande do Norte e fez apresentações em várias cidades do Brasil. Os instrumentos usados eram afoxé, tantã e violão. E ficaram conhecidos, principalmente, tocando boleros românticos.

(PIMENTEL, 2010, p. 43). Antes disso, há o relato de seu funcionamento, principalmente, antes da construção do Hotel Boa Vista, que passaria a ser o principal lugar de festas para quem precisasse de espaço com salões.

Os filmes apresentados nos cinemas eram, em sua maioria, de produção estadunidense, que vivia um momento de ascensão da produção e indiretamente propagava o seu estilo de vida, facilitado pelo alinhamento político e ideológico do Brasil com esses países no pós-guerra. Mas, percebe-se, também, a inserção de valores e padrões musicais nacionalistas. Constata-se uma mudança na fonte da visão monocultural, observada também no serviço de alto-falantes.

3.1.6 Serviços de alto-falantes

Fazia parte do jornal *O Átomo* o “Serviço de alto-falantes”, que funcionava na principal avenida local, a Jaime Brasil, que era usado para serviço de notícias e programação musical, pouco é comentado sobre as características desse veículo informativo, porém, em 12/06/1954 foi publicada uma nota com o título de “Boi caprichoso”, que registra a presença de um grupo musical (Figura 25).

Esteve em visita à nossa Redação, ontem à noite, o bem organizado 'cordão' do 'Boi Caprichoso', cuja a exibição foi coberta pelo nosso Serviço de Alto-falantes. A apresentação do 'bumbá' esteve excelente, sendo apreciada, com agrado, por numerosa assistência que não lhe regateou aplausos [...]. (*O ÁTOMO*, 12 de junho 1954).

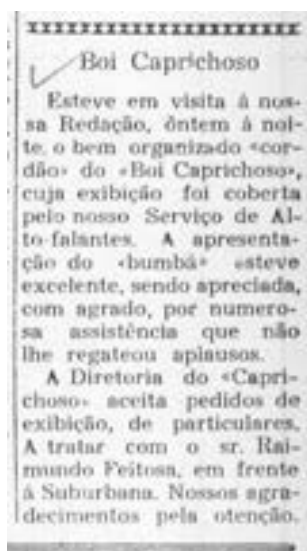


Figura 25: Boi caprichoso, *O ÁTOMO*, 12 de junho 1954.
Fonte: BND.

Mas a presença nos eventos é marcante desde os eventos cívicos, as ações da Igreja Católica, das festas juninas, ao que parece, às vezes, era o único meio de produção musical da

organização do evento. Esse serviço alcançava recurso para o próprio jornal, além da receita gerada pelo jornal impresso. Um de seus *slogans* era “A propaganda pelo *O Átomo* e seu serviço de alto-falante, garante-lhe a maior divulgação local e em todo território – onde um não alcança – alcança o outro” (*O ÁTOMO*, 16 de agosto de 1952).

Mas a cidade era formada por outros serviços de alto-falantes, o primeiro era organizado pelo governo e funcionava em cima da caixa d’água da cidade (OLIVEIRA, 2007). O outro, na “esquina onde está o Jardim de Infância Princesa Isabel, era o serviço de alto falante Celestino da Luz “[...]” (PIMENTEL, 2010, p. 75). O mais afastado de todos era o serviço da “A suburbana” e o do Cine Boa Vista. Havia um programa no Cine Boa Vista nesse período que trazia as novidades, em especial, da música e cinema, com o nome de “Música do Tio Sam³³”, pelo nome supõe ser a música estadunidense a principal temática.

A paz disso, o serviço de alto-falantes do Cine Boa Vista passou aí também ao ar exatamente ao meio-dia. Diariamente, com um programa no melhor padrão radiofônico da época, levávamos ao ar o "Música do Tio Sam ", - eu próprio o produzia e apresentava - "rodando" meus discos. Novos que recentes sucessos que eu trouxera comigo do Rio de Janeiro. E inseria comentário sobre música e notícias do cinema. Tudo bem ao gosto do grande público. Imagine-se a sua audiência junto à população sem rádio, sem jornais e também quase sem discos!

[...] O programa "Música do Tio Sam" prosseguiu no ar por muito tempo, alcançando sucesso [...]. (OLIVEIRA, 2007, p. 92).

O serviço de alto-falante tinha uma participação ativa na produção musical da época e contribuiu para o fortalecimento dos ideais governamentais. Foi possível perceber a penetração da *American way of life*, quando o programa *Músicas do Tio Sam* veiculava músicas estadunidenses e ao que parece eram bem recebidas.

3.1.7 Ausência Indígena

Roraima é o estado brasileiro com a presença marcante de indígenas, nesse período as menções sobre eles não levavam em conta as suas características sociais. Esse grupo se justifica na discussão amparado no conceito de memória de Le Goff (1996), em que a memória também está vinculada à ausência nas indicações musicais, pois existem reportagens que tratam desses grupos, e inexistente a temática musical ou artística.

³³ O personagem Tio Sam foi empregado pelos americanos como símbolo nacionalista da presença americana a partir da Primeira Guerra Mundial. Fruto de uso consolidado o Congresso americano torna o Tio Sam um Símbolo nacional.

O jornal *O Átomo* chega a mandar um correspondente, única menção nesse tipo de jornalismo. São duas reportagens: dia 10 janeiro de 1953 e dia 9 de maio de 1953 (Figura 26).

Expedição para filmar e fotografar

Pela 1º vez os índios Pauxianas - Os Selvagens Barbados do Rio Apiaú

Reportagem constante de sua edição do dia 16 de Fevereiro do ano passado, em primeira mão, noticiou *O Átomo* a entrada em contato dos índios Pauxianas com uma turma de madeireiros, chefiada pelo sr. Valdemar Gomes, a qual se encontrava em explorações no Rio Apiaú, afluente do Mucajaí, na altura da cachoeira conhecida por "Maiongongs".

Acerca de mais de 30 anos, tinham se notícias da existência dessa tribu. Nas viagens de exploração de castanhais existentes nas proximidades e de balatais, além rio, as turmas do falecido Juvêncio Nascimento, por várias vezes, se defrontaram com pontes que atravessavam o Rio Apiaú. Abriam passagem e recompunham as mesmas, deixando presentes. Nunca foram incomodados, encontrando mesmo as toscas pontes. Desfeitas pelos próprios índios, ao regresso.

Com a continuação dos seus trabalhos, os madeireiros foram estreitando suas relações com os selvícolas. São êstes uns remanescentes dos Pauxianas.

Depois de sucessivos contactos de uma turma chefiada por Francisco Terêncio e Valdemar Gomes, integrada por mais três homens, a 26 de julho do ano transcurso, dirigiu-se, pela picada dos madeireiros, sendo chefiada pelos índios até uma maloca.

Depois dos rapazes prosseguiram a excursão, visitando outras duas.

Pelas informações, cada uma destas possui uma média de 60 a 80 ocupantes. Foram os rapazes convidados para ir além, parecendo-lhes existirem várias outras malocas.

Segundo as informações, são êsses eu vi pelas de compleição robusta, de epiderme moreno-clara, sendo barbados os homens. As mulheres são bonitas e as crianças robustas. Alimentam-se de castanha e produtos das roças que cultivam nas proximidades de sua habitação.

Os índios escoltaram os 2 rapazes visitantes, armados de borta, arco e flecha, nada tentando contra os mesmos, antes parecendo que se tratava de medida garantidora, contra qualquer má recepção imprevista. A escolta tinha um efetivo de cerca de 20 homens. Depois de algumas horas de permanência entre os Pauxianas, foram guiados novamente à margem do rio todos incólumes.

A estas horas, deve estar demandando os Pauxianas, a que nos referimos linha acima, uma expedição sobre a responsabilidade do cel. Adolfo Brasil e do médico americano dr. Willians Holden e da qual participam os jornalistas **Oder Brasil, enviado especial de *O Átomo***, o srs. Francisco Terêncio e Valdemar Nascimento, com a finalidade de estabelecer um contacto mais estreito e demorado, aproveitando a oportunidade para estudos etnográfico, documentos com possível filmagem e fotografia.

A expedição conduz numerosos presentes destinado aos indígenas, sendo de esperar, o que de coração desejamos, que **vem a ser coroado do maior sucesso, tanto cientificamente como em relação ao seu encaminhamento á civilização, á qual se demonstram propensos.** (*O ÁTOMO*, 10 janeiro de 1953, grifo nosso).



Dessa auspiciosa aproximação resultou a presente viagem de 4 daqueles selvículas a esta capital.

Conforme as divulgações que fizemos, nas relações de iniciais foram devidas ao sr. José Pacheco e outros madeireiros que trabalhavam com o sr. Valdemar Gomes. A seguir, algum dos mesmos e o sr. Francisco Terêncio aventuraram-se até suas primeiras malocas, sendo bem recebidos. A essa expedição, sucedeu-se uma outra, chefiada pelo cel. Adolfo Brasil, acompanhado pelo **cientista americano Dr William Holden**, os quais encontraram as malocas desertas, sabendo-se agora que por motivo de estarem os **habitantes em sua grande festa**, no local.

A mais recente a expedição, sob os auspícios da Ordem dos Missionários católicos da Consolata, chefiada pelo padre Ricardo Silvestre, foi melhor sucedida, por já estarem de volta os índios. Fasiam parte da mesma, além do padre Ricardo o irmão leigo João e os senhores Francisco Terêncio, Antônio Luiz de Lima, Minelvino Rodrigues Campos, Arlindo Bessa de Lima e Raimundo de tal, tendo como guia José Pacheco, que já gosa do autoconceito entre os indígenas tendo estes, em número de quatro pedidos para conhecerem a Tábua dos brancos, impressionado sobretudo pelo motor "Uraricaá", a embarcação de maior porte que já subiu o rio até aquelas paragens.

Fala ao *O Átomo* o padre Ricardo

Em nossa redação foi nos dada a oportunidade de entender interessante palestra que o **padre Ricardo Silvestre** que nos declarou o seguinte:

"De início, desejo externa ao Exmo Sr. Governador Aquilino Duarte, em meu nome e dos meus superiores, nosso agradecimento pela gentileza de nos haver cedido a embarcação e o combustível necessário à viagem da expedição missionária.

Quanto aos índios, estou ótimamente impressionado com sua inteligência e manifesta boa vontade em maior aproximação com a civilização.

De acôrdo com os meus superiores eclesiásticos, é pensamento demorar-me, daqui a alguns mezes, certo tempo entre essa tribo com o fito de aprender a sua língua o que é facilitar a nossa obra Missionária em relação aos mesmos.

Tudo indica que trata-se de um regular remanescente dos Xerixiriânãs, devido à grande semelhança da língua.

Vive em um estado de primitivismo absoluto. Nada sabem quanto a denominação tribal. Como pode-se observar, pelos quatro índios que tudo fizeram para vir até esta cidade, têm todos boa aparência física.

Na malóca em que estive, vi velhos com cabelos vermelhos e barba rala. Alimentam-se êsses selvículas com beijú de mandioca, macacheira cosida, banana comprida, pupunha, castanha, cacau e caça. Conhecem o curaré. Têm grande temor de penetrar no rio, não sabendo nadar. Vivem exclusivamente na mata. Aparentam todos ótima saúde. Suas rêdes são formadas por alguns cipós amarrados em sentido longitudinal, com pequeno traçado no centro. Sofrem demasiadamonte com frio, tremendo com facilidade, apesar do fôgo mantido acêso sob cada rêde.

[...]

Combinamos agradecer a gentileza do padre Ricardo Silvestre e congratulados com o senhor Bispo de pote pelos elevados propósitos que estão levando a missão da Consolata a olhar pelo futuro desses patrícios, o arco e a flecha. São exímios flechadores. Não sabem pescar, pouco acender fogo com uma pedra ou com o atrito. Fazem as vezes de instrumento cortante um dente de cotia ou de capivara, enc aos um pedaço de madeira.

Enfeitam-se com 2 pauzinhos na orelha, com colar de dente de animais, penas na cintura, nos punhos, na cabeça e nos tornozelos, e isto por ocasião festiva.

Não existe caminho para as malocas ponto na que visitamos existiam e, no momento e uma cerca de 60 moradores, constituindo 11 famílias.

Revelam-se medrosos da máquina fotográfica. Segundo José Pacheco que já visitou 5 malocas, são bastante numerosos.

Caso seja possível, Julho que será mantida uma assistência missionária permanente"

Cumprimos agradecer a gentileza do padre Ricardo Silvestre em congratulados funciona o visto de nepot pelos elevados propósitos que estão levando a missão da Consolata a olhar pelo futuro desses patrícios.

Como se comporta antes os recursos da civilização

Mostra-se nossos visitantes encantados com que vêem, procurando examinar tudo detalhadamente. Repete tem, com admiração admirável precisão, não são palavras como até as frases que eu em português. Têm recebido bom acolhimento por parte da população.

O Governo, a pedido, forneceu 4 redes, estão hospedados na casa do sr. Antônio Luiz de Lima, que está arcando com as despesas da sua alimentação. O cel. Adolfo Brasil presenteou com 4 terçados.

Foram levados a passear de carro, assistir um filme cinematográfico. Solemos que o Aviador Atlas Cantanhede iria levá-los a passear no seu avião. Enfim, até agora os agrados são muitos. Falta, porém, o essencial como seja uma oferta mais substancial de donativos, como roupa, terçados, machados e etc.

Apelamos para o Governo, territorial em Municipal, para nosso generoso comércio, para o coração bondoso do nosso povo, a fim de poder se reunir alguns recursos úteis, destinado a esses patrícios que vivem ao nosso encontro, possibilitando melhores meios para desenvolver em suas precárias condições de vida, **atraídos para a civilização, para comunidade brasileira, enfim.**

Aqui estaremos para receber os donativos, publicando o nome dos doadores. Adiantamos que até mesmo as ferramentas de roupas e outros objetos usados constitui um pequeno tesouro para que os nossos amigos. (*O ÁTOMO*, 9 de maio de 1953, grifo nosso).



Figura 27: 4 selvagens do Apiaú, em Boa Vista, *O ÁTOMO*, 9 de maio de 1953. Fonte: BND.

É descrito que eles estavam em festa, mas o interesse é de experiências da vida urbana.

É marcante o detalhamento dessas reportagens, que não é comumente percebido nas notícias e reportagens veiculadas. Observa-se a presença de cientista e padre, marcados como personagens importantes para entender o “desconhecido”.

Rotulam os indígenas de maneira inferior, no aspecto social e intelectual, quando elogiam sua capacidade intelectual é que possivelmente se surpreenderam com essa característica. E ainda reforçam a intenção da condição de vida urbana como um valor natural.

Das construções midiáticas do jornal *O Átomo*, é possível fazer uma análise a partir das reflexões de Santos (2010), para tentar compreender a ausência na divulgação dos eventos musicais indígenas, bem como o tratamento dado por esse veículo de comunicação, usando alguns trechos como recurso, em duas notícias vinculadas no próprio jornal em que são noticiadas ações vinculadas aos grupos indígenas.

Utilizando a primeira lógica da construção das ausências, da monocultura do *saber e rigor do saber*, é evidenciada quando se observa a inexistência de notícias vinculadas às atividades musicais e artísticas. Entendendo que esse personagem não fazia parte dos temas válidos para serem inseridos, apesar de aparecer em outros contextos.

A presença da segunda lógica, *a monocultura do tempo linear*, no jornal *O Átomo*, fica evidenciado esse posicionamento quando na edição de 09/05/1953, em sua manchete estampa... “4 selvagens do Apiaú, em Boa Vista. Seu contacto com o centro civilizado – Índios inteligentes e bem apessoados” (*O ÁTOMO*, 1953, p. 1). É noticiada na referida reportagem de matéria de capa, que alguns madeireiros e, posteriormente, outros tiveram contato com um grupo de nativos, que não se sabia a sua denominação tribal e que quatro deles vieram à cidade.

Para se referir a esse grupo são usadas expressões como “selvículas”, “boa vontade em maior aproximação com a civilização”, “vivem em estado de primitivismo absoluto”, o que caracteriza a contínua busca por querer atraí-los “para a civilização e para a comunidade” (*O ÁTOMO*, 1953, p. 1). Termos que deixam claro a visão de “progresso histórico” e veem de forma pejorativa os indígenas, declarando-os como atrasados.

A terceira lógica, *a classificação social*, em que o que se considera superior precisa exercer a sua autoridade, demonstrado na capa da edição do dia 10/01/1953. A reportagem se referindo à expedição que será feita deseja “... que venha a ser coroada do maior sucesso, tanto cientificamente como em relação ao seu encaminhamento à civilização à qual se demonstram propensos” (*O ÁTOMO*, 1953, p. 1).

A quarta lógica, *a escala dominante*, também pode ser percebida na reportagem anterior. Observa-se que a estrutura social aceita é única e isso de maneira rígida, desejando a vinculação dos índios a essa alternativa, negando outras possibilidades de vida.

A quinta e última, a *lógica produtivista*, dando valor ao desenvolvimento como um valor em si mesmo quando um dos objetivos declarados é o uso do trabalho e das riquezas naturais. “Estão aí, já a mão, nossos promissores colonos do futuro, com cuja ajuda, novas e importantes riquezas naturais como castanhais, balatais, madeiras, minérios etc, poderão ser, aproveitadas, constituindo novas fontes de revitalização econômica social” (*O ÁTOMO*, 1953, p. 1).

Entendendo as notícias sobre indígenas, fica clara a falta da menção das atividades musicais, por conta da lógica monocultural presente na sociedade e evidenciada no jornal *O Átomo*, sendo possível identificar as cinco lógicas propostas por Santos (2010).

3.1.8 Concepções da música e músicas mencionadas

Nessa etapa refletiremos sobre as visões que se apresentam sobre a música nesse período. Aparecem três citações no jornal *O Átomo* em que são feitas referências expressas a concepções sobre a música e três classes descritas com os nomes que podem nos ajudar a compreender como ela era entendida.

A primeira citação de concepção é uma carta de Nelson M. France, endereçada ao governador do Território Aquilino Duarte, pedindo o funcionamento de uma escola de ensino regular em sua região (Figura 28).

Carta aberta ao Exmo Sr. Governador
Fazenda São Jorge, Contigo, 23 de maio de 1953
Excelentíssimo senhor Aquilino Mota Duarte. D.D Governador deste Território.
[...]
Raciocinando sobre a forma em que acabamos de ser tratados por V. Excia., fui intimado pelos deveres de Pai e de 7 analfabetos e por aqueles que estavam confiando em mim, baseados na correspondência de V. Excia. teve a bondade de enviar-me dando-nos confiança e garantias e animando-nos a voltar a pleitear uma reconsideração. Pedimos que nos desculpe a ousadia de vir por meio desta expor nossos direitos e o que pensamos sobre nossas razões. Cerca de 300 cidadãos brasileiros, em nome daquelas crianças, apelam para a atenção de V. Excia. para que não venham as mesmas se criarem na escuridão do analfabetismo.
Por motivo de ter e unicamente o exame de admissão, um diploma de datilografia e conhecer um pouco de música, julgo-me analfabeto. Por esse motivo, posso ter sido ingenuamente pesado nas minhas expressões a V. Excia., julgando bem dizer quando tenha dito mal; uma vez assim apresenta a V. Excia. de antemão minhas dívidas desculpas.
Sinceramente e em nome de todos que aqui residem, subscrevo-me com apreço, estima e o maior respeito
Atto. Crdo. Obrigado.
Nelson M France
(*O ÁTOMO*, 23 de maio de 1953, grifo nosso).



Figura 28: Carta Aberta ao Exmo. Governador, *O ÁTOMO*, 23 de maio de 1953.
Fonte: BND.

Chama a atenção o argumento que compara o conhecimento musical com o analfabetismo, devido à citação “conhecer um pouco de música”. Na forma como está sendo argumentado o conhecimento musical, apesar ter alguma importância, até por ser usado como argumento, contudo, ela se torna secundária como valor social ao não modificar o papel social do escritor. Outra possibilidade é que a forma de escrita é em subserviência explicitada em alguns trechos da carta (Exemplo: “Pedimos que nos desculpe a ousadia de vir por meio desta expor nossos direitos”) e o fato de não valorização musical seja uma escrita em modéstia.

A segunda citação de concepção sobre a música está em um dos quadros do jornal chamado “diga o que sente”, em que é explicado que o quadro está aberto para qualquer pessoa participar, em sua chamada diz [...] “esponha o leitor sucintamente seu modo de pensar sobre o assunto que mereça consideração, ou faça sua reclamação” [...]. Na edição de 23 de setembro de 1953, o tema é a melhor valorização da banda de música do Território (Figura 29).

Com vistas ao governo

Ilmo senhor Tenente Guimarães Júnior

Queira conceder-me mais uma vez, a coluna de seu conceituado jornal, em titular da "diga o que sente".

[...]

Tenho observado com atenção a atuação dos novos dirigentes desta Unidade da Federação, os quais têm procurado satisfazer as justas aspirações do Povo, naquilo que se pode considerar, necessidade de **Primeiro Plano, como sejam, estradas, Pontes, escolas e auxílio a agricultura**. Todos os setores que dispostos, constitui a escala progressiva do Rio Branco, estão sendo cuidadosamente examinadas, motivo pelo qual tomei a liberdade de pedir a vossa excelência o senhor Governador, para assunto que o objeto do presente, a sua atenção.

No Govêrno do mui digno prof. Jerocilino Gueiros, por iniciativa do Dr Jersey de Brito Nunes, esforçado diretor da divisão de educação, naquela época, graças também aos esforços do Mestre Caubi Mota, foi fundada uma **banda de música** nesta cidade.

[...]

Demitiu-se o prof. Jerocilino Gueiros, veio para o Govêrno o Coronel Belarmino Galvão, o qual demonstrou boa vontade em continuar com a obra de seu antecessor. Logo depois assume o Executivo o senhor Aquilino Duarte que prestou relevantes serviços aquela que pelo entusiasmo de seus componentes na execução dos dobrados foi designada ou melhor distinguida pelo povo com a denominação de "FURIOSA" e, muito embora não fosse a referida denominação recebida com satisfação pelos músicos.

Promessas e mais promessas, estudos e mais estudos sôbre a criação do quadro de músicos, foram feitos. Govêrnos e mais govêrnos passaram... E a "FURIOSA" composta dos mesmos elementos, continua a tomar parte nas recepções, paradas, formaturas etc., sem que êstes tenham esperança de dias melhores, ou seja de pertencerem a um quadro de músicos, por já houve até quem afirmasse que no dia que fosse criado o Quadro, o Govêrno mandaria buscar músicos de Manaus, Maranhão e Ceará. Os locais continuam com toda boa vontade a executar os programas elaborados, sem medir esforços para levantar de madrugada e chegar em casa às altas horas da noite, após ensaios de tudo, para que nada deixe a desejar.

Como tudo tem a sua vez, futuramente e depois de resolvidos casos de maior importância, hoje que S. Excia., dispense também a sua atenção para a referida organização, a fim de que não se povo, tenha conforto deste recreio espiritual: A MÚSICA.

Grato pela publicação, subscrevo-me.

Gercino Nascimento Filho

(*O ÁTOMO*, 26 de setembro de 1953, grifo nosso).

Diga o que sente

ATRAVÉS DESTA COLUNA ESPONHA O LECTOR FACILMENTE SEU BODIO DE PUNIAS SÔBRE ASSUNTO QUE SEDEÇA CONSIDERAÇÃO, OU FAÇA SUA RECLAMAÇÃO, ASSINE E REMETA. AS INFORMAÇÕES NÃO ASSINADAS OU SOB PSEUDÔNIMO ESTÃO SUJEITAS AO JULGAMENTO DA REDAÇÃO.

Com vistas ao Governo

Ilmo. Sr. Tenente Guimarães Junior,
Queira conceder-me mais uma vez, a coluna de seu conceituado jornal, intitulada « Diga o que sente ».

Numa cidade progressista, torna-se necessário que cada cidadão contribua com a sua colaboração apresentando sugestões úteis aos responsáveis pelos destinos públicos, isto porque, como bem afirma o semanário cuja direção obedece a inteligência de V. Sa. « mas é lícito, mesmo ao mais humilde, ter uma boa ideia e manifestá-la ».

Tenho observado com atenção, a atuação dos novos dirigentes desta Unidade da Federação, os quais têm procurado satisfazer as justas aspirações do povo, naquilo que se pode considerar, necessidades de primeiro plano, como sejam, estradas, pontes, escolas e auxílio a agricultura. Todos os setores que dispostos, constituem a escala progressiva do Rio Branco, estão sendo cuidadosamente examinados, motivo pelo qual tomei a liberdade de pedir a S. Excia. o sr. governador, para o assunto que é objeto do presente, a sua atenção.

No Governo do mul digno prof. Jerocillo Gueiros, por iniciativa do Dr. Jersey de Brito Nunes, esforçado Diretor da Divisão de Educação, naquela época, graças também aos esforços do Mestre Caubi Mota, foi fundada uma banda de música nesta cidade. Convocados, surgiram varios elementos, os quais sem medirem esforços de qualquer natureza, como seja levantar diáriamente pela madrugada, ensaiar tódas as noites até altas horas etc. etc., viram naquela iniciativa, um melhoramento para a coletividade. O entusiasmo era intenso, e tódas se congratulavam por já possuir a nossa capital a sua banda de musica.

Demitiu-se o prof. Jerocillo Gueiros, veio para o Governo o Coronel Belarmino Galvão, o qual demonstrou boa vontade em continuar com a obra de seu antecessor. Logo depois assume o Excoutivo o Sr. Aquilino Duarte que prestou relevantes serviços àquela que pelo entusiasmo de seus componentes na execução dos dobrados foi designada ou melhor distinguida pelo povo com a denominação de « FURIOSA », muito embora não fôsse a referida denominação recebida com satisfação pelos musicos.

Promessas e mais promessas, estudos e mais estudos sôbre a criação do quadro de musicos, foram feitos. Governos e mais governos passaram... e a « FURIOSA », composta dos mesmos elementos, continua a tomar parte nas recepções, paradas, formaturas etc., sem que estes tenham esperanças de dias melhores, ou seja de pertencerem a um quadro de musicos, pois já houve até quem afirmasse que no dia em que fôsse criado o Quadro, o Governo mandaria buscar musicos de Manaus, Maranhão e Ceará. Os locais, continuam com toda boa vontade a executar os programas elaborados, sem medir esforços para levantar de madrugada e chegar em casa às altas horas da noite, após os ensaios, tudo, para que nada deixe a desejar.

Como tudo tem a sua vez, futuramente e depois de resolvidos os casos de maior importância, urge que S. Excia. dispense também a sua atenção para a referida organização, afim de que o nosso povo, tenha o conforto desse recreio espiritual: - A MÚSICA.

Grato pela publicação, subscrevo-me.
Gercino Nascimento Filho

na « Fazenda Nascente »
pertencente ao Sr. Fran- NELSON M. FRANCE

Figura 29: Coluna Diga o que sente, *O ÁTOMO*, 26 de setembro de 1953.
Fonte: BND.

Os integrantes do quadro de instrumentistas, argumentam todo o trabalho desenvolvido e pedem uma valorização da “Furiosa”, como era conhecida a banda de música. Então, existia uma luta pela valorização da classe, mas, além disso, o que chama atenção são os argumentos trazidos. Entre outros pontos, está a demarcação das coisas socialmente com um grau maior de importância, como se pode perceber no trecho: **“Primeiro Plano, como sejam, estradas, Pontes, escolas e auxílio a agricultura [...] Como tudo tem sua vez, futuramente e depois de resolvidos casos de maior importância, [...] tenha conforto desse recreio espiritual: A MÚSICA”** (*O ÁTOMO*, 26 de setembro de 1953); o que corrobora com a política de desenvolvimento já demonstrada na transformação arquitetônica da cidade e do governo, pois se buscava desenvolver primeiro as coisas, depois as pessoas (BORDENAVE, 1997). E atribui um valor espiritualizado e ligado à música, unicamente ao entretenimento.

A terceira citação sobre música aparece em uma propaganda de cinema, a única percebida com citações claras de músicas específicas.

Uma autêntica obra de arte

Dez anos de estudos e vários meses de filmagem

“À noite sonhamos” é a história dos imortais amores de Mne. Georg Saud e Frederico Chopin, trsida á tela pela COLUMBIA PICTURES Of Brasil Inc., após dez anos de cuidadosos planos e vários meses de filmagem. Esta obra, realizada no mais perfeito tecnicolor, apresenta um elenco insuperável sob a direção de Charles Vidor. Paul Mini e o professor Joseph Eisner – mestre de música do **genial** Chopin: Mestre Oberon personifica Georg Saud; e Cornel Wilde é uma revelação no papel de Frederico Chopin. O argumento cinematográfico foi escrito por Sidney Buchman que é ao mesmo tempo o produtor do filme.

As obras musicais apresentadas no filme são a Polonesa em Lá Bemol, a Valsa Minuto, a Fantasia Improviso, o Noturno em Mi Bemol, o Scherzo em Si Bemol, o Estudo em Mi Maior e outras igualmente conhecidas e cujo poder emotivo é realçado porque surgem ligadas diretamente ao drama. (*O ÁTOMO*, 27 de setembro de 1952, grifo nosso).

Nessa última alusão à música, ao fazer musical, descreve o artista principal do filme como “gênial”, algo muito comum na historiografia positivista, a construção de heróis, visto que a partir dos valores a eles atribuídos, se destacavam do restante dos homens de forma inquestionável.

O compositor Chopin é de origem europeia, era polonês radicado na França. A seleção desse compositor se enquadra na visão monocultural de Santos (2010), uma vez que o termo “genial” o distingue e não abre espaço para questionamentos. Nesse sentido, temos como primeira lógica a rigidez a opiniões distintas na seleção do personagem considerado relevante; como segunda lógica, a visão histórica de interpretação única, pois não há abertura para outras interpretações; como terceira lógica, a classificação hierárquica naturalizada, ou seja, o compositor está acima dos demais; e como quarta lógica, esse conceito de gênio serve para o contexto global, não considerando valores locais.

As músicas expostas diretamente no jornal *O Átomo*, nenhuma é de origem nacional, e muito menos regional, apesar de se saber que havia composições, inclusive, do Simpatia. As músicas citadas são dos eventos cívicos com *Marcha da Batida, Hino Nacional e Hino do Trabalho*³⁴, mostrando um prestígio pela música militar com uso nacionalista. E a segunda é a citada anteriormente que aponta as obras de Chopin³⁵, ressaltando uma admiração pela cultura europeia.

Nas citações diretas sobre a música, foi possível perceber uma valorização do conhecimento musical, mas ele é colocado de forma secundária, reforçado com a segunda

34 Edição já mencionada anteriormente. O ÁTOMO, 6 de maio de 1955 p. 4.

35 “As obras musicais apresentadas no filme são a Polonesa em Lá Bemol, a Valsa Minuto, a Fantasia Improviso, o Noturno em Mi Bemol, o Scherzo em Si Bemol, o Estudo em Mi Maior” (*O ÁTOMO*, 27 de setembro de 1952).

citação, na qual existe o entendimento de que a música viria naturalmente como segundo plano. E, por fim, a música enfrenta nessa época uma influência da visão monocultural. Já nas músicas existe um prestígio da música militar, citando as executadas, reforçadas, em sua maioria, no contexto nacionalista, usual nos eventos cívicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar a música em Boa Vista na década de 1950, com percepção mediada pela mídia impressa e os memorialistas, trouxe ao conhecimento informações importantes para a construção da memória da cidade, no âmbito da Comunicação e da Música.

A partir desse trabalho foi possível construir um panorama da vida musical na cidade de Boa Vista – RR na década de 1950. Estabelecendo uma relação entre a Comunicação, a Memória e a Música para um diálogo da vida musical dessa época, seguindo o seguinte trajeto na pesquisa: primeiramente, fez-se uma contextualização da década de 1950, no Brasil e em Roraima, levando em consideração, em especial, o aspecto sociopolítico, a mídia impressa e a música; e, finalmente, chegou-se ao panorama analítico das atividades musicais em Boa Vista na década de 1950, usando como base as referências encontradas.

Como características jornalísticas o jornal *O Átomo*, foi possível perceber uma escrita opinativa, contudo, é possível identificar algumas mudanças importantes, que não estavam presentes em outros jornais, como foi a tentativa de imparcialidade, ou ao menos um entendimento como um valor a ser alcançado e a busca por um sustento financeiro, tanto pela grande quantidade de propagandas veiculadas, como pelo serviço de alto-falantes ligados ao jornal.

A sociedade está marcadamente influenciada por uma caricata busca pela unidade nacional, que nas atividades musicais veiculadas no jornal, fica evidente o uso da religião católica, e da política, em que se constitui um mecanismo de formação única e inflexível dos sujeitos. E o Jornal *O Átomo* é um divulgador e um idealizador desses princípios.

A evocação da unidade é trazida pela Igreja Católica e pela escola, mas, mormente, é impulsionada pelas festividades e pelos eventos cívicos, que mobilizam grande parte da sociedade e funcionam como ambiente de ensino a céu aberto.

Como ficou evidenciado, a visão monocultural está presente, revelando a fragilidade dessa proposta, pois não há o acesso para alterar quais características farão parte dessa unidade, ou se realmente precisamos de uma unidade nesse aspecto para caminharmos bem. Todo esse interesse centralizador é chamado de nacionalismo, que na prática é o mecanismo de manutenção do poder.

As atividades musicais aludidas tinham forte influência da religiosidade católica e na ideia nacionalista propagada. Percebe-se uma aproximação com temáticas nacionais, como nas músicas, mas ao mesmo tempo uma aproximação com a música norte-americana,

principalmente, pela música produzida nos cinemas, o que constitui também uma disputa de construção de memória.

É importante pensar nas estruturas pós-coloniais presentes nas atividades musicais que se manifestam na visão monocultural, e compreender de que forma se constroem e em que medida esses valores permanecem na sociedade, com suas adaptações e variações. Não como uma visão cíclica da história, mas perceber a longa duração que ela revela.

Apesar de não ser objeto do nosso trabalho é possível sinalizar permanências históricas que são hipóteses que podem ser desenvolvidas posteriormente. Hoje, ainda existe uma evocação a um nacionalismo por parte de alguns políticos, incluindo o atual presidente, sendo apoiado, sobretudo, por um grupo religioso (os neopentecostais), que forma a base ideológica. Interessante notar que a construção nacional evocada, assim como na década de 1950, não é possível ser alterada, já está posta, como a liderança tutelar.

O período de 1950 é percebido como um passado recente que nos revela as estruturas sociais que ainda nos prendem e, assim, comprova a urgência em pensarmos estratégias além do modelo que está posto como natural. É evidente que os impedimentos para mudanças sociais significativas esbarram na memória de baixo nível, e na doentia estrutura que estamos presos sem perceber. Que essa pesquisa tenha sido estímulo à visita aos vários níveis de memória e que assim se possa melhor questionar, para produzirmos novas ações, que perpassam no ambiente artístico-musical e na execução de processos comunicacionais.

Para pesquisas posteriores podem ser desenvolvidos temas pontuados no próprio jornal como os hinos escolares e o aprofundamento da biografia de músicos como Dorval de Magalhães, Dirson Félix Costa, Simpatia etc.; ou em ausência, como a música de diferentes igrejas cristãs³⁶ presentes na cidade (como a da Igreja Batista Regular Central, que tinha suas atividades desde 1936); a música praticada pelas religiões de matrizes africanas (que não aparecem, talvez por motivos similares aos dos indígenas); e a musicalidade de bairros periféricos.

Esse trabalho almejou contribuir com o entendimento sobre a vida musical em Boa Vista na década de 1950. Para superação do colonialismo interno, Santos (2010) identifica que a primeira dificuldade é a sua negação, desconsiderando a continuidade colonialista, contudo, para correntes como da tradição crítica os processos de independência não são a mesma coisa que o fim do colonialismo. Para o autor, a superação do colonialismo só é possível se forem

³⁶ É mencionada uma mensagem produzida por um grupo Batista, na última edição encontrada no jornal (*O Átomo*, 26 de fevereiro de 1956).

feitas diferentes bases sociais, a partir de uma visão crítica dos conceitos eurocêntricos e, assim, formular novos conceitos estruturados pela própria realidade local.

REFERÊNCIAS

Livros

ABREU, Alzira de Abreu (org.); LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. **A imprensa em transição**: O jornalismo Brasileiro nos Anos 50. Rio de Janeiro - RJ. Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação?** São Paulo: Editora brasiliense, 1997.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales** (1929-1989): a revolução francesa da historiografia – 2. ed. São Paulo: UNESP, 2010.

BURKE, Peter. **O Que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais**: uma versão latino-americana. Ed. on-line – Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FONTANA, Josep. **A história dos homens**; Tradução Heloisa Jochims e Marcelo Fernando Da Costa. Bauru, São Paulo, EDUSC, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

MUNARO, Luís Francisco. **Rios de palavras**: a imprensa nas periferias da Amazônia (1821-1921). [recurso eletrônico] / Luís Francisco Munaro (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música** – história cultural da música popular. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação** - O Pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SANTOS, Boaventura Souza. **Descolonizar el saber reinventar el poder**. Montevideo: Ediciones Trilce, 2010.

SANTOS, Francisco Jorge dos. (org.) **Cem anos de imprensa no Amazonas** : (1851-1950) : catálogo de jornais. Edição 2. ed. U. Calderaro), 1990.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

SOUZA, Jorge Pedro. **Elementos de jornalismo impresso**. Porto, 2001 (sem mais informações).

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. São Paulo, Editora 34, 1998.

Artigo e periódicos

ALMEIDA, J. de; BENETTI, G. F. Saberes e práticas musicais em Roraima: um panorama dos estudos acadêmicos. **Música em Contexto**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 93–99, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/Musica/article/view/26590>. Acesso em: maio. 2021.

ARRIVABENE, Talita Goulart. Usos e Funções das Imagens sob o ponto de vista da Igreja. **Revista outros tempos**. Volume 5, número 6, - Dossiê Religião e Religiosidade. Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

BISPO, Antonio Alexandre. Musicologia, Cultural Studies e “Cultural Analysis” novos problemas de eurocentrismo na era da Globalização. **Revista pgsskroton**. 2004. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/uniciencias/article/view/1223/1175>. Acesso em: 09/04/2021.

BORGES, Carlos; FRANK, Ervi. Franz Boas: as limitações do método comparativo em antropologia. **Textos & Debates**, n. 4 dez. 1997. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/download/980/789>. Acesso em: 11 jun. 2021.

CAMPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. Universidade Católica de Santos. Revista Eletrônica Patrimônio: **Lazer & Turismo**. Disponível em: [http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_\(PLT_21\).pdf](http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/pdf/Ensaio1_v7_n10_abr_mai_jun2010_Patrimonio_UniSantos_(PLT_21).pdf). Acesso em: 15 jun. 2021.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Celebração do Centenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima**. 2017. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/celebracao-do-centenario-das-aparicoes-de-nossa-senhora-de-fatima/>. Acesso em 10/7/2019.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/2221/1322> Acesso em: 09 jan. 2019.

DEMORE, Givas; MAGALHÃES-CASTRO, Beatriz. Musicologia e pós-disciplinaridade: da musicologia comparada à etnomusicologia. **ICTUS Music Journal**. 2020 vol. 14 n. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ictus/article/viewFile/41974/23750>. Acesso em: 11/06/2020.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL EM BOA VISTA – RORAIMA. 2014. Disponível em: <http://educacaopatrimonial-boavistaroraima.blogspot.com/2014/01/igreja-matriz-nossa-senhora-do-carmo.html>. Acesso em 05/06/2019.

FIGARO, R. O (s) método (s) histórico (s) nas pesquisas em comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 143-164, 2015. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v9i2p143-164. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/111721>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GADINI, Sergio Luiz. Representações femininas no Carnaval Brasileiro: Um olhar folkcomunicação às nomeações de grupos (masculinos) em uma festa popular. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, setembro de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3086-1.pdf>. Acesso em: 17 de maio de 2021.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Teoria, metodologia e possibilidades: os jornais como fonte e objeto de pesquisa histórica. **Escrituras**. [Palmas]. v. 7, n. 1, p. 3-17, 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/1629/8314>. Acesso em: 5 jan. 2019.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In: MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. Etnografia e educação: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=553597#:~:text=Etnografia%20%C3%A9%20a%20especialidade%20da,material%20de%20um%20determinado%20povo>. Acesso em: 11 de jun. 2021.

MUNARO, Luís Francisco. Aspectos da imprensa e da modernidade amazônicas: um estudo do centro às periferias. **Tropos: comunicação, sociedade e cultura**. [Rio Branco], v. 1, n. 2, 3 dez. 2014. Disponível em: http://revistas.ufac.br/revista/index.php/tropos/article/view/26/pdf_15. Acesso em: 9 jan. 2019.

ONOFRE, Cintia Campolina de. A memória do cinema brasileiro na década de 50: a música nos filmes da Companhia Vera Cruz. **Resgate**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645671/12971>. Acesso em: 04 mai. 2021.

PORTO, Jadson Luís Rabelo. Os Território Federais e a sua evolução no Brasil. **Presença**. Disponível em: http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/15jadsonluisrebeloportosterritoriosfederaiseasuaevolucao. Acesso em: 05 mai. 2021

RIBEIRO, Jayme. Os “Filhos da bomba”: memória e história entre os relatos de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e a “Campanha de proibição das Bombas Atômicas” no Brasil (1950). **Dossiê História e Memória**. Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (UERJ-FFP), Vol. 6. Num. 7, julho de 2019. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outrostemposuema/article/view/192>. Acesso em: 16 jun. 2021.

SILVA, Jefferson Tiago Souza Mendes da. Estudos Musicais: Uma análise das investigações realizadas em Roraima – Brasil. **ERAS** - 2016. Disponível em: <http://www.eras.utad.pt/docs/DEZ%202016%20MUSICA>. Acesso em: jul. de 2020.

SOUZA, Carla Monteiro de.; MENDES, Francisco Marcos Nogueira. Notas sobre a presença nordestina em Roraima. **Muiraquitã** – UFAC v. 3, n. 1, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/mui/article/view/626>. Acessado em: fev. 2021.

SOUZA, Carla Monteiro. WANKLER, Cátia Monteiro. Algumas considerações sobre o uso de autobiografias como fontes na pesquisa histórica. **História e Perspectivas** - 2021 Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/21276>. Acessado em: jan. 2021.

STRELOW, Aline. O estado da arte da pesquisa em jornalismo no Brasil: 2000 a 2010. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, dez. 2011.

VALENTE, Heloísa de A. Duarte. A Música, nos estudos de comunicação; a Comunicação, nos estudos sobre música: um diálogo esperado... XXVII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Campinas - 2017 Disponível em: <https://www.anppom.com.br/congressos/index.php/27anppom/cps2017/paper/viewFile/4880/1641>. Acesso em: 16/04/2021 [Anais do evento].

Fonte documental

A ESCOVA. 1907, Boa Vista.

ÁTOMO: Ciência e tecnologia para todos. 1949. Disponível em: https://www.coisas.com/ATOMO-JORNAL-ILUSTRADO-DE-CINCIA-E-TECNICA-N-17-DE-1949,name,227386110,auction_id,auction_details Acessado em: 10 abril 2021.

JORNAL DO RIO BRANCO. 1916 – 1947. 1916. Boa Vista.

JORNAL RIO BRANCO, 1916 - 1919. 1916. Boa Vista.

O ÁTOMO : Jornal independente e noticioso. 1951 – 1959. 1953 – 1956. Boa Vista. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=719525&PagFis=0>. Acesso em: 3 jun. 2019.

O BENTIVI, 1910, Boa Vista.

O CANIÇO, 1905 – 1907. 1907. Boa Vista.

O TACUTÚ ,1907, Boa Vista.

OLIVEIRA, Laucides. **Boa Vista 1953 uma aventura...** Ah, dias da minha juventude. Boa Vista, Gráfica Real, 2007.

PIMENTEL, Walmir. **Boa Vista, 1950 por Walmir Pimentel**, Boa Vista, Gráfica Real, 2010.

RIO BRANCO. 1914 – 1918. 1914. Boa Vista.

TCC, Dissertações e Teses

ALBURQUERQUE, Teresa Katia Alves de. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista – Roraima (2001-2011)**. Dissertação mestrado.. - Manaus: UFAM/UFRR, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2299/1/TERESA%20K%C3%81TIA%20ALVES%20DE%20ALBUQUERQUE.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ANDRADE, Ademir José Mauro de. **O jornal Boa Vista: porta-voz dos projetos desenvolvidos no território de Roraima no período de 1973 a 1979**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2016.

ANDRADE, Emanuelle Lins de. **Tio Sam dançando frevo: a presença estadunidense nos periódicos do Recife (1937 - 1942)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, 2010. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Frepositorio.ufpe.br%2Fbitstream%2F123456789%2F7622%2F1%2Farquivo688_1.pdf&clen=3266208. Acesso em: 22 de jun. 2021.

CRUZ, Jacy Souza. **Jornais impressos de Roraima – 1905 – 1997**. Trabalho de conclusão de curso. (Departamento de Comunicação Social). UFRR. Boa Vista, 1998.

CUNHA, Paulo Roberto Ferreira da. **American way of life: representação e consumo de um estilo de vida modelar no cinema norte-americano dos anos 1950**. Tese (Comunicação e práticas de consumo) São Paulo, 2017. Disponível em: <https://tede2.espm.br/bitstream/tede/277/2/PPGCOM%20Tese%20Paulo%20RF%20Cunha.pdf>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

LIMA, Maria Goretti Leite de. **O índio na mídia impressa em Roraima**. 2001. Dissertação (Mestrado em Multimédios) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284121>. Acesso em: 3 mar. 2019.

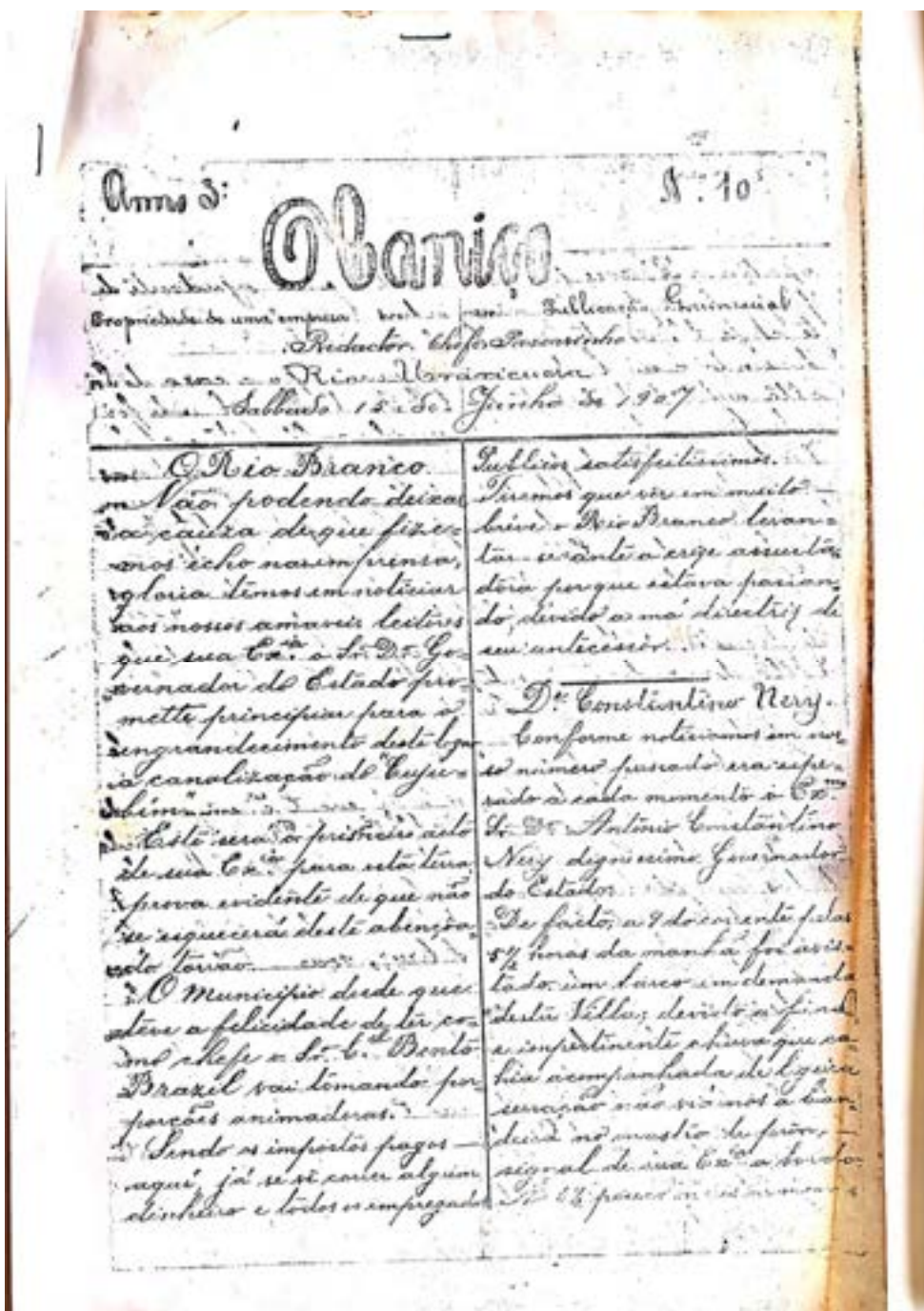
LOBO Júnior, Manoel Ribeiro. **Formação e reorganização dos grupos políticos do Estado de Roraima: de 1943 a 1988**. 2014. Dissertação (Sociedade e Fronteira) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2013.

MORAIS, Vângela Maria Isidoro de. **Filhos de Deus e netos de Makunaima: apropriações do catolicismo em terras Makuxi**. 2013. Dissertação (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2013.

SILVA, Paulo Sergio Rodrigues da. **A violência contra os povos indígenas em Roraima: uma análise histórica a partir do Jornal Folha de Boa Vista (1996 a 2005)**. 2014. Dissertação (Sociedade e Fronteira). Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.

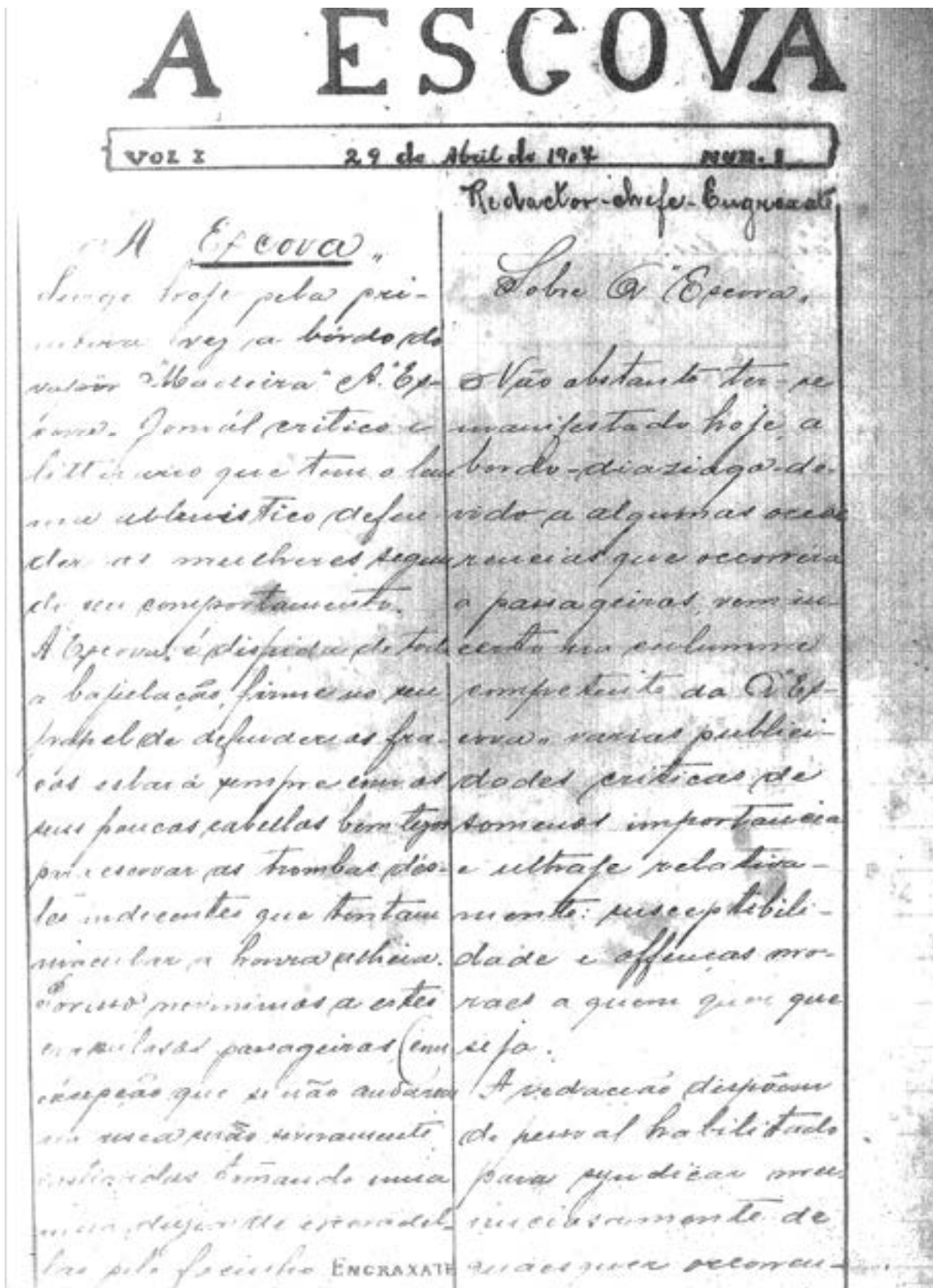
ANEXO A

Figura 30: Jornal O Caniço, 1907



ANEXO C

Figura 32: Jornal A Escova, 1907



ANEXO E

Figura 34: Jornal do Rio Branco, 1916



ANEXO F

Figura 35: Jornal O Debate, 1956



ANEXO G

Figura 36: Fotografia da década de 1950, primeira da esquerda é filha do José Estevam Guimarães



Fonte: Acervo particular sem referência.

ANEXO H

Figura 37: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 1



A B O L I
 A L E I A
 N O V A S
 21
 S A B A D O

O ATOMO

ANO I - Nº 3 - JORNAL INDEPENDENTE E NOTICIOSO - FUNDADO A 15-3-51
 — mais é certo, mesmo as mais humildes, ter uma boa ideia e manifestá-la. (Voltaire) —

Aniversário do Presidente de todos os brasileiros

A data de 18 de corrente não pode deixar de ter especial registro e significado para a Nação. Merece o resumo de um dia mais notáveis episódios do mundo e do mais peculiar de todos os brasileiros, cujo respeito e admiração é

RECURSOS CONDENA VEIS

Carlo... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

... (text continues)

GETULIO

VARGAS



... (text continues)

... (text continues)

ULTIMA HORA

Crepory Franco para o governo do RIO Branco

Notícia telegráfica de última hora, aqui recebida, informa que, ter sido convidado o Sr. Crepory Franco para o governo do Rio Branco, pelo deputado Velício... (text continues)

O Protomártir da Independência

O Paiz comemora hoje a data da execução de Tiradentes, o herói máximo da Independência, sacrificado pela causa do nosso Independência Nacional, cuja sementeira regou com seu precioso sangue.

... (text continues)

Figura 38: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 2



Pág. 2*

O ÁTOMO

E. V. Sáb. 21-4-51

O ÁTOMO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINA:
Rua Bento Brasil s/n.

Director-responsável
J. E. Guimarães Júnior
Chefe de Officinas
Augusto Mathews

Assinatura anual	Cdf 260,00
Estanco	180,00
1.º ano	1,00
1.º trimestre	1,00

Correspondentes:
Deve ser dirigida à Direcção. Não serão
aceitadas originais não publicados.

A Direcção não responde nem se res-
ponsabiliza pelos conceitos emitidos em
artigos assinados.

Pode ser que seja... Pode ser que não ...

Foi publicado um anúncio
promovendo a criação de uma char-
rejada em Amambé, no
Dr. Valério Magalhães
que seria lançada tam-
bem a candidatura Nuno
Lima para a Prefeitura.
Outros de algumas
pessoas que acham
muito cedo para a
metra parte por de-
so da má situação de
certas condições que
segunda a falta de
sustento de um período
velho.

Atenção assinantes

mas populares encarece-
do que o nome doar. Aque-
lha teoria, solicitada
o caso da Prefeitura de
Belo Vista, a respeito de
proprietários.

Correm rumores
sobre desinteligências entre
o governador e o depu-
tado, sobre as negociações
das representações. Ainda
isto ocorrer população
local, também não estaria
satisfeita do que teria re-
sultado uma conferência
de agronegócios no Capital
do Território.

Ainda há condições
para o governo do Ter-
ritório. Não será já tem-
po de trabalhar!

Intercâmbio comercial com a Guiana Britânica TRIGO VIA GUIANA

Conforme tivemos
oportunidade de pre-
ver, aliás com celeridade,
achou-se esgotado
o estoque de trigo das
paróquias locais.
Resta-nos o único re-
curso da importação
guianense, o que está
a apontar-nos o cam-
minho certo para a
estabilização de nos-
sa economia que, se
não encontrar, quan-
to antes, seu natural
curso na intensifica-
ção do intercâmbio
comercial com nossos
vizinhos, por muito
tempo ainda veremos re-
tardado o progresso li-
bertar desta região
afixado pelo
distanciamento dos
seus produtores e
também consumi-
dores de País. Note-se
que não podemos
presenciar indefini-
tamente apenas com-
prando. Precisamos
exportar algo, mais
que pouco, milhares
de bois e uns tantos

quilates de diamante,
quando temos vis-
tosos com necessida-
des e recursos que
se ajustam, quase sob
medida, aos países,
oferecendo perspec-
tivas capazes de al-
terarem, por comple-
to, a situação econo-
mica do Território,
com repercussão ex-
tensiva a todo o alto
Solimões, até Igaitos.

Nessa situação em
relação ao sul do País,
é comparável a um
funil, com a parte
estreita voltada para
o Rio Branco, quan-
to à importação
e exportação. Preci-
samos invertê-lo, ou
melhor, transformá-
lo em conduto de
entrada e saída equi-
valentes. Estamos
mantendo uma poli-
tica econômica estre-
ta, suscitada artificial-
mente pelos cofres
da Nação, por falta
talvez de intensifica-
ção do comércio in-

terno de tornar na-
cional o comércio
de nossas peculiar-
idades. Dessa divul-
gação somente poder-
ão decorrer provi-
dências especiais e
objetivas, pois o pro-
prio País, de modo
geral, é o mais inter-
essado a se despo-
jar o mais breve
possível dos onerosos
encargos com vista
colonização de facha-
da, para a qual não
se pôde encontrar
justificativa senão na
possibilidade, en-
tão remota, de nos
tornarmos pelo me-
nos auto-suficientes.
Voltemo-nos para o
exterior próximo e
ultrapassamos os
melhores produtos

Assinador ou assinante
O ÁTOMO
é vendido a preço de
capacidade, com uma
despesa de 1/2 centavo
por cópia.

CRIME

— NO —
TEPEQUEM

Notícias procedentes
daquele garçom infor-
mam ter sido assasina-
do Niccolau de tal
vilage Nicabaro, pelo in-
dividuo que arde pelo
apelido de Faralão. Ni-
coulau esteve há pouco
tempo aqui, em visita
com a polícia, por mo-
tivo de expugnação de
sua concessão por vici-
tinas.

PIADA — DA — Semana

Qual a diferen-
ça entre os funcio-
nários demitidos e
o Território?

— Não sei.
— É que aqueles
carbam de cuba
d'água e a cuba
d'água pode cair
em cima do Ter-
ritório.

Figura 39: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 3

B. V. Sab. 12-4-51

O ATOMO

Pág. 3

CRONICA POLITICA De Ar. Gueiros (Especial para O ATOMO)

Não podemos deixar de admirando um baselto, mais hábil e honesto de sacrifício no seu trabalho empenhamento no Mu-

cajal. Há, ao caso, ainda um aspecto particularmente feroz. Trata-se de que o sr. Ferreira, presido pelas circunstâncias, há cerca de um mês, procura venda de ocasião para o baselto em apreço, sujeitando-se a negociações até pela metade do valor ou sessenta por cento, etc. etc. etc. Propõe então ao Governo por valor de cinco mil e sete fechos a transação mais criteriosa possível nos vinte mil, a ponto tal, não se aproveitando de abertura de propostas, com tão pouco ultrapassando o social. Muito bem.

COLUNA DO GARIMPO

FAISCANDO

Escrito por Argemiro Quintanilha

Segundo as perspectivas dos fatos que sucedem concomitantemente, terrenos de acreditar que uma senda diferente, há de surgir em favor da classe garimpeira. Pelo menos, são estas as esperanças de todos os que mourem na ardua profissão em que são agora, ainda não sentiu o vislumbre, mesmo que fosse de um olhar retrospectivo dos poderes públicos. Acontece, que o tempo tem sido o sócio, para os governantes e legisladores de todas as regiões diamantíferas, tiveram o cuidado de beneficiar em qualquer sentido e de qualquer ma-

neira, um grupo de pessoas que tanto tem saído em favor da indústria extractiva dos diamantes. Frequentemente, as processas recrudescem, tão somente para confortar e lidar esses homens de trabalho, os quais, podem muito bem dizer que não temem as lutas, as lutas e os espinhos que enchem a estrada desse labor insano. E no caso de persistência do mesmo estado de coisas, revigorado pelo desleixo dos poderes competentes, os nossos bravos garimpeiros, continuarão de qualquer sorte, batendo como sempre pelas suas mais justas as-

pirações, tanto seja aqui, ali ou lá fora. O certo é que os dias, os meses e os anos passam, mas, tudo vai correndo no mesmo. A única coisa de belo que a classe vê em cada dia que desaparece, é o pôr do sol, quando o céu se tinge de cores deslumbrantes que nenhum pintor do mundo já conseguiu fixar em sua paleta. Mas os mistérios do colorido. Mas tudo isso é somente no reino da natureza, diante do qual, todos nós sentimos "pequenez". Entretanto, quando saímos da contemplação abstrata para as coisas naturais, tudo muda, passando a ter uma significação peyorativa, especialmente por parte daqueles que somente sabem aparecer nos cargos públicos como certas pedras se abaçam aos defuntos na laje do inferno. Por isso, ante certos belizes, e uma só palavra, mas, não é o objeto para a reprodução de outras coisas.

Contra-bia impressão a notícia de sr. João Agripa para a administração da propriedade respectiva. Tudo se de estado tra alidade a, falta moral, perniciosa hastes do P.A.T.

AGRADECIMENTO

Flavia Ferraz, ainda abalada pelo vacuo aberto em seu coração pela perda de seu querido pai Jaime Ferraz, vem com o presente agradecer a todos os parentes amigos que, com diversas provas de carinho e atenção lhe acompanharam, nos dias de luto, também no passamento de seu inextinguível pai, extensivo aos amigos nesta cidade e ausentes que lhe sentimentalizaram por telegramas, cartas e cartões. Hipoteca seu devotado, porém sincero agradecimento aos Medeiros Des. Constantino e Silvio, bem assim aos Enfermeiros senhor Castro e Angélica Liberato pelos esforços dispendidos para minorar os padecimentos do enfermo, rogando a DEUS ilumina-los sempre no arduo sarcedotio que abraçaram.

Annunciar ou enviar o O ATOMO é servir-se próprio, cooperando com uma organização a serviço do Povo

Madeira de refugio de cedro

Perfeitamente utilizável para qualquer fim, a varejo, por preço compensador, vende A. Diamantina

Av. Jayme Brasil, s/n.—B. Vista

Lundgren Sócios S. A.

Grande sortimento de Tecidos de belíssimas padronagens, são encontrados nas afamadas lojas

A Pernambucana

Vendas em grosso e a varejo — Concede descontos a reprodutores

XXIJA MARCA "OLHO"

Os Melhores Artigos! Aos Menores Preços

Av. Jayme Brasil s/n.—B. Vista—T.F. 9.8

M — DE —
O LUITGARDS
U MOURA &
R FILHOS
A Bar e Bazar
B Sorvetes deliciosos
B Bebidas nacionais e estrangeiras
B Est. Tel. Marabá
B BOA VISTA
B Ter. de Rio Branco

Figura 40: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 4



Pág. 4ª

O ÁTOMO

4. V. Sem. 21-4-51

ROUBO DE Cr\$ 4.600,00 JESUS Pinheiro

Assaltada uma quitanda no Caxangá

Solicitou-nos, etc.

Cent. da 8.ª vez pública esta revista, que se desenvolverá sem interrupção para o aumento e desenvolvimento de suas páginas.

8.ª - A administração mantida por um tempo na atual situação, foi modificada e a revista como empreendimento de caráter público, podendo receber e publicar fatos históricos e notícias de interesse da comunidade.

9.ª - Para que seja a revista sempre atualizada e atualizada, a administração privada, a N.ª - Uma a administração mantida e a revista em funcionamento em determinadas circunstâncias da comunidade.

10.ª - Não é mais proposta de administração que seja a revista, mas a revista em funcionamento em determinadas circunstâncias da comunidade.

11.ª - Não é mais proposta de administração que seja a revista, mas a revista em funcionamento em determinadas circunstâncias da comunidade.

anual administração, iniciada nos dias 21 de março parando temporariamente e poucos dias de exercício, não seria para se comparar com a gestão de mais de 2 meses. E outra coisa é de notar pois que a revista foi exposta a atual administração, não pode e não deve ser no erro e acurately.

Da Amã, Al.º Cruz, O.º

Arquiteto de Lima Carneiro

N.ª - Faremos voltar ao mestre insubstituível e meditar a respeito, também a revista para nada tendo a redução a ver com os conceitos atuais, conforme consta no expediente e nota publicada. Entretanto a qualidade de jornal independente e divulgação de todos os pontos de vista profundos de assuntos. Ver artigo de Lima Carneiro sobre...

Pela madrugada de dia 17 de setembro, quando do ar. 1951 foi roubado, cerca de 4.600,00 em dinheiro que se achava em uma caixa de segurança. Os proprietários, que residem no interior da casa, não presenciaram a entrada do ladrão, o qual pouco depois desapareceu com o dinheiro. Os proprietários são: Jesus Pinheiro e sua esposa.

CHAMADO POR Danton Coelho

Assessor de mais de 10 anos, de grande experiência em administração pública, foi chamado para trabalhar no Departamento de Educação, sob a direção de Danton Coelho. O Sr. Danton Coelho é o atual governador do Estado de Pernambuco.

ROTARY Club

Boa Vista, 12 de Abril de 1951.
Sr. Ten. José F. de Sá, Rua da Vitória, 10.
O Sr. Diretor do O. ÁTOMO.

Prezado Senhor,
Em nome do Conselho Diretor do R.C. desta Capital, agradeço a V.ª a nota publicada em seu periódico sob o título "Rotary Club" e a respeito do artigo publicado por V.ª sobre o assunto. Aproveito a oportunidade para reafirmar a V.ª a nossa estima e amizade, que estão sendo traduzidas em boas relações de trabalho.

Com os melhores cumprimentos e a certeza de que a revista continuará a ser atualizada e atualizada.

No palacete Teófilo teve lugar o 1.º jantar comemorativo da fundação do Rotary Club de Pernambuco. O jantar foi dado em homenagem ao Sr. Danton Coelho, atual governador do Estado de Pernambuco. O jantar foi muito agradável e contou com a presença de muitos convidados.

LAB RESTAURANTE C. D. M.
JORGE SIMÃO LOIZ
 Café - Refeições - Bebidas - Geladas
MAITRE D'HOTEL
 --- COLETE ---
 Serviço à qualquer hora
 Av. Getúlio Vargas e com L. Magalhães

Rio Branco Com. Limitada
 (Posto de Gasolina ESSO)
 Tem em estoque à venda pelos melhores preços - Óleos lubrificantes ESSOLUBE de todos os números. Ferro para punção de cimento armado em vergalhões e barras. Sábão de pido em rama. Tábuas para telas de tela de casa e Guarnição para telas de casa.

Alfabetaria «A Brasileira»
 de MARIO MANOEL MARIANO
 A mais nova e mais barata - A mais moderna em seus métodos de ensino - Confecção especializada em todo e qualquer serviço concernente a sua arte.
 Av. B. Brasil, cento, com J. Magalhães
 Boa Vista - T. 111 Boa Vista

Dr. Reinaldo Neves
 Clínica médico-cirúrgica
 Rua da Vitória, 10, com J. Magalhães
 Boa Vista - T. 111 Boa Vista

Figura 41: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 5



Figura 42: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 6



Pág. 6ª

O ATOMO

R. V. Sáb. 21-4-51

CONTRABANDO NO SURUMU

Dois rádios usados

Aos nossos leitores | escrevemos a no- | ticia publicada sob

REDONDILHAS

Para NEILE

Quando passas para a estrada,
Toda cheia de mosquito.
Tens a graça de uma rola,
Numa simples jacuride.
Vertida de azul e branco
E os teus cabelos em cachos,
Naquele sorriso franco,
Com muito encanto eu te vejo.
Quando voltar mais jovem,
Mais alegre, mais cativo,
Todos dizem na carreirar
"Mas que menina bonita!"
E eu fico tão satisfeito,
Num entusiasmo demuto,
Porque assim, deste jeito,
Euhei de orgulho os teus pais.
Se não te vejo passar,
Naquele ar de elegância,
Depois de tanto pensar,
Vou ao "Jardim da Infância".
E dentre tanta criança
Que brinca naquele sítio,
Digo quanto esperança,
Está esperando o recreio.
É tão sóto que ambiente,
De ruelas cheias de arranca,
No qual, tão bela e inocente,
Fulguras com quatro anas.

ARGENTINO GUIMARÃES

Máquina SINGER

COMPLETAMENTE NOVA

Pode ser sua

A conhecida casa "A Americana" em São Paulo, estabeleceu interressante comercialização de trazer suas famosas máquinas. Tratando de beneficiar a mulher com um cartão autorizado a qual dá-lhe a possibilidade de comprar o artigo de uma máquina Singer nova, em exposição naquele estabelecimento.

Para isso, se ao cartão de pedido, com o nome e endereço, e o valor de mil crêditos, e o cartão de pedido, que a casa Americana oferece.

o título acima, em nossa última edição. Devido pela nossa reportagem o sr. Donato Queiroz, o mesmo declarou que, vindo de Venezuela, por terra, adiantou-se à barra de seu comboio e chegando ao posto policial do Surumu, notificou ao delegado do interior sr. Antonio Maciel, al em exercício, de que trazia 2 rádios usados.

COM VISTAS A PRODUÇÃO

Por intermédio do sr. Luis de Oliveira, solicitamos os agricultores da serra do Tepequem, em número de vinte, a necessária assistência da D.P.T.C., pois parece ser ignorada, até agora, pelos poderes públicos a existência da intensa atividade agrícola naquele grupo a qual atende as necessidades mais urgentes da população camponesa que ali mora.

solicitando-lhe a finese de encaminhá-lo pelo avião da F.A.H. para Boa Vista onde pretendia promover a legalização dos aparelhos que vinham atraz, confiscados pelos combateiros. Ficou, segundo afirma, o sr. Donato surpreso com a atitude do delegado que lhe declarou seu desigmo de apreender os radios em apreço, com o que não se perturbou, continuando sua viagem para esta cidade, pois não agira de modo clandestino e sim procurara a primeira autoridade da fronteira para fazer sua declaração, dizendo-se confiante na ação das autoridades actuais. Ela a versão apresentada por uma das partes, faltando-nos ouvir as demais.

ALFAIATARIA ALBANO

— DE —

ALBANO RODRIGUES

Ex-contro-mestre da Alfaiataria Polv

— O REI DA TESOURA —

Perfeição e economia — Executa toda e qualquer obra a preços módicos.

Rua Bento Brasil 50 — Boa Vista-T.P.R.F.

Said S. Salomão

Grande Sertento de Fazendas, Estivas, Tintas, Brinquedos, Artigos para Presentes, Calçados, Paparia, Farragens e Acessórios em Geral.

TUDO MELHOR E MENORES PREÇOS — DA PRACA —

16. Cel. Bento Brasil 50 — Rua L. Nova — Boa Vista-T.P.R.F. — Telefone 21-1111

Figura 43: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 7



COLUNA ESPORTIVA

TORNEIO INICIO—O BARE' SAGROU-SE CAMPEÃO

Realizada pelo F.R.D....

Desde as primeiras...

Em prosseguimento...

teve a partida, sob a...

Para terminar o...

formou-se em posto...

não havendo, foi...

Está FALTANDO Farinha e Arroz

É lamentável que...

João Ribeiro, no...

Sabemos que o sr...

A Cr\$12,00 e 10,00

Compre A Diamantina...

Recomenda que os...

Ganhe um dinheiro fácil

Auto de Praça Ford N. 251

Ponto em frente ao Bar Tom...

A Ferrolandia

NOGUEIRA, IRMÃOS

Figura 44: Terceira edição do Jornal O Átomo, de 21 de abril de 1951, página 8

LUTO NACIONAL POR TRES DIAS

Correspondência

Do sr. Diretor da Produção, recebemos carta sobre o caso Figueira. No próximo número teremos a publicação mencionada, com o máximo possível. Medem falta absoluta de espaço neste.

COMENTARIOS DA SEMANA

Se estiver quando no O ATOMO, pretendo manter esta coluna para observar os fatos da semana, dizer o que pode sofrer uma objetividade para a vida democrática do nosso País, analisar os aspectos do nosso Território do Rio Branco, apontar os delitos e acertos no que diz respeito ao bem estar coletivo e, finalmente, procurar a boa frase, isto é, que clarificar, realçar a mais brava contribuição em prol da estabilidade, da grandiosidade e do constante progresso desta região da pátria.

Do leitor de O ATOMO pedimos desculpas para o comentário feito desta semana, principalmente os que se referem a chegar a ser esta a melhor semana da nossa. Escrevamos, com a intenção de realçar. As boas ideias serão aproveitadas em nossa edição de amanhã, em resumo, para o espaço a seguir.

Não pertence à redação de O ATOMO, que nem em caráter, para os efeitos legais, de uma publicação de caráter profissional. Uma publicação para esta região. Os dois primeiros comentários foram publicados e que promovem uma pequena discussão. Por isso, aqui estou eu para dar corpo ao ideal de construir a bem desta terra. De O ATOMO falamos, deixamos de escrever a respeito porque estamos sempre a esta disposição qualquer corrente política. Procura sempre para o progresso do Rio Branco.

Talvez seja esta a maior crítica que terei aqui para ser a identificação dos comentários, a representação do mesmo momento. Mas, esta semana não está tão boa quanto. E os comentários são poucos. Nada de utilidade de nenhuma das coisas.

Vou dar uma ideia somente de como serão feitas as nossas edições. Eu sempre penso na direção da imprensa do Território. Sou inteiramente contrário à fuga constante de capitais que bem poderiam ficar investidos no comércio local. Para isso, não está a vontade para diversos critérios. Talvez abtemos a vida do Território, que pretende ser a melhor em futuro próximo. Todos sabemos que a situação econômica do Território é a melhor, mas a situação econômica do Território é a melhor, mas a situação econômica do Território é a melhor. Não está disposto a ser comprado facilmente no comércio local. Não, que se beneficiaria e se desentendesse. Não, que se beneficiaria e se desentendesse. Não, que se beneficiaria e se desentendesse.

ALEC DANLO
... que não é novidade no mundo...

Morre o grande Presd. de Portugal

Foi decretado o luto nacional por três dias, em virtude do falecimento do Gal Carrilho, Presd. de Portugal.

Incêndio suspeito no «MORRO»

As duas horas de madrugada de 20 de setembro, ocorreu em uma fazenda localizada no morro, um incêndio que destruiu a fazenda e suas propriedades. A causa do incêndio não é conhecida.

Apelo AO PUBLICO

Compra-se nesta redação pelo preço de dez cruzeiros, cada exemplar, cinco números da primeira edição do O ATOMO.

ESCOLA de Artes Gráficas

Dentro de nossas modestas possibilidades, instituímos um curso de artes gráficas, até 5 alunos.

Já temos 3 matrículas preenchidas e existindo 2 vagas para os primeiros candidatos que se apresentarem. É gratuito o ensino. Desde que os alunos revelem certa habilitação, haverá condições de trabalho e proporcional remuneração, a título de estímulo e referência nos futuros contratos.

PERGUNTA DA Semana

Há com medicamento...

ANEXO I

Figura 45: Avenida Jaime Brasil. Município de Boa Vista – 1954



Fonte: Acervo IBGE.

ANEXO J

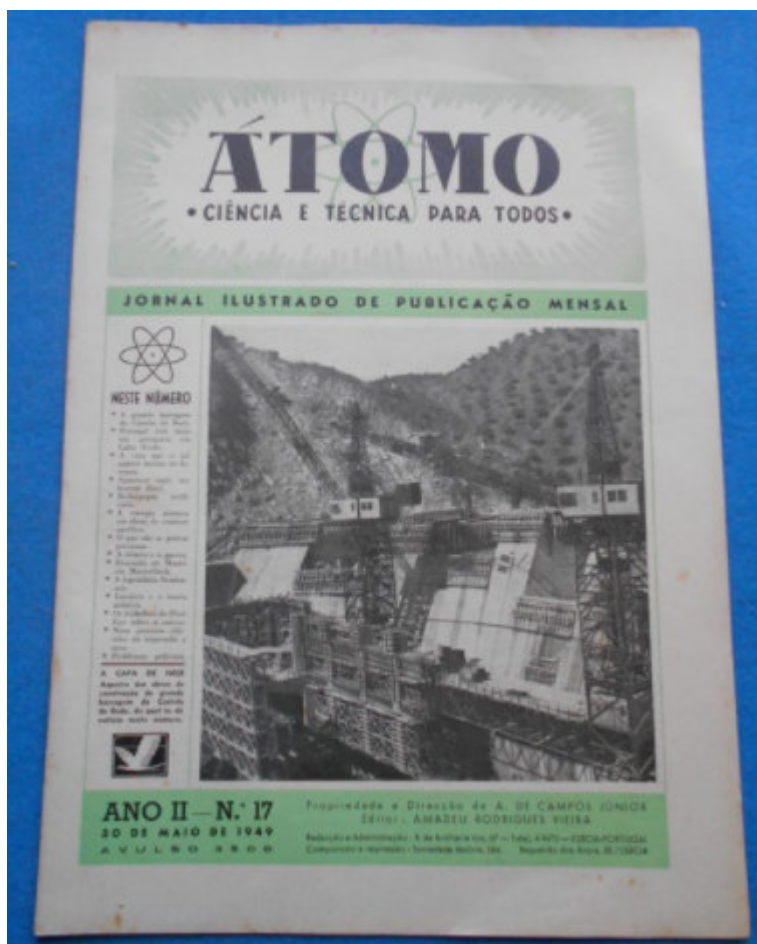
Figura 46: Prédio onde funcionou o jornal *O Átomo*



Fonte: o autor.

ANEXO K

Figura 47: Jornal Átomo: Ciência e tecnologia para todos, 1949



ANEXO L

Figura 48: Exemplo de tecido chita



Fonte: avimortecidos.com.br.